



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Letícia Felix da Silva

**A interoperabilidade semântica nos acervos de museus de arte moderna brasileiros: em
questão a representação descritiva**

Florianópolis

2023

Letícia Felix da Silva

A interoperabilidade semântica nos acervos de museus de arte moderna brasileiros: em questão a representação descritiva

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina, linha de Pesquisa: Memória, Mediação e Organização do Conhecimento, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Ciência da Informação.

Orientadora: Dra. Renata Cardozo Padilha.

Florianópolis

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Silva , Leticia Felix da

A interoperabilidade semântica nos acervos de museus de arte moderna brasileiros : em questão a representação descritiva / Leticia Felix da Silva ; orientadora, Renata Cardozo Padilha, 2023.

151 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós Graduação em Ciência da Informação, Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. Ciência da Informação. 2. Documentação museológica . 3. Ficha de catalogação. 4. Interoperabilidade semântica. 5. Representação descritiva. I. Padilha, Renata Cardozo . II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós Graduação em Ciência da Informação. III. Título.

Letícia Felix da Silva

A interoperabilidade semântica nos acervos de museus de arte moderna brasileiros: em questão a representação descritiva

O presente trabalho em nível de Mestrado foi avaliado e aprovado, em [24 de Fevereiro de 2023], pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof.a Camila Monteiro de Barros, Dra.
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.a Thainá Castro Costa, Dra.
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Dalton Lopes Martins, Dr.
Universidade de Brasília

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Mestra em Ciência da Informação atribuído pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFSC.

Prof. Dr. Edgar Bisset Alvarez
Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Prof.a Renata Cardozo Padilha, Dra.
Orientadora

Florianópolis, 2023.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de começar expressando minha profunda gratidão à minha orientadora, Renata Padilha, por me instruir tão bem durante todo o mestrado e por me incentivar e propiciar sempre um ambiente de troca saudável e amigável durante o desenvolvimento desta pesquisa. Também gostaria de agradecer aos professores do PGCIN, pelos conhecimentos adquiridos por meio das disciplinas cursadas no programa, bem como ao secretário, Samuel, pela dedicação e disposição em sanar qualquer dúvida

Agradeço às amigas que o mestrado me presenteou, Cinara, Daniele e Thatiane, pelas conversas e apoio durante esses dois anos. À Universidade Federal de Santa Catarina por mais uma vez me acolher como aluna e fornecer os recursos essenciais para minha trajetória acadêmica. Também sou grata à CAPES pelo auxílio financeiro concedido, o qual foi fundamental para a realização desta pesquisa. Não posso deixar de mencionar minha gratidão aos museus e seus funcionários, que gentilmente colaboraram e contribuíram para este estudo.

Agradeço também à minha família, meus pais Creusa e Osmar, meus irmãos Milene e Leandro, e à minha cunhada Beatriz, pelo incentivo e apoio nesta jornada. Ao meu amor, Gustavo, agradeço por tornar meus dias mais leves com sua amizade, amor, companheirismo e encorajamento. Também quero agradecer às minhas amigas Lucilene, Flávia, Sabrina, Daniele Rauber e Nathalia, pela amizade e apoio constante que me deram durante todo o processo. Por fim, gostaria de estender meus agradecimentos aos membros da banca, Camila, Thainá, Dalton, Luciane e Anna, por dedicarem seu tempo e esforço para ler e avaliar este trabalho.

RESUMO

SILVA, Letícia Felix da. **A interoperabilidade semântica nos acervos de museus de arte moderna brasileiros**: em questão a representação descritiva, 2023. 151. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2023.

Com base na literatura especializada, a presente pesquisa visa discutir as problemáticas que envolvem a falta de padronização no trato da documentação museológica, especificamente nas fichas de catalogação, enfatizando a importância desse documento para o desempenho de diversas atividades que ocorrem nas instituições museológicas. Também é argumentado sobre as vantagens da padronização desse instrumento para possibilitar a comunicação entre diferentes sistemas de catalogação que detêm da mesma tipologia de acervo, a qual se define por interoperabilidade. Nesse sentido, o objetivo geral da pesquisa é investigar a interoperabilidade semântica nos sistemas de catalogação de acervos de quatro museus de arte moderna brasileiros, sendo estes: Museu de Arte de São Paulo (MASP), Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM-RJ) e Museu de Arte de Santa Catarina (MASC). Os objetivos específicos são: a) levantar na literatura os aspectos de arte moderna para a interoperabilidade semântica dos sistemas de catalogação de museus; b) identificar os metadados e a padronização que compõem as fichas de catalogação dos museus de arte moderna brasileiro; c) refletir sobre o padrão mínimo de metadados para descrição de acervos museológicos de arte moderna proporcionando a interoperabilidade semântica. A metodologia utilizada é de abordagem descritiva, bibliográfica e documental, para sua execução foram inicialmente levantados na literatura, os aspectos informacionais que possam possibilitar a interoperabilidade semântica nos sistemas de catalogação de museus de arte moderna, utilizando como embasamento a Resolução Normativa n.º 14, de 2022 do IBRAM, bem como dois manuais que dispõem sobre catalogação em acervos de arte. De modo sequencial é investigada a representação descritiva composta pelos metadados das fichas de catalogação de cada um dos museus do escopo da pesquisa em relação aos materiais que foram anteriormente levantados. Por fim, é realizada a análise dos metadados que compõem as fichas de catalogação desses quatro museus, observando as semelhanças e diferenças entre as terminologias adotadas, com o propósito de investigar a possibilidade da atuação da interoperabilidade semântica entre seus sistemas de catalogação. Referente aos resultados obtidos, pode-se concluir que as fichas de catalogação detentoras de maiores números de metadados destinados a acervos de arte, possuíam também maior probabilidade de propiciar a interoperabilidade semântica com as outras fichas analisadas. Como conclusão, destaca-se a importância da estruturação e padronização dessa ferramenta para a descrição da tipologia de acervo que se pretende catalogar, considerando que tais ações contribuem para a recuperação informacional, bem como no desempenho da interoperabilidade semântica.

Palavras-chave: Documentação museológica. Ficha de catalogação. Interoperabilidade semântica. Representação descritiva.

ABSTRACT

SILVA, Leticia Felix da. **Semantic interoperability in Brazilian modern art museum collections:** descriptive representation in question, 2023. 151. Dissertation (Máster in Information Science Degree) – Post Graduation Program in Information Science, Federal University of Santa Catarina, Florianópolis, 2023.

Based on specialized literature, this research aims to discuss the problems that involve the non-standardization in dealing with museological documentation, specifically in cataloging records, emphasizing the importance of this document for the performance of various activities that occur in museological institutions. It is also argued the advantages of standardizing this instrument to enable communication between different cataloging systems that hold the same type of collection, which is defined by interoperability. The general objective of this research is to investigate the semantic interoperability in the cataloging systems of four Brazilian modern art museums: Museu de Arte de São Paulo (MASP), Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM-RJ), and Museu de Arte de Santa Catarina (MASC). The specific objectives are: a) to survey the literature on aspects of modern art for semantic interoperability of cataloging systems in museums; b) to identify the metadata and standardization that make up the cataloging records of Brazilian modern art museums; c) to reflect on the minimum standard of metadata for describing museum collections of modern art providing semantic interoperability. The methodology used is a descriptive approach, bibliographic and documentary, for its implementation were initially raised in the literature, the informational aspects that may enable the semantic interoperability in the cataloging systems of modern art museums, using as basis the Normative Resolution No. 14, 2022 of IBRAM, as well as two manuals that deal with cataloging in art collections. In a sequential manner, the descriptive representation composed of the metadata of the cataloging sheets of each of the museums in the scope of the research is investigated in relation to the materials that were previously surveyed. Finally, we analyze the metadata that make up the cataloging records of these four museums, observing the similarities and differences between the terminologies adopted, in order to investigate the possibility of semantic interoperability between their cataloging systems. The results obtained showed that the cataloging records with the largest amount of metadata for art collections were also more likely to provide semantic interoperability with the other records analyzed. In conclusion, we highlight the importance of structuring and standardizing this tool to describe the type of collection that is intended to be cataloged, considering that such actions contribute to information retrieval, as well as the performance of semantic interoperability.

Key words: Museum documentation. Cataloging record. Semantic interoperability. Descriptive representation

RESUMEN

SILVA, Letícia Felix da. **Interoperabilidad semántica en las colecciones de los museos de arte moderno brasileños: la representación descriptiva a debate**, 2023. 151. Disertación (Máster en Ciencias de la Información) – Programa de Posgrado en Ciencias de la Información, Universidad Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2023.

Con base en la literatura especializada, esta pesquisa pretende discutir los problemas que envuelven la falta de estandarización en el tratamiento de la documentación museológica, específicamente en las fichas de catalogación, enfatizando la importancia de este documento para la realización de las diversas actividades que ocurren en las instituciones museológicas. También se argumenta sobre las ventajas de la normalización de este instrumento para permitir la comunicación entre diferentes sistemas de catalogación que albergan el mismo tipo de colección, lo que se define por interoperabilidad. En este sentido, el objetivo general de la investigación es investigar la interoperabilidad semántica en los sistemas de catalogación de las colecciones de cuatro museos brasileños de arte moderno: Museu de Arte de São Paulo (MASP), Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM-RJ) y Museu de Arte de Santa Catarina (MASC). Los objetivos específicos son: a) relevar la literatura sobre aspectos del arte moderno para la interoperabilidad semántica de los sistemas de catalogación en museos; b) identificar los metadatos y la estandarización que componen los registros de catalogación de los museos de arte moderno brasileños; c) reflexionar sobre el estándar mínimo de metadatos para describir colecciones museísticas de arte moderno que proporcionen interoperabilidad semántica. La metodología utilizada es un enfoque descriptivo, bibliográfico y documental, para su aplicación se plantearon inicialmente en la literatura, los aspectos informativos que pueden permitir la interoperabilidad semántica en los sistemas de catalogación de los museos de arte moderno, utilizando como base la Resolución Normativa N° 14, 2022 de IBRAM, así como dos manuales que proporcionan sobre la catalogación en las colecciones de arte. De forma secuencial, se investiga la representación descriptiva compuesta por los metadatos de las fichas de catalogación de cada uno de los museos del ámbito de la investigación en relación con los materiales que fueron previamente encuestados. Por último, se realiza el análisis de los metadatos que componen los registros de catalogación de estos cuatro museos, observando las similitudes y diferencias entre las terminologías adoptadas, con el fin de investigar la posibilidad de la realización de la interoperabilidad semántica entre sus sistemas de catalogación. En relación con los resultados obtenidos, se puede concluir que los registros de catalogación con un mayor número de metadatos para colecciones de arte también tenían una mayor probabilidad de proporcionar interoperabilidad semántica con los demás registros analizados. Como conclusión, se destaca la importancia de la estructuración y estandarización de esta herramienta para la descripción de la tipología de colección que se pretende catalogar, considerando que tales acciones contribuyen a la recuperación de la información, así como en el desempeño de la interoperabilidad semántica.

Palabras clave: Documentación del museo. Registros de catalogación. Interoperabilidad semántica. Representación descriptiva.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1 - Ficha de catalogação para objeto museológico	28
--	----

QUADROS

Quadro 1 - Composição das ferramentas da documentação museológica	22
Quadro 2 - Prós e contras da ficha de catalogação física	30
Quadro 3 - Prós e contras da ficha de catalogação digital	31
Quadro 4 - Relação de metadados para a descrição de acervos artísticos segundo o Manual de catalogação de pinturas, esculturas, desenhos e gravuras	40
Quadro 5 - Relação de metadados para a descrição de acervos artísticos segundo a publicação Normas de Inventários - Artes Plásticas e Artes Decorativas	44
Quadro 6 - Relação dos museus recuperados na plataforma Museusbr	50
Quadro 7 - Relação dos museus selecionados na pesquisa	51
Quadro 8 - Setores de atuação direta ou indireta na documentação museológica do	52
Quadro 9 - Setores de atuação direta ou indireta na documentação museológica do MAM-SP	53
Quadro 10 - Setores de atuação direta ou indireta na documentação museológica do MAM-RJ	54
Quadro 11 - Setores de atuação direta ou indireta na documentação museológica do MASC	55
Quadro 12 - Primeiro objetivo específico	57
Quadro 13 - Segundo objetivo específico	57
Quadro 14 - Terceiro objetivo específico	58
Quadro 15 - Comparativo dos metadados presentes nas publicações de embasamento teórico.	59
Quadro 16 - Modelo metadados do IBRAM	63
Quadro 17 - Metadados MASP	65
Quadro 18 - Metadados MAM-SP	70
Quadro 19 - Metadados MAM-RJ	74
Quadro 20 - Metadados MASC	78

Quadro 21 - Metadados normativa IBRAM	80
Quadro 22 - Comparativo dos metadados presentes nas publicações de embasamento teórico - preenchido	83
Quadro 23 - Conjunto de metadados dos museus modernistas brasileiros: MASP, MAM SP, MAM RJ e MASC.	89
Quadro 24 - Grupo de categoria de metadados - MASP	96
Quadro 25 - Grupo de categoria de metadados - MAM-SP	99
Quadro 26 - Grupo de categoria de metadados - MAM RJ.	101
Quadro 27 - Grupo de categoria de metadados - MASC	103
Quadro 28 - Metadados para descrição de acervos de arte	107

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CI	Ciência da Informação
IIB	Instituto Internacional de Biblioteconomia
IDD	Instituto Internacional de Documentação
IBRAM	Instituto Brasileiro de Museus
ICOM	Conselho Internacional de Museus
IPM	Instituto Português de Museus
MAM	Museu de Arte Moderna
MASC	Museu de Arte de Santa Catarina
MASP	Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand
MAM-SP	Museu de Arte Moderna de São Paulo
MAM-RJ	Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro
MAMF	Museu de Arte Moderna de Florianópolis
MOMA	Museu de Arte Moderna de Nova York
MNBA-RJ	Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro
RI	Recuperação da Informação
SRI	Sistema de Recuperação de Informação
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TICs	Tecnologia da Informação e Comunicação
OI	Organização da Informação
OC	Organização do Conhecimento

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
1.1 DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA	7
1.2 JUSTIFICATIVA	11
1.3 OBJETIVOS	15
1.3.1 Objetivo Geral	15
1.3.2 Objetivos Específicos	15
1.4 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO	15
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	16
2.1 A DOCUMENTAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E NA MUSEOLOGIA	17
2.2 CATALOGAÇÃO EM MUSEUS EM DIÁLOGOS COM AS TICs: POSSIBILIDADES PARA A INTEROPERABILIDADE SEMÂNTICA	25
2.3 CARACTERIZAÇÃO DOS MUSEUS DE ARTE E A ATUAÇÃO DA DOCUMENTAÇÃO MUSEOLÓGICA	33
3. ASPECTOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	48
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	49
3.2 <i>CORPUS</i> E CONTEXTO	49
3.3 ETAPAS DA PESQUISA	56
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES	63
4.1 COMPOSIÇÃO INFORMACIONAL DAS FICHAS DE CATALOGAÇÃO DOS MUSEUS DE ARTE MODERNA	64
4.2 ANÁLISE DAS FICHAS DE CATALOGAÇÃO DOS MUSEUS DE ARTE SEGUNDO OS MANUAIS DE CATALOGAÇÃO DE ACERVOS DE ARTE	82
4.3 ANÁLISE DA INTEROPERABILIDADE SEMÂNTICA DAS FICHAS DE CATALOGAÇÃO DOS MUSEUS DE ARTE MODERNISTAS	88
CONSIDERAÇÕES FINAIS	108
REFERÊNCIAS	111
APÊNDICES	117
APÊNDICE A - Quadro de relação dos museus analisados para compor a pesquisa	117
APÊNDICE B - Equipe completa do MASP	124
APÊNDICE C - Equipe completa do MAM-SP	125
APÊNDICE D - Equipe completa do MAM-RJ	127
APÊNDICE E - Equipe completa do MASC	131

ANEXOS	131
ANEXO A - Ficha de catalogação do MASP	131
ANEXO B - Metadados da ficha de catalogação do MAM-SP	133
ANEXO C - Ficha de catalogação do MAM RJ	139
ANEXO D - Ficha de catalogação do MASC	142

1 INTRODUÇÃO

A representação descritiva ou catalogação, tema central desta pesquisa, pode ser entendida como “um processo de decisão multidimensional que estrutura e padroniza os diferentes aspectos de um item informacional, tornando-o único e passível de recuperação e uso” (AGANETTE, et al. 2017, p. 15). Nessa perspectiva destacamos a representação descritiva dos objetos museológicos, que possibilita que as informações respectivas aos acervos sejam armazenadas e recuperadas com facilidade por meio da padronização da documentação museológica. O tema do qual se constitui a presente pesquisa é uma continuidade do interesse que surgiu a partir da temática desenvolvida no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)¹, que teve como objetivo o estudo de caso da padronização dos termos de aquisição de acervos do Museu de Arte de Santa Catarina (MASC), e a análise de todos os documentos que firmavam as ações de aquisição do museu, denominados termos de aquisição.

É abordado no referido TCC a importância da padronização da documentação museológica das práticas administrativas, que legitimam o ato de entrada de um acervo para o museu e que também são as primeiras ferramentas a trazerem consigo informações indispensáveis sobre a história do objeto a ser adquirido.

Após a aquisição do objeto pelo museu, o instrumento a ser utilizado na documentação museológica é a ficha de catalogação, uma das ferramentas de maior importância para a instituição e acervo, por ser responsável pelo registro do maior número de informações de um objeto. Por meio desta pode-se ter um acesso mais profundo de conhecimento sobre cada objeto do acervo, com informações intrínsecas – coletadas em análises de suas propriedades físicas –, e extrínsecas - que estão para além da forma do objeto e se apresentam por meio de informações contextuais do objeto (CÂNDIDO, 2006).

A ficha de catalogação é composta por metadados², sua principal funcionalidade está em “permitir comunicabilidade e interoperabilidade entre sistemas” (CAFÉ; PADILHA, 2017, p. 115). A interoperabilidade, no que diz respeito a sua definição de maneira abrangente refere-se à “Capacidade intrínseca de dois ou mais sistemas de organização do conhecimento ou

¹ Padronização da documentação museológica do MASC: Um estudo de caso dos termos de aquisição. (2019). Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Museologia.

² Podem ser definidos como um conjunto de elementos que descrevem as informações contidas em um recurso, permitindo, assim, sua busca e recuperação. (GRÁCIO, 2002, p. 5)

sistemas de informação, para compartilhar, trocar e pesquisar dados ou informações” (BARITÉ, 2015, p. 89, tradução nossa).³

Deste modo, é perceptível a abrangência no que diz respeito à interoperabilidade, a qual pode estar ligada a diferentes níveis, desde que haja uma interação entre os metadados descritivos trabalhados. Ela pode ser classificada como: “técnica, semântica, organizacional, política e humana, intercomunitária, legal e internacional” (ANDRADE; CERVANTES, 2012, p. 154). Contudo, o que se pretende estudar aqui é a interoperabilidade semântica, que se aplica melhor ao conteúdo a ser abordado, da qual destaca-se como propósito a comunicação de sistemas por intermédio da utilização de termos que possuem significados em comum (GÓMEZ DUEÑAS, 2012), fazendo com que ambos os sistemas possam intercambiar informações.

Buscando, assim, esse intercâmbio de informações, a fim de garantir também a recuperação da mesma, faz-se necessário que os sistemas trabalhem com base em vocabulários controlados, os quais têm por função “organizar a informação e prover terminologia para a catalogação e recuperação de informação” (HARPRING 2010, p. 37). Neste sentido, o uso devido de uma padronização aplicada às fichas de catalogação pode garantir melhorias no que compete a ações da documentação e proporciona também um bom desempenho no trato informacional, garantindo assim, um bom gerenciamento institucional.

1.1 DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA

A Ciência da Informação se caracteriza como uma área interdisciplinar que visa estudar os processos que envolvem os percursos da informação, os quais abrangem desde a coleta até sua disseminação. Segundo definição de Borko (1968, p. 1) “a Ciência da Informação está preocupada com o corpo de conhecimentos relacionados à origem, coleção, organização, armazenamento, recuperação, interpretação, transmissão, transformação, e utilização da informação”.

Para que essas ações sejam executadas de maneira concreta e que por consequência seja exercido o propósito da Ciência da Informação, é necessário que todas estejam conectadas. Dentre as ações propostas pela Ciência da Informação está a organização da informação (OI), imprescindível para a recuperação e disseminação da mesma. Esta pode ser definida como

um processo que envolve a descrição física e de conteúdo dos objetos informacionais. O produto desse processo descritivo é a **representação da informação**, entendida

³ Capacidad intrínseca de dos o más sistemas de organización del conocimiento o sistemas de información, para compartir, intercambiar y buscar datos o información.

como um conjunto de elementos descritivos que representam os atributos de um objeto informacional específico. (BRÄSCHER; CAFÉ, 2008, p. 5, grifo do autor)

Nesse contexto, diferente da Organização do Conhecimento (OC) que “visa à construção de modelos de mundo que se constituem em abstrações da realidade” (BRÄSCHER; CAFÉ, p. 6), a OI se restringe no trato da informação, por meio da descrição físicas do objeto, “distinto do mundo da cognição, ou das ideias, cuja unidade elementar é o conceito” (BRÄSCHER; CAFÉ, 2008, p. 5).

Conforme Bräscher e Café (2008), para atingir o objetivo da OI é necessário que seja realizada a descrição das características físicas que compreendem os objetos informacionais, estas que se relacionam ao terceiro elemento da informação proposto por Fogl (1979), o suporte (objetos materiais ou energia). “A OI compreende, também, a organização de um conjunto de objetos informacionais para arranjá-los sistematicamente em coleções, neste caso, temos a organização da informação em bibliotecas, museus, arquivos, tanto tradicionais quanto eletrônicos.” (BRÄSCHER; CAFÉ, 2008, p. 6). E nesse caso, cabe a cada Unidade de Informação fazer uso dos recursos que compreende o seu escopo para melhor documentar seus acervos. No âmbito dos museus, a OI pode se dar por intermédio da documentação museológica.

O emprego da documentação museológica é imprescindível para o exercício das atividades que regem um museu, haja vista que o seu desempenho abarca duas frentes elementares para as instituições museológicas, sendo: a documentação do objeto museológico e a documentação das práticas administrativas da instituição. Segundo Padilha (2014, p. 35) “o primeiro trata da compilação dos dados e do tratamento informacional extraídos de cada objeto adquirido pelo museu, enquanto que o segundo considera toda a documentação produzida pela instituição para legitimar suas práticas desenvolvidas”. Cada qual é responsável pela documentação de diferentes elementos, porém com a mesma finalidade: documentar para propiciar a organização bem como a recuperação informacional (PADILHA, 2014), que auxiliará o exercício das demais áreas do museu.

No que concerne ao emprego da documentação do objeto museológico especificamente, utiliza-se como instrumento a ficha de catalogação para reunir em um só lugar, uma quantidade significativa de informações relevantes sobre um objeto, para que estas possam ser recuperadas com facilidade quando necessárias. Entretanto, para que se torne precisa e fácil essa recuperação é necessária a adoção de alguns procedimentos que irão favorecer essa busca. A catalogação também identificada como representação descritiva (AGANETTE, et al. 2017)

exige a aplicação de certos padrões na ferramenta, a fim de que seu uso seja vantajoso para a instituição a qual o detém. Estes padrões relacionam-se com a inserção de termos adequados e padronizados que envolvem a organização da informação e até mesmo a disposição da ordem hierárquica da informação. Essas ações são indispensáveis para que as informações referentes aos acervos se mantenham recuperáveis, permitindo assim maior alcance do conteúdo de suas coleções pelo público externo.

A existência de museus brasileiros que não adotam recursos metodológicos para a representação descritiva em nível básico de seus acervos artísticos implica o não processamento das informações e, conseqüentemente, a desorganização de uma massa informacional e documental que, de outra forma, permitiria uma maior visibilidade das coleções artísticas nacionais. (BAPTISTA, 2021, p. 03)

O autor acima cita as problemáticas que envolvem a não adoção de metodologias para a descrição de acervos de museus artísticos, porém, essa não é uma questão restrita à essa tipologia de museu. A desordem na documentação que diz respeito à descrição de acervos é algo que pode ocorrer em qualquer instituição museológica, e esse fator interfere diretamente na organização bem como na recuperação das informações dos objetos, desencadeando em outros possíveis problemas para o museu.

A falta de metodologia adequada ou não padronizada no trato da documentação museológica pode prejudicar em diversos níveis o funcionamento da instituição, que vão desde perdas informacionais até o próprio atendimento de públicos. Leva-se aqui em consideração que a documentação museológica está presente direta ou indiretamente em todos os campos de atuação do museu.

A normalização dos procedimentos que compõem a documentação museológica é a ação que pode possibilitar a padronização dos documentos do museu e, portanto, não pode ser negligenciada ou mesmo considerada como algo secundário nos museus, pois é a partir do seu desempenho que a documentação se torna eficiente. Portanto, o museu que não destina a devida atenção às práticas que envolvam a normalização, poderão enfrentar possíveis problemas acerca da sua gestão, como também poderão impossibilitar que seus sistemas desempenhem a atuação da interoperabilidade, a qual necessita especificamente da padronização documental, fazendo com que a instituição se feche entre si, inviabilizando o intercâmbio informacional entre instituições similares. Deste modo, a instituição perde a oportunidade de expandir o conteúdo informacional de seus acervos e interagir com instituições que possam proporcionar mais visibilidade em seu meio.

Cada museu elabora, a partir do entendimento de seus acervos, uma ficha de catalogação que represente as necessidades de suas coleções. Desse modo, são pensados na aplicação de metadados, como também na organização desses na ficha, os quais possam propiciar um entendimento objetivo sobre a descrição dos acervos, bem como a recuperação das informações. Tendo isso em vista, é notório que cada museu busque elaborar uma ficha de catalogação possuindo as particularidades de suas coleções, que possivelmente irá conter metadados que não compreendem as fichas de catalogação de outros museus.

Todavia, existem as categorias de museus que fazem com que estes sejam enquadrados em determinada tipologia. Nesse caso, tratando-se de catalogação de acervos, é possível que as fichas de catalogação de museus que possuem a mesma tipologia de acervo utilizem os mesmos metadados para descreverem seus acervos, possibilitando a comunicação entre seus diferentes sistemas de catalogação, a qual se identifica como interoperabilidade.

Como anteriormente destacado, a interoperabilidade semântica

é a capacidade dos sistemas de informação (bibliotecas digitais e repositórios institucionais), para intercambiar informações baseando-se em um significado comum dos termos e expressões contidas nos metadados e documentos com o objetivo de assegurar a consistência, a representação e a recuperação dos conteúdos. (GÓMEZ DUEÑAS, 2012, p. 2-3, tradução nossa).⁴

Portanto, para sua atuação, é necessário que seja pensado na nomeação dos metadados a fim de buscar uma padronização, pois somente mediante isto será possível a comunicabilidade entre os sistemas. “Por utilizar a padronização como recurso, todos os aspectos da interoperabilidade devem ser formalmente definidos” (ANDRADE, 2012, p. 123), os quais incluem a escolha das terminologias adequadas, que estarão de acordo com o vocabulário controlado empregado.

Ao que se refere aos museus, especificamente, o desempenho da interoperabilidade semântica acontece por meio da comunicabilidade das informações dos acervos museológicos. Segundo Yassuda (2009, p.23) “O museu, enquanto unidade de informação, tem a responsabilidade de proporcionar meios de transmissão da informação, portanto, cabe a ele gerir sistemas eficientes que possibilitem a comunicação dos dados oriundos dos objetos de suas coleções”.

Neste sentido, para a atuação da interoperabilidade, é necessário que as instituições museológicas percebam a necessidade da normalização dos procedimentos da documentação,

⁴ la capacidad de los sistemas de información (Bibliotecas Digitales y Repositorios Institucionales), para intercambiar información basándose en un significado común de los términos y expresiones contenidos en los metadatos y documentos, con el fin de asegurar la consistencia representación y recuperación de los contenidos.

para que, assim, a padronização de seus sistemas em conjunto com a atuação das ferramentas tecnológicas possa contribuir na construção de um sistema documental que auxilie na disseminação informacional, bem como na comunicação de seus sistemas.

Por meio da situação exposta, a pergunta de pesquisa que direciona esta pesquisa é: Existe interoperabilidade semântica entre os metadados que compõem as fichas de catalogação dos museus de arte moderna brasileiros?

1.2 JUSTIFICATIVA

O modernismo no Brasil surgiu com um marco simbólico da Semana de Arte Moderna, no ano de 1922, e teve como objetivo declarar um rompimento com o tradicionalismo cultural; isso incluiu desde correntes literárias a manifestações artísticas. “A defesa de um novo ponto de vista estético e o compromisso com a independência cultural do país fazem do modernismo sinônimo de - estilo novo -, diretamente associado à produção realizada sob a influência de 1922” (ITAÚ CULTURAL, 2018, n.p).

Nesse contexto ocorre a implantação de diversos museus voltados à arte moderna no país, alguns deles intitulados como Museu de Arte Moderna (MAM). A década de 40 foi marcada pela criação dos primeiros museus modernistas brasileiros: o primeiro desses foi o Museu de Arte de São Paulo (MASP), fundado em 1947 na capital paulista, pelo empresário Assis Chateaubriand⁵ (1892-1968). No ano seguinte, são criados o Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), na cidade de São Paulo, por iniciativa do industrial Francisco Matarazzo Sobrinho (1889-1977)⁶ e o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM-RJ), na cidade do Rio de Janeiro, por meio do projeto arquitetônico de Affonso Eduardo Reidy (1928-2021)⁷. Fechando essa primeira década de criação dos museus modernistas brasileiros, temos a criação do Museu de Arte Moderna de Florianópolis (MAMF) em 1949 na capital catarinense, o qual foi criado a partir de movimentações de um grupo de intelectuais, escritores e artistas,

⁵ Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Mello, nascido na Paraíba, foi Jornalista, escritor, empresário, advogado, político e mecenas. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa378473/assis-chateaubriand>. Acesso em 28 Mai. 2022.

⁶ Francisco Matarazzo Sobrinho, nascido em São Paulo, foi colecionador, industrial e mecenas. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa16545/ciccillo-matarazzo>. Acesso em 10 Mai. 2022.

⁷ Affonso Eduardo Reidy, nascido na França, foi arquiteto-urbanista e professor. Quando estudante, teve participação na elaboração do Plano Diretor da cidade do Rio de Janeiro, enquanto estagiário do urbanista Donat Alfred Agache (1875-1934). Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa248693/affonso-eduardo-reidy>. Acesso em 10 Mai. 2022.

denominado Grupo Sul. Posteriormente, em 1970, o museu passa a ser intitulado como Museu de Arte de Santa Catarina (MASC).

Os museus aqui citados carregam em comum a tipologia de acervos salvaguardados em seus espaços, bem como o recorte temporal no qual foram criados, o que pode levar à constatação de que tais museus possuem algumas especificidades atribuídas a sua tipologia, como a comunicação, a disposição de seus acervos nos espaços expositivos, o conteúdo a ser abordado em exposições, os meios de documentar seus acervos, entre outros elementos. Todavia, existe algo que deve ser elementar em quaisquer instituições museológicas, referente ao desempenho da função social do museu.

A própria definição de museu evidencia seu papel em relação à sociedade, ressaltando a impossibilidade da dissociação entre esses dois sujeitos. De acordo com o Conselho Internacional de Museus (ICOM):

Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade, que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe o patrimônio material e imaterial. Os museus, abertos ao público, acessíveis e inclusivos, fomentam a diversidade e a sustentabilidade. Os museus funcionam e comunicam ética, profissionalmente e, com a participação das comunidades, proporcionam experiências diversas para educação, fruição, reflexão e partilha de conhecimento. (CONSELHO INTERNACIONAL DE MUSEUS, 2022, n.p)

Deste modo, as atividades que acontecem no âmbito do museu só fazem sentido porque existem para a sociedade, o propósito dos museus está ao alcance de seus públicos. Mas para que o museu desempenhe suas atividades de maneira ética, cumprindo com a sua função social, é necessário que o mesmo esteja de acordo com o Estatuto de Museus e também em conformidade com o Código de Ética para Museus. No que compete aos princípios fundamentais do museu, a Lei 11.904, de 14 de janeiro de 2009, que institui o Estatuto de Museus, estabelece em seu Art 2º (BRASIL, 2009):

- I – a valorização da dignidade humana;
- II – a promoção da cidadania;
- III – o cumprimento da função social;
- IV – a valorização e preservação do patrimônio cultural e ambiental;
- V – a universalidade do acesso, o respeito e a valorização à diversidade cultural;
- VI – o intercâmbio institucional.

Um dos pontos importantes para que esses princípios fundamentais ocorram, refere-se à necessidade das instituições e dos profissionais estarem em consonância com o Código de Ética para Museus (BRASIL, 2009). Neste contexto, a ética precisa estar presente nas atividades

desenvolvidas no âmbito museal, pois para além dos princípios citados do Estatuto de Museus, a ética também proporciona uma segurança legal e jurídica para a instituição.

Uma dessas áreas a serem evidenciadas no que tange o uso da ética, é a da documentação, já que o exercício de sua função está estritamente relacionado às outras áreas do âmbito do museu. Segundo o Código de Ética do ICOM para Museus (CONSELHO INTERNACIONAL DE MUSEUS, 2006), é dever do museu manter a documentação de seus acervos de acordo com normas estabelecidas profissionalmente, assegurando assim a recuperação e o acesso de dados referentes aos acervos pelos profissionais de museus, pelos pesquisadores e sociedade.

A ficha de catalogação constitui parte da documentação: é um dos documentos de grande importância do museu, que registra todas as informações sobre o objeto museológico. Por meio da ficha de catalogação é possível obter informações sobre a origem do objeto, a simbologia que ele carrega, dimensões, entre outros aspectos. Sua utilização auxilia o desenvolvimento de diversas atividades do museu, desde exposições até atendimento de pesquisadores e público em geral. Tendo isso em vista, é importante manter as informações que compõem a ficha de catalogação sempre sistematizadas, a fim de não comprometer o desempenho das outras áreas do escopo do museu.

Neste sentido, a disposição dos metadados que compõem a ficha de catalogação é essencial para checar a veracidade das informações ali contidas, ter uma compreensão mais profunda sobre o acervo e assegurar a salvaguarda do objeto. A padronização, no que compete a ficha de catalogação, está relacionada à disposição dos metadados, à terminologia utilizada para descrição de cada campo, bem como à ordem hierárquica informacional, que indica o grau de importância de uma determinada informação, que deve estar em evidência no momento de averiguação do documento. Sendo assim, a padronização faz com que as informações sejam recuperadas com maior eficiência, do ponto de vista do acesso e da compreensão.

Quando se leva em consideração a padronização na confecção de documentos, a recuperação da informação é mais precisa, pois a padronização está relacionada a uma organização da informação, que por sua vez facilitará o acesso aos dados intrínsecos e extrínsecos do acervo. Além disso, o documento quando padronizado pode possibilitar a interoperabilidade, para que seja possível a implantação de sistemas interoperáveis,

Neste sentido, o uso de uma padronização aplicada às fichas de catalogação dos respectivos museus pode possibilitar a interoperabilidade entre seus sistemas de catalogação de acervo, contribuindo para a gestão da informação, proporcionando um acesso mais amplo sobre

seu acervo, facilitando a disseminação informacional e a compreensão da mesma não só para profissionais de museus, que teriam um domínio maior sobre seu acervo, mas também para o acesso do público em geral. Sendo assim, a atuação de uma documentação cuidadosa pode proporcionar inúmeros benefícios à instituição em questão, tendo como ponto fundamental o cumprimento de sua função social.

A atuação de uma interoperabilidade neste caso está associada a uma ferramenta facilitadora de disseminação de informação, já que sua ação permite que diferentes museus de arte situados em diferentes Estados consigam, por meio de seus sistemas de catalogação de acervo, facilitar realizações de ações de empréstimos de acervos, fazendo com que os públicos de um Estado tenham acesso a acervos pertencentes ao outro Estado.

Ademais, a interoperabilidade facilita que o intercâmbio informacional enriqueça as informações disponibilizadas por esses museus, entregando dessa forma mais qualidade de serviço à população; viabilizando melhores ações de atendimento de pesquisadores e também facilitando o manuseio de documentos pelos profissionais de museus. A padronização empregada nos documentos facilitará o entendimento dos mesmos, fazendo com que os profissionais que lidam com essa documentação tenham um domínio maior de entendimento sobre elas, e ofereçam, conseqüentemente, melhores atendimentos a seus públicos, assim como os pesquisadores terão acesso às informações mais organizadas e abundantes, otimizando assim suas pesquisas.

A presente pesquisa parte de um interesse específico sobre a organização da informação nos espaços museológicos, a qual é contemplada pelo estudo da documentação museológica. Os motivos que levaram a investigação dessa temática surgem, a partir de experiências nos espaços museológicos, onde foi possível observar o quanto uma organização documental malsucedida pode prejudicar diversas esferas da instituição, levando em consideração que a documentação museológica muitas vezes é negligenciada nesses espaços. O fato do trabalho, que permeia a documentação, ser executado nos bastidores do museu, pode ser visto como uma atividade de segundo plano dentre outras ações da instituição, e é a partir disso que ocorrem as perdas informacionais, desorganização documental, dentre outras adversidades, as quais irão prejudicar a entrega do serviço que é proposto pelo museu para a sociedade. Nesse sentido, a referida pesquisa foi pensada para investigar a organização informacional dentro das fichas de catalogação, a qual desempenha um papel fundamental na documentação dos acervos museológicos quando bem articulada.

Ainda é importante destacar que, do ponto de vista pessoal, na condição de museóloga e pesquisadora em desenvolvimento na área da Ciência da Informação, a pesquisa em questão possui uma temática que visa dar continuidade aos estudos que vem sendo desempenhados desde a graduação, os quais sempre direcionados no âmbito da documentação museológica, em específico, à organização da informação (OI) e Representação da Informação (RI) em museus. Além disso, a realização desta pesquisa tem o intuito de ampliar o conhecimento sobre a área da Ciência da Informação (CI), relacionando com a Museologia e contribuindo, desta forma, na bagagem teórica sobre a documentação museológica. Do ponto de vista profissional, a escrita da dissertação em questão tem como objetivo trazer facilidades para a gestão da informação nos sistemas de catalogação dos museus, possibilitando aos profissionais do museu terem maior domínio sobre seus acervos. Por fim, a respeito da importância deste trabalho para a Ciência da Informação, teria como intuito trazer contribuições de outras áreas do conhecimento, que se relacionem com o escopo da CI, bem como ampliar a discussão sobre a CI em outras Unidades de Informação, neste caso, o museu.

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Objetivo Geral

Investigar a interoperabilidade semântica nos sistemas de catalogação dos acervos de arte moderna brasileiros.

1.3.2 Objetivos Específicos

- a) Levantar na literatura os aspectos de arte moderna para a interoperabilidade semântica dos sistemas de catalogação de museus.
- b) Identificar os metadados que compõem as fichas de catalogação dos museus de arte moderna brasileiros, buscando verificar semelhanças e distinções na correspondência dos termos utilizados para nomear os metadados.
- d) Refletir sobre o padrão mínimo de metadados para descrição de acervos museológicos de arte moderna proporcionando a interoperabilidade semântica.

1.4 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

A estrutura da dissertação está organizada por meio da divisão de cinco seções. As quais identificam-se como: introdução, fundamentação teórica, aspectos e procedimentos metodológicos, resultados e discussões e considerações finais. Na primeira seção constam a delimitação do problema, a justificativa, bem como os objetivos da referida pesquisa. A segunda seção, a qual diz respeito à fundamentação teórica, é composta por três subseções conceituais, a primeira trata-se sobre a caracterização dos museus de arte em consonância com a documentação museológica nesses espaços, na segunda discorre-se sobre a documentação museológica no viés da museologia e da ciência da informação, e a última subseção aborda a catalogação em museus em diálogo com as tecnologias da informação. Em sequência, na terceira seção, são apresentados os procedimentos metodológicos adotados para o desenvolvimento da mesma, os quais podem ser observados na divisão de três subseções, sendo: caracterização da pesquisa, *corpus* e contexto e etapas da pesquisa. Na quarta seção são apresentados os resultados obtidos no desenvolvimento da pesquisa, alicerçados pela literatura especializada. Por último, na quinta seção, é discorrido sobre as considerações finais da pesquisa, relatando sobre o alcance de cada objetivo específico proposto. Ao final, encontram-se as referências, anexos e apêndices da dissertação.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção é apresentado o referencial teórico, responsável pela fundamentação desta pesquisa. Inicialmente discorreremos sobre o campo da documentação no âmbito da Ciência da Informação bem como no da Museologia, apontando, em seguida, as ferramentas basilares utilizadas na área da Museologia. Posteriormente abordaremos sobre os aspectos da catalogação em museus, destacando o desempenho da ficha de catalogação em diálogo com as tecnologias da informação e da comunicação e sua atuação para o desempenho da interoperabilidade. Por último discutiremos sobre os museus no escopo da arte moderna. Para tanto foi realizada uma breve contextualização desde o início da criação dos museus até o surgimento dos museus de arte moderna brasileiros, propriamente ditos. De maneira sequencial, trataremos de forma breve, sobre a documentação museológica no contexto de acervos de tipologia artística.

2.1 A DOCUMENTAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E NA MUSEOLOGIA

A documentação como disciplina começa a ser pensada a partir de movimentações de duas importantes figuras, Paul Otlet (1868-1944) e Henri La Fontaine (1854-1943). Ambos os advogados foram mentores em 1895 do Instituto Internacional de Bibliografia (IIB), que passou a ser denominado, mais tarde, como Instituto Internacional de Documentação (IID), seus interesses em comum eram resolver os problemas acerca da organização e acesso das fontes documentais (GUGLIOTTA, 2017). Otlet acreditava que “o acesso ao conhecimento por todos os povos levaria a uma maior compreensão da concepção da alteridade, no sentido do conhecimento das diferenças, o que possibilitaria a paz mundial.” (ORTEGA, 2009, p. 62), fato que contribuía ainda mais para a sua busca no desenvolvimento desta área.

Paul Otlet é conhecido como o “pai” da documentação devido às suas inúmeras contribuições nesta área, trazendo conceituações tanto do termo documento quanto do termo documentação.

Otlet adotou a palavra documentação inicialmente em 1903, em artigo intitulado *Le sciences bibliographiques et la documentation*, no sentido do processo de fornecimento de documentos ou referências dos mesmos àqueles que precisam da informação que eles contêm. (ORTEGA, 2009, p. 62).

Mais tarde, em sua obra intitulada *Traité de Documentation* de 1934, Otlet “define os documentos na condição de registros escritos, gráficos ou tridimensionais que representam ideias ou objetos e que informam” (SMIT, 2008. p. 12). Neste caso, segundo sua colocação, quaisquer objetos que portavam informações, poderiam ser considerados como documentos.

Outra figura em destaque no âmbito da documentação foi Suzane Briet (1894-1989), uma bibliotecária e documentalista que atuou na Biblioteca Nacional na França. Briet muito interessada sobre os assuntos que envolviam a documentação, deu continuidade ao trabalho de Otlet, trouxe novas abordagens referentes a conceituações sobre documento e, conseqüentemente, apresentou grandes contribuições no avanço desta disciplina.

Em sua obra *Qu'est-ce la documentation?* (1951), onde o título se apresenta como uma indagação, Briet traz questionamentos sobre o que poderia ser então considerado um documento. A autora afirma que documento é “[...] todo indício, concreto ou simbólico, conservado ou registrado, com a finalidade de representar, reconstruir ou provar um fenômeno físico ou intelectual” (BRIET, 1951, p. 1). Assim, no intuito de elucidar, apresenta uma formulação de pensamentos para identificar o que poderia ou não ser passível de ser documento:

Uma estrela é um documento? Um seixo rolado pela correnteza é um documento? Um animal vivo é um documento? Não, mas são documentos as fotografias e os catálogos de estrelas, as pedras de um museu de mineralogia, os animais catalogados e expostos num zoológico (Ibid, p. 1).

Além disso, Briet completa afirmando que

[...] quaisquer objetos, mesmo os seres vivos, possuem a possibilidade de se transformarem em documentos, pois carregam consigo o “status de evidência”, uma situação que se configura a posteriori e que se concretiza somente se os agentes que atuam num dado contexto assim o determinarem. (SALDANHA, 2012 apud GUGLIOTTA, 2017, p.15).

Com isso percebe-se uma linha tênue sobre o entendimento de documento, muita coisa pode ser considerada documento, mas existem certos requisitos a se cumprirem para que esses passem de objetos comuns, para o status de documento, a ponto de ser armazenado, e salvaguardado.

Nesta perspectiva de comparação entre os dois teóricos da documentação, Paul Otlet e Suzanne Briet, é percebida uma continuação de trabalho e afinamento sobre as aplicações de conceituações. Tendo antes uma definição um pouco mais abrangente sendo aplicada por Otlet, mais tarde temos o mesmo conceito definido de maneira mais precisa, e com condicionalidades.

Se Otlet, em sua ânsia de tudo abarcar, considerou todos os objetos potenciais portadores de informação, Briet sublinhou as condições nas quais o objeto pode ser considerado um documento: quando o mesmo traz uma evidência que faz com que outros o percebam como documento, ressaltando o caráter relativo da caracterização (SMIT, 2008, p. 15).

Ambos os teóricos, tanto Otlet quanto Briet, foram e ainda são pensadores essenciais para o entendimento da disciplina de documentação, cada qual trazendo por meio de sua bagagem teórica contribuições para o campo, todas tão relevantes que passaram a ser utilizadas como base teórica para criação de novas abordagens conceituais e para o surgimento de novos campos dos saberes. Além disso, o legado deixado por Otlet e Briet ainda é utilizado com muita frequência na academia.

Grande admirador da obra de Suzanne Briet, Michael Buckland, teórico no âmbito da Ciência da Informação, foi responsável por trazer a debate novamente assuntos abarcados pelas obras de Otlet e Briet, que estavam até então “esquecidas”. Além disso, trouxe importantes contribuições em seu livro *Information as thing* (1991), sendo um dos teóricos mais citados na Ciência da Informação. (SILVA, 2019).

No que compete à definição de documento, Buckland (1997) utiliza concepções de Briet para elaborar uma sumarização sobre as condicionalidades que a autora aponta para determinar um documento:

- (1) Há materialidade: Apenas objetos físicos e sinais físicos;
- (2) Há intencionalidade: Pretende-se que o objeto seja tratado como prova;
- (3) Os objetos devem ser processados: Eles têm que ser transformados em documentos;
- (4) Há uma posição fenomenológica: O objeto é percebido como um documento. (BUCKLAND, 1997, p. 806, tradução nossa)⁸

Por meio desta proposição é possível ter a visualização dos componentes necessários para que um objeto seja passível de ser um documento. Um aspecto a se destacar é a intencionalidade, pois, duas canetas podem ser similares no que compete à sua funcionalidade primária, que é escrever, porém, o que irá diferenciá-las é o valor agregado a elas, sendo assim, a caneta que pertenceu a uma figura de importância social, ou que foi utilizada para assinar determinado documento de importância terá valor necessário para ser um possível documento.

⁸ 1. There is materiality: Physical objects and physical signs only; 2. There is intentionality: It is intended that the object be treated as evidence; 3. The objects have to be processed: They have to be made into documents; and, we think, 4. There is a phenomenological position: The object is perceived to be a document.

Partindo do documento temos a área responsável pelo seu gerenciamento, a documentação. “Trata-se da invenção de normas, códigos e interesses sobrecodificados por valores e lógicas distintas, voltados para a ordenação dos saberes, a fim de prover instâncias facilitadoras de acesso à informação.” (LOUREIRO, 2008, p. 24).

Dependendo da área de concentração onde a documentação esteja inserida, ela pode ser interpretada de maneira um pouco diferente, mas de modo geral, a documentação tende a ter o mesmo objetivo, trabalhar, por meio de suas operacionalizações específicas a organização dos documentos.

Neste sentido, a documentação interfere de modo direto no gerenciamento institucional, relativo à organização e recuperação informacional dos documentos da instituição em questão. Por meio de uma lógica organizacional a documentação auxiliará outras áreas de atuação da instituição, e interferirá, conseqüentemente, na gestão de toda a instituição.

Buckland, em sua obra *Information as Thing* (1991), apresenta três diferentes significados para a palavra informação: 1. Informação como processo – relacionado ao ato de informar/comunicar alguém; 2. Informação como conhecimento – relacionada ao conhecimento comunicado, no sentido de transmissão do conhecimento; e 3. Informação como coisa – a informação em objetos que são considerados informativos. (BUCKLAND, 1991). A documentação neste sentido relaciona-se ao item 3, onde se considera a informação dependente de um suporte tangível.

No escopo da Museologia, os acervos que compõem a coleção do museu são considerados documentos, pois carregam consigo informações contextuais que permitiram alterar seu status de objeto para documento.

Um documento se constitui no momento em que sobre ele lançamos o nosso olhar interrogativo; no momento em que perguntamos o nome do objeto, de que matéria prima é constituído, quando e onde foi feito, qual o seu autor, de que tema trata, qual a sua função, em que contexto social, político, econômico e cultural foi produzido e utilizado, que relação manteve com determinados atores e conjunturas históricas etc. (CHAGAS, 1994, p. 35).

Os objetos quando adquirem este novo status de documento são “coletados, armazenados, recuperados e examinados como informações, como uma base para se informar” (BUCKLAND, 1991, n.p. tradução nossa)⁹. Portanto, se adequa à definição de informação

⁹ collected, stored, retrieved, and examined as information, as a basis for becoming informed.

como coisa. As ações voltadas para o tratamento deste tipo de informação são exercidas pelo setor da documentação museológica, que se configura como:

O conjunto de informações sobre cada um dos seus itens e, por conseguinte, a representação destes por meio da palavra e da imagem (fotografia). Ao mesmo tempo, é um sistema de recuperação de informação capaz de transformar, [...] as coleções dos museus de fontes de informações em fontes de pesquisa científica ou em instrumentos de transmissão de conhecimento. (FERREZ, 1994, p.1).

A documentação museológica faculta a administração de todos os processos que um objeto percorre ao ser considerado acervo e que compõem a coleção do museu. Isto se dá, desde sua entrada na instituição, por meio de ações de aquisição, que podem ser realizadas de variadas formas, dependendo de quais o museu atribui para adquirir seus acervos, até sua saída, por meio do descarte do acervo. Além disso, a documentação museológica também se responsabiliza pelos tipos de documentação do trato administrativo, contemplando então os documentos que firmam todos os tipos de aquisição e descarte de acervo, entre outros documentos.

A documentação museológica não é fim, mas meio: é uma ferramenta indispensável não só para a localização de itens da coleção e o controle dos deslocamentos internos e externos dos objetos, para o desenvolvimento de exposições ou outras atividades do museu, para a recuperação das informações intrínsecas e extrínsecas “contidas” ou relacionadas aos objetos – individualmente ou em conjunto – mas também fonte para a pesquisa em diferentes disciplinas. (LOUREIRO, 2008, p. 104).

Neste sentido, para além da execução de suas atividades, a documentação museológica auxilia outras áreas de atuação do museu por meio de seus documentos facilitadores e complementares para execução de atividades diversas.

A documentação museológica compreende-se então em um conjunto de ferramentas que auxiliam no trato da documentação do museu, responsável por armazenar, recuperar e salvaguardar os acervos e contribuir em áreas afins do âmbito museológico. Para melhor compreensão e visualização, foi elaborada uma tabela a respeito da documentação museológica e suas ferramentas complementares, apresentando o termo de cada uma e em sequência uma breve descrição, que será melhor detalhada no corpo do texto. Para a elaboração do quadro abaixo, bem como bem como para o resumo que se refere a descrição de cada ferramenta apresentada após o quadro, utilizou-se a publicação “*Documentação Museológica e Gestão de Acervo*” (2014), de autoria da museóloga Renata Cardozo Padilha.

Quadro 1- Composição das ferramentas da documentação museológica

FERRAMENTAS DA DOCUMENTAÇÃO MUSEOLÓGICA	
Política de acervo	Documento que estabelece as formas de aquisição, descarte e uso dos acervos de uma instituição
Termos de aquisição e descarte	Documento responsável por registrar a entrada e saída dos acervos.
Livro tomo	Livro oficial, preenchido por um museólogo que legitima todas as aquisições e descartes dos acervos.
Baixa patrimonial	Documento que oficializa a retirada de um objeto da instituição
Arrolamento	Documento responsável por registrar, por meio de uma listagem, características básicas de todos os acervos que compõem o museu.
Inventário	Similar ao arrolamento. Documento responsável por registrar, por meio de uma listagem, características mais detalhadas de todos os acervos que compõem o museu.
Ficha de catalogação	Documento responsável por registrar características informacionais intrínsecas e extrínsecas dos acervos.
Ficha de identificação do acervo	Ficha que compõe o número e nome do acervo.
Marcação dos objetos	Procedimento de inclusão do número de identificação no objeto museológico.
Laudo técnico de conservação	Documento utilizado para avaliar o estado de conservação do acervo.
Termo de transporte	Documento que estabelece as diretrizes de transporte do acervo.
Banco de imagens	Registro fotográficos do acervo.

Solicitação de pesquisa	Documento preenchido pelo pesquisador para solicitar autorização para a realização de pesquisa acerca do acervo
-------------------------	---

Fonte: Adaptado de Padilha (2014)

- **Política de acervo:** trata-se de um documento que estabelece as formas de aquisição, descarte, bem como o uso dos acervos de uma instituição. Serve para estabelecer diretrizes sobre a entrada e saída dos acervos, auxilia na organização dos acervos, e determina as tipologias de acervos a serem acolhidos pela instituição museológica. Tais diretrizes são estabelecidas pela comissão de acervo, que é composta por diferentes profissionais da instituição, os quais também avaliam, por meio de reuniões de comissão de acervo, através do uso da política, quais acervos vão compor a coleção do museu, ou quais irão deixar de fazer parte da coleção.
- **Termos de aquisição e descarte:** são os documentos que registram as entradas e saídas de acervos. Os acervos podem ser adquiridos por diversas formas como por meio de doação, compra, empréstimo, transferência, permuta, comodato, entre outros, bem como podem ser descartados por diferentes maneiras. O museu neste caso, define, a partir de sua política de aquisição e descarte quais serão as formas adotadas pela mesma, para aquisição e descarte de seus acervos.
- **Livro tombo:** quando um acervo passa a ser parte da coleção do museu, este deve ser inscrito no livro tombo, neste livro são inseridas informações basilares sobre o acervo, a fim de identificar com facilidade do que o objeto se trata. O livro tombo é considerado como um documento oficial para o registro de entrada do objeto da instituição.
- **Baixa patrimonial:** da mesma forma que o objeto é registrado em um livro oficial do museu quando passa a compor a coleção do museu, o mesmo também é registrado quando é excluído da instituição. Para isso é realizada a baixa patrimonial, que assim como o livro tombo, é um documento que registra informações basilares sobre o acervo, porém, neste caso, essas informações correspondem ao objeto que deixará de fazer parte da coleção do museu.
- **Arrolamento:** compõe-se de metadados básicos de identificação do acervo. É utilizado para fazer um levantamento rápido dos acervos do museu, composto por características básicas sobre cada acervo, e proporciona o controle de objetos em situação precária em termos de informação; além de servir como um senso básico de identificação, normalmente é composto por três campos informacionais.

- **Inventário:** semelhante ao arrolamento, porém tem como propósito realizar uma descrição mais detalhada e individual de cada objeto na listagem dos acervos que o museu possui.
- **Ficha de Catalogação:** ferramenta que possibilita o registro das informações intrínsecas e extrínsecas de cada objeto que compõem a coleção de um museu. Se configura em um dos documentos mais importantes da documentação museológica, pois é o documento que concentra o maior número de informações sobre um acervo. Mais à frente será discutido de maneira mais enfática sua funcionalidade e importância.
- **Identificação do acervo:** são compostas de siglas e números que correspondem a cada acervo do museu, sua utilidade é indispensável para o levantamento dos acervos que compõem o museu. São utilizadas como uma identificação provisória, a qual será substituída, posteriormente, pela marcação do acervo.
- **Marcação dos objetos:** assim que os objetos são incluídos como acervos em uma instituição museológica, recebem um número museológico que corresponde a sua identificação no museu; essa numeração normalmente é inserida como uma marcação provisória, utilizando as fichas de identificação do acervo. Após, é inserida a numeração de forma “permanente”, anexando tais números no próprio objeto, para garantir que tal informação não será perdida. É importante que no momento de realizar a marcação dos objetos, seja levada em consideração a tipologia de acervo para que esta ação não prejudique a integridade física do acervo, além disso a marcação deve ser legível, porém discreta; normalmente utiliza-se as iniciais do museu junto ao número de registro correspondente ao acervo.
- **Laudo técnico de conservação:** é um documento utilizado para avaliar o estado de conservação do acervo, o qual pode variar entre Bom, Regular e Ruim. O preenchimento deste documento pode ser feito tanto na entrada de um novo acervo na instituição quanto em momentos de saída do acervo para empréstimo, por exemplo. Além disso, utiliza-se esse documento para identificar se determinado acervo ainda possui condições físicas para continuar compondo a coleção do museu.
- **Termos de transporte:** outro documento indispensável para os trâmites de empréstimo de acervo é o termo de transporte, que compreende as diretrizes para o transporte de algum acervo. Esse documento deve sempre ser acompanhado do termo de empréstimo, para garantir a segurança do objeto durante sua locomoção.

- **Banco de imagens:** corresponde ao agrupamento de fotografias dos acervos museológicos da instituição inserida em um sistema de fácil recuperação. A disposição dessas fotografias nesse espaço pode contribuir para diversas ações do museu, como: identificação do acervo, disposição das imagens dos acervos em *sites*, auxilia no contato de pesquisadores com o acervo, dentre outras ações.
- **Termo de pesquisa:** documento utilizado para assegurar a salvaguarda do acervo, a partir de diretrizes que correspondem à salvaguarda do acervo: sua integridade física, bem como a segurança informacional do acervo. Esse documento deve ser assinado tanto pelo pesquisador quanto pelo responsável pelo acervo.

Todas as ferramentas aqui listadas, que compreendem a documentação museológica, se caracterizam pela mesma finalidade, a organização da informação sobre os acervos do museu, no intuito de tornar a informação mais acessível e recuperável. Para tanto, todas as ferramentas executam um papel fundamental no escopo da documentação museológica, pois cada uma é responsável pelo registro de diferentes informações dos acervos, e são dependentes umas das outras para a execução de uma boa recuperação informacional e, portanto, para um bom gerenciamento institucional.

2.2 CATALOGAÇÃO EM MUSEUS EM DIÁLOGOS COM AS TICs: POSSIBILIDADES PARA A INTEROPERABILIDADE SEMÂNTICA

Para discorrer sobre a catalogação é importante abordarmos primeiramente sobre a necessidade que veio a tornar imprescindível a existência da catalogação. Sabe-se que a organização, esteja ela inserida em quaisquer instâncias, leva a uma compreensão do espaço de modo mais ordenado e acessível para o encontro de determinada coisa, objeto, informação, ou um documento, por exemplo. É necessário que seja aplicado algum tipo de sistematização para que sejam encontrados no momento da necessidade. A organização faz com que possamos administrar melhor atividades básicas, que nos pouparão muito tempo quando for necessário ir ao encontro de algo que estamos procurando, otimizando assim o gerenciamento do nosso tempo.

A organização vai ao encontro da recuperação, seja ela de objetos, informações ou de documentos. Para ter maior controle sobre os acervos que compõem as Unidades de Informação foi indispensável o desempenho da organização nesses espaços, para melhor compreensão dos

acervos que ali se encontram. Para isto, tanto a biblioteca quanto o museu fizeram uso da ficha de catalogação para recuperar documentos ou informações sobre determinado acervo/livro.

Segundo Mooers (1951 apud SARACEVIC, 1996, p. 44), responsável por trazer a campo o termo recuperação da informação, diz que ela "engloba os aspectos intelectuais da descrição de informações e suas especificidades para a busca, além de quaisquer sistemas, técnicas ou máquinas empregados para o desempenho da operação". A recuperação da informação nasce com o propósito de resolver problemas acerca da explosão informacional, ocasionada no pós-guerra, caracterizada pela concentração demasiada de informação.

Os sistemas de informação tratam da representação, do armazenamento, da organização e da localização dos itens de informação. Para organizar e comunicar a informação, eles utilizam linguagens documentárias, que estabelecem um importante elo entre os SRI e os usuários. (ARAÚJO, 2012, p. 139).¹⁰

Souza (2006, p. 163) diz que um Sistema de Recuperação de Informação deve respeitar três pontos específicos para o desempenho de suas atividades:

- a) Representação das informações contidas nos documentos, usualmente através dos processos de indexação e descrição dos documentos;
- b) Armazenamento e gestão física e/ou lógica desses documentos e de suas representações;
- c) Recuperação das informações representadas e dos próprios documentos armazenados, de forma a satisfazer as necessidades de informação dos usuários. Para isso é necessário que haja uma interface na qual os usuários possam descrever suas necessidades e questões, e através da qual possam também examinar os documentos atinentes recuperados e/ou suas representações.

A catalogação, neste sentido, se enquadra como um Sistema de Recuperação de Informação, pois tem como objetivo principal a organização no tratamento da informação, que servirá como premissa para a recuperação posterior do documento e/ou informação requisitada.

Dentro de Unidades de Informação o trabalho da catalogação muitas vezes é identificado por meio da ficha de catalogação, que é responsável pela identificação minuciosa de seus acervos. A estruturação dos metadados que constitui a ficha de catalogação tem como objetivo a descrição de informações que delineiam o objeto/documento em questão. Por meio da "definição de padrões de metadados conseguimos organizar as informações sobre os objetos estabelecendo, inclusive, hierarquias de informação, permitindo relacionamentos e facilitando a busca pelas informações" (BOTTALLO, 2010, p. 105).

¹⁰ SRI – Sistema de Recuperação de Informação

Centrada na organização e rápido acesso às informações, a recuperação da informação teria como objetivo gerenciar o acúmulo de informações. A catalogação neste aspecto surge como mais um aparato de organização de documentos em unidades de informação, que por meio de suas diretrizes estabelece padrões de metadados referentes a informações sobre os acervos, para serem posteriormente recuperados com facilidade.

Podemos identificar o uso de fichas de catalogação em duas diferentes unidades de informação: o museu e a biblioteca, cada uma fazendo o uso desta ferramenta conforme as necessidades que cada instituição exige. Porém, para ambas, a usabilidade está no registro e na recuperação da informação que compõe seus acervos.

No âmbito do museu, antes de qualquer objeto ser inserido dentro de determinada coleção existem requisitos a serem cumpridos, como dito anteriormente, é necessário que o objeto tenha valor para além de sua estrutura física, valor que faça com que este mereça destaque dentro de determinada contextualização. Para tanto os membros da comissão de acervo do museu – profissionais do museu responsáveis por julgar se um objeto é relevante ou não para compor a coleção do museu – estabelecem seus critérios de avaliação, e determinam entre si se tal objeto tem relevância para ser retirado de seu contexto para então passar a integrar a coleção. (BOTTALLO, 2010)

Após a aquisição do acervo ao museu, o instrumento a ser utilizado no escopo da documentação museológica é a ficha de catalogação. A ficha de catalogação é uma das ferramentas de maior importância do domínio da documentação museológica, responsável por registrar o maior número de informações possíveis de um objeto que compõe um acervo de determinada instituição. Segundo Moro (1986, p. 80), toda ficha de catalogação, sendo ela mais ou menos detalhada, segue de maneira abrangente a seguinte estrutura:

Identificação da peça e sua localização no museu;
História desta peça em função de sua participação no acervo do museu;
História desta peça em função de sua criação ou descobrimento no tempo e no espaço;
Descrição da peça quanto a sua característica física;
Descrição da peça quanto a seu conteúdo, seu uso, sua classificação, sua tipologia e respectivo detalhamento. (MORO, 1986, p. 80).

A descrição e a composição da ficha de catalogação se dão a partir da disposição dos campos informacionais, os mesmos podem ser compreendidos por metadados. Os metadados podem ser entendidos como elementos descritivos de determinado dado/informação, ou seja, um termo que descreve o conteúdo de algo. “Organizados em padrões propostos para comunidades específicas, permitem que se determine o conteúdo de cada campo, através de

procedimentos como padronização do nome do campo, descrição do conteúdo do campo, tipo de dados, formato etc.” (MARCONDES, 2006, p. 60).

Segundo Lima et. al (2016, p. 52), na biblioteconomia o termo é utilizado para “se referir a qualquer esquema de descrição de recurso, aplicado a qualquer tipo de objeto, sendo ele digital ou não”, os quais são identificados como dados descritivos utilizados para informar “sobre autor, título, data, publicação, palavras-chave, descrição física, entre outros, nos mais variados tipos de recursos, como em arquivos de áudio, conjunto de dados científicos, imagem digital, catálogos de museu, livros etc.” (LIMA, et. al. 2016, p. 53).

Observemos a disposição dos metadados para a descrição de um acervo museológico aplicado a partir de uma Ficha de catalogação na figura abaixo:

Figura 1 - Ficha de catalogação para objeto museológico

		NOME DO MUSEU		
		Ficha de Catalogação para Objeto Museológico	Identificação e características do objeto	Nº de Tombo
Nº de Registro	FOTO DO OBJETO			
Outros números:				
Objeto:				
Título:				
Autor ou Autoridade:				
Descrição intrínseca:				
Dimensão:				
Material:				
Procedência:				
Observação:				
Tipo de Aquisição:	Data de Aquisição:		Estado de conservação:	
Informações contextuais	Ex-proprietário:			
	Descrição extrínseca:	Objetos associados:		
		Exposições:		
		Publicações:		
	Período:	Restauração:		
	Referências bibliográficas:	Pesquisas:		
	Registrado por:	Observações:		
Data de registro:	Autorização de uso:			

Fonte: (PADILHA, 2014. p. 51)

Observa-se a partir do exemplo de ficha de catalogação destacado acima a disposição dos metadados e a ordem hierárquica informacional que foi adotada para sua elaboração.

Inicialmente é identificado no cabeçalho do documento em questão o nome da instituição a qual o acervo a ser descrito pertence, e em seguida à disposição de seus metadados.

A ficha de catalogação descrita acima, elaborada pela museóloga Renata Padilha (2014), para o livro *Documentação Museológica e Gestão de acervos Museológicos*, trata-se de um modelo de ficha basilar, contendo metadados elementares para compor uma ficha de catalogação. Neste sentido, os metadados ali descritos podem ser complementados por outros metadados que correspondem à tipologia de acervo de uma instituição específica, para que a descrição dos acervos fique mais completa e precisa. A Resolução Normativa nº 14, de 11 de março de 2022 do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), a qual regulamenta a Declaração de Interesse Público de bens culturais musealizados ou passíveis de musealização, prevista no art. 5º da Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009, estabelece um padrão mínimo para a identificação dos bens culturais museológicos, que são indispensáveis para descrever informações basilares de acervos, bem como para contribuir na padronização de ficha de catalogação museológica, sendo estes:

- a) Item;
- b) Número de registro;
- c) Denominação;
- e) Título;
- f) Autor;
- g) Classificação;
- h) Dimensões;
- i) Material/Técnica;
- j) Estado de conservação;
- k) Local de produção;
- l) Data de produção;
- m) Resumo descritivo.

Nesse sentido, a instituição pode considerar os metadados mínimos estabelecidos pelo IBRAM e complementá-los com outros que correspondem à sua tipologia de acervo, além disso, cabe também ao museu determinar se a ficha de catalogação será simplificada ou não. No entanto, quanto maior for o número de informações compostas na ficha, mais minuciosa será sua possibilidade de recuperação.

Com o acúmulo de informações respectivas aos objetos museológicos, os museus passaram a adotar a ficha de catalogação como ferramenta de controle no trato da informação dos acervos. Inicialmente as fichas de catalogação eram encontradas somente em sua forma física, confeccionadas em um papel de maior gramatura para maior durabilidade do documento,

preenchidas a mão, normalmente a lápis, já que as informações ali descritas poderiam sofrer alterações.

Nos dias atuais, as fichas de catalogação no âmbito do museu podem ser representadas em dois diferentes suportes, o primeiro como descrito acima, é o suporte físico; o outro tipo de suporte é o digital, o qual vem substituindo as fichas de catalogação impressas em papel. Muitos museus ainda utilizam a ficha de catalogação física como único meio de registro de seus acervos, porém existem algumas implicações no uso exclusivo da ficha de catalogação física. Vejamos abaixo os quadros contendo os prós e contras sobre cada tipo de ficha de catalogação:

Quadro 2 - Prós e contras da ficha de catalogação física

FICHA DE CATALOGAÇÃO FÍSICA	
PRÓS	CONTRAS
Acesso ao documento mesmo com problemas de rede de acesso	Acesso do documento apenas no local
Fácil acesso ao conjunto de fichas	Dificulta a interoperabilidade entre museus com tipologia similares de acervo
	Degradação do documento com o passar do tempo
	Vulnerável a fatores de risco ligados a agentes biológicos (pragas, xilófagos e fungos)
	Mais suscetível a se perder
	Recuperação da informação manual: Lentidão no acesso aos documentos
	Suscetível a erros na elaboração do documento, pois é preenchido a mão

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Quadro 3 - Prós e contras da ficha de catalogação digital

FICHA DE CATALOGAÇÃO DIGITAL	
PRÓS	CONTRAS
Possibilidades de acesso ao documento dentro e fora da instituição	Pode apresentar dificuldades de acesso ao documento por problemas relacionados a conexão de rede
Permite a interoperabilidade entre acervos de tipologia similar	Possibilidade de erro ao abrir o arquivo ou mesmo corrompê-lo.
Não é suscetível à degradação do ambiente por se tratar de um documento digital	
Comandos computadorizados que otimizam a recuperação da informação	

Fonte: Elaborado pela autora,2021.

Comparando os prós e contras dos dois tipos de ficha de catalogação, a digital e a física, percebemos que a ficha digital se destaca tanto nos prós quanto nos contras em relação à ficha física, isso porque a tecnologia traz muitas facilidades no trato informacional e recupera com mais precisão e agilidade a informação requerida.

Atualmente, alguns museus utilizam tanto as fichas de catalogação física quanto a ficha de catalogação digital, para que o alcance das informações pretendidas não seja dependente de apenas um recurso, mas sim de ambos, para que não corra o risco de perder informações nas possíveis “falhas” que ocorrem no trato da informação de algumas dessas fichas. Ao trabalharmos com ambas as fichas simultaneamente, poderiam ser reduzidas as problemáticas acerca dos suportes empregados nestes documentos.

Considerando os últimos dois anos atípicos que vivenciamos, em um contexto pandêmico, muitas questões vêm sendo levantadas sobre o acesso à informação de maneira remota, como aulas, atendimentos virtuais, trabalho, reuniões via vídeo chamada, entre outros. Devido a isto diversas organizações tiveram que se adaptar a este novo contexto, e entregar seus serviços de uma maneira diferenciada às suas metodologias tradicionais.

Durante o período da pandemia ocasionada pela Covid 19, tanto os museus, como demais instituições, buscaram formas de desenvolver metodologias de serviços que não implicassem a locomoção de seus públicos até seus espaços, levando em consideração de que muitos museus permaneceram fechados durante este período.

Para tanto, o uso das Tecnologias digitais (TIC'S) foi indispensável para promover ações que aproximem os públicos do museu, mesmo que este estivesse distante fisicamente, tendo em vista que “um dos principais objetivos do uso das tecnologias digitais nos museus é ampliar a relevância e as possibilidades de interação da sociedade com os acervos.” (IBRAM, 2020, p. 98).

Neste contexto, muitos museus elaboraram atividades de interação com os públicos pelo meio virtual, como exposições virtuais, interação em publicações em redes sociais, realizações de oficinas, entre outros. Tais serviços demonstraram que os museus existem para além de sua estrutura física, e que mesmo com suas portas fechadas as pessoas ainda conseguiram interagir e usufruir de alguns serviços ofertados pela instituição.

No meio da situação exposta, alguns públicos do museu, como os pesquisadores, por exemplo, necessitavam acessar informações sobre a instituição e sobre seu acervo para concluir suas pesquisas, nessas circunstâncias se faz ainda mais necessária a disponibilização da ficha de catalogação em acesso aberto para os públicos que necessitem de tais informações. É importante trazer para a percepção do museu que a disponibilização de tais documentos se fez necessária não somente durante o período da pandemia, mas após, levando em consideração que muitos dos pesquisadores não conseguem realizar suas pesquisas *in loco*, muitas vezes impossibilitados pela logística de locomoção até a instituição, ou por horários incompatíveis com os de funcionamento do museu.

Nesse sentido, ao fazer o uso das TICs, no que concerne à disponibilização da ficha de catalogação por meio virtual, o museu estaria ampliando o alcance informacional de seus acervos para além de seu público-alvo, alcançando também o interesse de públicos em potencial¹¹, possibilitando, desta maneira, maior divulgação da instituição, bem como de seus acervos por meio de pesquisas elaboradas por pesquisadores externos.

Além disso, o uso das TICs no momento da catalogação do acervo pode favorecer a atuação da interoperabilidade semântica, que permite que fichas de catalogação de diferentes

¹¹São denominados públicos potenciais aqueles que são considerados como público visitante/espontâneo, diferente do público-alvo, os quais “podem vir a se tornar futuros frequentadores dessas instituições, por frequentarem outros centros culturais.” (KOPTCKE 2012, p. 217 apud BRAHM, et al, 2017, p. 5)

museus tenham comunicação entre si. Esse dinamismo pode ocorrer por meio da inserção de coleções em repositórios digitais de livre acesso, que viabilizem a comunicabilidade de outros repositórios que mantenham o mesmo padrão de metadados. Importante destacar que o dinamismo da interoperabilidade semântica só pode ocorrer quando os metadados utilizados para a descrição dos acervos serem compatíveis entre si, ou seja, respeitar a padronização semântica destes.

Instituições museológicas que possuem suas coleções padronizadas e disponibilizadas em repositórios digitais, podem se beneficiar de muitas vantagens decorrentes deste instrumento, além de possibilitar a comunicabilidade com acervos de diferentes instituições museológicas, permite também que o acesso rápido e facilitado de seus acervos contribua para a disseminação informacional deles, favorecendo o acesso aos pesquisadores, a divulgação de seus acervos e da própria instituição.

2.3 CARACTERIZAÇÃO DOS MUSEUS DE ARTE E A ATUAÇÃO DA DOCUMENTAÇÃO MUSEOLÓGICA

O ato de colecionar é um hábito que moldou a história, no qual permitiu que fossem feitas interpretações sobre civilizações passadas. Segundo registros de Homero (Séc. IX a.C.) e Plutarco (Séc. I e II d.C.), desde a antiguidade encontravam-se coleções de objetos artísticos, bem como daqueles tidos como raros ou preciosos. (SOTO, 2014). Na Grécia antiga, o hábito do colecionismo era identificado a partir da guarda de oferendas, as quais eram depositadas em pequenos edifícios construídos ao lado de templos. Na idade Média tal hábito era considerado como “demonstração de prestígio para a elite feudal” (SOTO, 2014, p. 58)

O período das grandes navegações (século XVI e XVII), foi um marco na história do colecionismo: durante esse período eram coletadas diversas tipologias de objetos, considerados raros ou mesmo exóticos. “Historicamente, relacionam-se com as Grandes Navegações, a descoberta do Novo Mundo, na Ásia e na África e, por consequência, a evolução do comércio global que culminou com a chegada de mercadorias exóticas ao Velho Continente.” (CORÁ; BATTESTIN, 2021, p. 11).

Os objetos coletados durante as navegações eram divididos pelas categorias dos três reinos da biologia da época: *animália*, *vegetalia* e *minerália* (animal, vegetal e mineral), além dos que tinham sido produzidos pelo trabalho humano. (SOTO, 2014). A partir de então é dado início aos *Gabinetes de Curiosidades* ou *Câmaras de Maravilhas*; nesses espaços eram

expostos objetos de variadas tipologias. Os objetos que compunham as exposições das salas dos Gabinetes, eram fixados nas paredes por completo e por vezes no teto da sala. “Assim, do ponto de vista histórico, os gabinetes, lugares onde os colecionadores, até o século XVIII, guardavam, ainda sem catalogação, tudo o que julgassem singular, foram os precursores dos museus.” (CORÁ; BATTESTIN, 2021, p. 11).

A existência dos *Gabinetes de Curiosidades* despertou um novo olhar para as coleções, espaços expositivos, bem como a organização do próprio conhecimento desempenhado nesses espaços por meio dos objetos.

Tiveram um papel fundamental para o desenvolvimento da ciência moderna, embora refletissem a opinião popular do tempo. A edição de catálogos, geralmente ilustrados, permitia o acesso e a difusão de conteúdo para os cientistas da época. Mais voltados para o estudo das ciências naturais, os Gabinetes de Curiosidades estimularam algumas instituições públicas de ensino a constituírem suas próprias coleções científicas. Será, a partir do século XVII, que surgirá a necessidade de se organizar cientificamente essas coleções expostas nos Gabinetes agora já tidos como museus. (SOTO, 2014, p. 59)

O primeiro museu universitário a ser criado no mundo foi o *Ashmolean Museum*¹², na Inglaterra em 1683, sendo um museu de tipologia de arte e arqueologia. O museu recebeu o nome de seu fundador Elias Ashmole, advogado e antiquário. O início de sua coleção se deu a partir de doações de John Tradescant (pai e filho), que possuíam itens diversos de tipologia botânica, geológica e zoológica, assim como outros itens de produção humana. (ASHMOLEAN MUSEUM, 2021). Desde então o museu expandiu suas coleções, sendo preciso direcionar algumas dessas para outros museus universitários administrados pela universidade de Oxford. Mais tarde o museu restringiu sua tipologia apenas para acervos de arte e arqueologia. Hoje o museu possui cerca de um milhão de objetos museológicos, possuindo a “segunda maior coleção de arte holandesa e flamenga do Reino Unido, incluindo pinturas, desenhos, gravuras, esculturas, cerâmicas e artes decorativas.” (ASHMOLEAN MUSEUM, 2021, n.p. tradução nossa).¹³

Neste sentido, tomamos a percepção de que os museus de arte são os museus mais antigos, e pela multiplicidade de museus dessa tipologia espalhada no mundo é notório de que são ainda muito populares. As tipologias de acervos salvaguardadas por esses museus podem

¹² Também denominado Ashmolean Museum of Art and Archaeology.

¹³ Ashmolean holds the UK’s second largest collection of Dutch and Flemish art, including paintings, drawings, prints, sculpture, ceramics and decorative arts.

se manifestar por meio de diferentes suportes, como: pintura, esculturas, fotografias, desenhos, instalações artísticas, trabalhos em áudio e vídeo, entre outros.

O primeiro museu de arte inaugurado no Brasil foi o Museu Nacional de Belas-Artes (MNBA), em 1938, na cidade do Rio de Janeiro. O museu “apresenta-se como o principal museu de arte brasileira, notadamente no que diz respeito à produção do século XIX.” (ITAÚ CULTURAL, 2022, s/n). A coleção do museu deu-se início por meio de:

três conjuntos de obras distintos: as pinturas trazidas por Joaquim Lebreton, em 1816; os trabalhos pertencentes ou aqui produzidos pelos membros da Missão, entre os quais se destacam Nicolas-Antoine Taunay, Jean-Batiste Debret, Grandjean de Montigny, Charles Pradier e os irmãos Ferrez; e as peças da Coleção D. João VI, deixadas por este no Brasil, ao retornar a Portugal, em 1821. (GOOGLE ARTS AND CULTURE, s/n)

O século XIX é evidenciado pela criação de diversos museus de arte no mundo. Segundo Lourenço (1999), a caracterização das tipologias de coleções desses museus, bem como as preferências de aquisição de acervo, era bem delimitada. Segundo ela, a criação desses museus sintonizava-se a uma lógica de “política expansionista europeia”, que evidenciava o interesse pela aquisição de objetos que remetessem a “formas e espécies dos conquistados”.

Os museus de arte herdaram pressupostos, tanto dos de história natural, quanto das coleções religiosas e reais, ignorando-se a diversidade, seja tipológica, seja cultural. Acolhem o sentido triunfalista, grandiloquente e celebrativo das coleções, como também dos valores de raridade, exemplaridade, notabilidade e conservação de tipos de extinção, presentes nos de história natural, o que interfere no recolhimento de classificação e exibição dos conjuntos. (LOURENÇO, 1999 p. 87).

Neste sentido, pode-se entender que os primeiros museus de arte possuíam uma lógica conservadora, levando em consideração o escopo dos acervos a serem adquiridos e salvaguardados pelas instituições museológicas. Na contramão dos pensamentos evidenciados nesse período, temos o surgimento do movimento Modernista que, como descrito anteriormente, surgiu com o intuito de romper com o conservadorismo, bem como com o tradicionalismo no meio artístico e cultural.

O movimento modernista surge na primeira década do século XX, na Europa. Já no Brasil chega nos anos 20, com a Semana de Arte Moderna, na cidade de São Paulo, "onde os entusiastas buscam romper com uma sociedade urbana que ainda possuía fortes elementos patriarcais e conservadores" (PEREIRA, 2014, p. 44). Nesse contexto, a semana de 22 tornou-se um marco histórico no âmbito da cultura, o que iria refletir de modo pontual na criação de museus que abordassem essa temática.

Os Estados Unidos, também muito influenciado pelo movimento modernista passa a abrigar o primeiro museu desta tipologia, “o Moderno idealizado e difundido pelo eixo norte-americano, encontra na instituição museu um local ideal para sua fruição” (DALCOMO, 2019, p. 402). É assim que se origina o primeiro museu denominado moderno o Museu de Arte Moderna de Nova York (MoMA), criado em 1929, simbolizava a mudança no meio artístico e cultural que acontecia neste período, tornando-se assim, referência na representação desses novos valores. Neste sentido, “o museu transforma-se em um modelo, que durante os anos 40, influencia a criação de uma instituição dedicada à arte moderna no Brasil.” (DALCOMO, 2019, p. 399).

É neste momento que começam a ser fundados os primeiros museus de arte moderna brasileiros, tendo início com a criação do MASP (1947), MAM-SP e MAM-RJ (1948) e o MASC (1949), fechando assim, a primeira década com grande influência do modernismo nos espaços museais brasileiros. O MASP, sendo o pioneiro neste âmbito foi criado com uma delimitação bem específica a respeito de seus acervos, aos quais eram direcionados

às ditas obras-primas e de artistas célebres do passado, alicerçada por uma atuação aberta para novas manifestações de época e caras ao moderno, como desenho industrial, moda, comunicação visual, e, também, um terceiro eixo, educacional, igualmente comprometido com o moderno. (LOURENÇO, 1999, p. 97).

Atualmente o museu reúne em sua coleção mais de 10 mil obras, incluindo pinturas, esculturas, objetos, fotografias, vídeos e vestuário. Tendo como missão:

[...] estabelecer, de maneira crítica e criativa, diálogos entre passado e presente, culturas e territórios, a partir das artes visuais. Para tanto, deve ampliar, preservar, pesquisar e difundir seu acervo, bem como promover o encontro entre públicos e arte por meio de experiências transformadoras e acolhedoras. (MASP, 2018, n.p).

O MAM-SP, segundo museu modernista da capital paulista, instalado no pavilhão Bahia na marquise do parque do Ibirapuera, conta com “uma coleção representativa da arte brasileira moderna e, principalmente, contemporânea (no ano 2000 o museu contava com 3.300 obras).” (ITAÚ CULTURAL, 2017, s/n). Sua missão é “coleccionar, estudar, incentivar e difundir a arte moderna e contemporânea brasileira, tornando-as acessíveis ao maior número de pessoas possível.”¹⁴ O MAM-RJ, criado no mesmo ano em que o MAM-SP, possui uma coleção de acervos composta por mais de 7 mil obras, das quais são compostas, exclusivamente, por obras

¹⁴ Sobre o MAM. Disponível em: <https://mam.org.br/institucional/>. Acesso em 11. Jun 2022.

modernistas, contemporâneas e internacionais. Além disso, o museu possui também “6.600 obras da Coleção Gilberto Chateaubriand e mais de 1.800 fotografias da Coleção Joaquim Paiva estão em comodato no museu” (MAM-RIO, s/n).

O MASC, o primeiro museu de arte moderna do sul do país, reúne uma coleção com cerca de 2 mil obras e tem como missão “expandir e socializar a arte, a cultura e o prazer estético para toda a comunidade e visitantes, seja por meio de exposições do acervo ou por mostras temporária”. (FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA, 2018, n.p).

A partir da breve descrição dos museus modernistas aqui citados, pode se observar que além da tipologia de acervo comum entre estes, a missão também é outro fator que propicia relações entre os museus, sabendo que todos têm como objetivo disseminar informação da arte ali exposta, bem como promover a interação entre seus públicos e a arte moderna. Essas similaridades fazem com que esses museus passem a serem entendidos enquanto um conjunto, como parte de uma categoria de museu.

Como já destacado anteriormente, nos *Gabinetes de Curiosidades*, os objetos eram adquiridos para serem expostos em um mesmo espaço, sem uma triagem respectiva à categorização desses, o que ocasionava um acúmulo de objetos, propiciando perdas informacionais sobre eles. Além disso, a exposição desses objetos promovia uma poluição visual para o público que visitava, tendo em vista que nesses espaços expositivos não existia uma organização específica na disposição dos objetos, além de serem de variadas tipologias, o que dificultava a criação de um discurso expositivo.

Com a criação dos primeiros museus, começa a ser evidenciado o interesse e a importância pela categorização de museus, os quais vão se ramificando cada vez mais ao longo dos anos, proporcionando assim, museus especialistas em áreas e assuntos distintos.

Esta configuração de categorização dos museus por tipologia de acervo contribui de inúmeras formas às instituições museológicas bem como aos seus públicos. Do ponto de vista da instituição museu: auxilia na comunicação dos acervos da instituição, proporciona facilidades na criação de exposições, contribui para a organização documental dos acervos, permite que a documentação dialogue com outros museus da mesma tipologia de acervo, proporciona condições climáticas do ambiente para a preservação de acervos semelhantes, e entre outros aspectos. Do ponto de vista dos públicos: proporciona facilidades no momento de escolher um museu de tipologia específica para visitar, como também pode auxiliar na realização de pesquisas.

Além dos pontos citados, um dos mais atingidos positivamente com a categorização dos acervos é a documentação museológica. A documentação museológica é um instrumento de atuação do museu que depende principalmente da organização bem como da padronização das ferramentas que a compõem para seu bom desempenho, neste sentido, tendo os acervos organizados por categorias proporciona facilidades no trato documental dos acervos, o qual virá repercutir em todas as atividades gerenciadas pelo museu.

Nesse viés, cada museu irá estabelecer metodologias distintas para o tratamento documental dos acervos que correspondem à sua instituição, as quais serão elaboradas para auxiliar na organização, bem como na recuperação das informações dos objetos. A descrição de acervos de arte irá diferir da descrição de outras tipologias de acervo. Uma das ferramentas da documentação museológica que mais evidencia essa distinção é a ficha de catalogação, sua composição informacional requer um entendimento minucioso sobre a tipologia de acervo salvaguardada pela instituição museológica, as quais vão auxiliar a escolherem informações essenciais para a descrição de acervos museológicos.

Para que as instituições museológicas possam elaborar ferramentas descritivas convergentes com a sua tipologia de acervo, devem ter conhecimento de seus acervos como um todo, além de fazerem uso de manuais específicos sobre o tratamento descritivo do acervo que compreende a sua instituição, para assim, ser possível desenvolver ferramentas que atendam pontualmente às necessidades da instituição, levando em consideração que a documentação museológica mal planejada pode não ter serventia alguma para a instituição, comprometendo assim, a salvaguarda do acervo.

A respeito de manuais que dispõem sobre acervos artísticos, temos: o *Manual de catalogação de pinturas, esculturas, desenhos e gravuras* (1995) que discorre sobre elementos basilares para a descrição dessa tipologia de acervo, utilizando como base os acervos presentes no Museu de Belas Artes do Rio de Janeiro; e o caderno de *Normas Gerais: Artes Plásticas e artes decorativas* (2000) que, assim como o manual, propõe ser um instrumento de guia para a catalogação de objetos artísticos. Neste caso, a publicação foi elaborada para servir de referência para a catalogação dos museus tutelados pelo Instituto Português de Museus. Além desses dois materiais que possuem padrões de metadados para a descrição desses acervos, temos também o livro *Introdução aos vocabulários controlados: Terminologia para arte, arquitetura e outras obras culturais* (2013), de Patricia Harpring, obra que aborda sobre o emprego de vocabulários controlados para a descrição de acervos de tipologia artística. Com isso, o uso de materiais auxiliares para a composição de documentação que constitui os museus artísticos pode

promover maior domínio sobre os acervos da instituição por parte da equipe do museu, como também favorecer a organização museológica.

Portanto, para elaborar documentos como a ficha de catalogação, no âmbito artístico, é necessário que as disposições das informações estejam de acordo com essa tipologia de acervo, para que a representação descritiva seja precisa e útil para a recuperação das informações dos objetos. Neste sentido, ambos os textos citados acima, serão relevantes para a descrição de acervos de arte moderna brasileira, a qual é o foco deste trabalho.

Como destacado anteriormente, a padronização das informações de um objeto museológico contribui de maneira exponencial para a recuperação das informações dispostas em fichas de catalogação sobre os acervos, por exemplo. Para que esta padronização seja eficiente é necessário que seja considerada a utilização de metadados que correspondam ao universo de uma tipologia específica de acervo.

A utilização de padrões de metadados nas coleções de museu facilita a troca de dados entre museus que utilizam o mesmo padrão, auxiliam a recuperação automática da informação e promovem a consistência nos bancos de dados, tornando mais fácil o compartilhamento de informações entre eles, pois tanto os padrões de conteúdos, padrões externos, códigos e regras são determinantes não só para a padronização da sintaxe dos metadados mas também para a padronização nos valores da representação (ZENG; QIN, 2008, apud LIMA, et al, 2016, p. 56).

Como já citado, para elaboração de documentação que diz respeito à descrição de acervos museológicos, os museus possuem hoje o amparo da normativa nº 14, de 2022 do IBRAM, a qual dispõe sobre o padrão mínimo para a descrição de bens culturais. Porém, os metadados dispostos nesta normativa são genéricos, pois visam apontar apenas termos que possam ser comuns a uma diversidade de objetos culturais presentes em museus com variadas tipologias de acervos. No entanto, tal resolução já se constitui em um material de grande auxílio para instituições que antes não possuíam nenhum tipo de documento norteador para a confecção de instrumentos de catalogação de seus acervos. Assim, os museus necessitam apenas adaptar tais metadados para a realidade de seus acervos para que a recuperação da informação que os compõem se torne mais precisa.

Para discorrer sobre a catalogação de acervos de arte prioritariamente, foi realizada uma busca com o objetivo de levantar publicações que orientassem sobre a descrição de acervos dessa tipologia, a fim de investigar o grupo de metadados utilizados para sua descrição. Por meio dessa busca foram identificadas duas publicações que abordassem o assunto em questão, sendo estas: "Manual de catalogação de pinturas, esculturas, desenhos e gravuras" (1995) e "Normas de Inventários - Artes Plásticas e Artes Decorativas" (2000). Para melhor entendimento sobre a abordagem de ambas as publicações, foi realizada uma síntese sobre o

conteúdo dos metadados apresentados, com o intuito de levantar um arcabouço teórico para as discussões posteriores sobre catalogação de acervos de arte.

A nível nacional, o único material que se tem conhecimento sobre diretrizes para catalogação de acervos de arte é o “Manual de catalogação de pinturas, esculturas, desenhos e gravuras” (1995), do Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro (MNBA-RJ), produzido por Helena Dodd Ferrez e Maria Elizabete Santos Peixoto (1995). A referida publicação ressalta que o manual é o primeiro produto do projeto de Sistema de Informação do MNBA-RJ, intitulado Projeto SIMBA.

A primeira tarefa foi a criação de uma ficha catalográfica de obra de arte que atendesse a todo universo onde foram definidos os campos de informação que constituíram a base de dados do sistema. A partir desta ficha foi concebido o Manual de Catalogação, contendo normas para o preenchimento de cada um dos referidos campos. Tem por objetivo dar um tratamento uniforme à descrição de obras que compõem o MNBA, através do estabelecimento de normas de entrada de dados de forma a garantir um desempenho eficaz na recuperação das informações e na elaboração de produtos, tal como o catálogo geral das coleções. (FERREZ; PEIXOTO, p. 7-8, 1995)

Mediante a leitura e interpretação da obra, pode-se notar que enfaticamente as autoras se mostram preocupadas com o entendimento do leitor frente à catalogação do acervo; para tanto, é dado enfoque principalmente ao modo de preenchimento das informações sobre o acervo, sendo que cada grupo informacional é composto por normas a serem seguidas para a descrição precisa da informação. As autoras elaboram 10 áreas de caracterização de uma ficha de catalogação, das quais são compostas por grupos menores de metadados, como indica o quadro abaixo.

Quadro 4 - Relação de metadados para a descrição de acervos artísticos segundo o Manual de catalogação de pinturas, esculturas, desenhos e gravuras

N	Área geral de caracterização	Metadados de composição da ficha de catalogação
1	Área de identificação	Número de registro/tombo
		Outros números
		Coleção
2	Área de indicação de responsabilidade	Autoria/função
		Cópias

		Forma de entrada de nomes de pessoas físicas
		Ordem de entrada de pessoas físicas
		Forma e ordem de entrada de pessoas jurídicas
		Escola/ grupo cultural
3	Área de título	Título da obra
		Título da série
		Numeração dentro da série
		Título para etiqueta
4	Área de inscrições	Assinatura/onde
		Marca/onde
		Localização/onde
		Local de execução
		Data/onde
		Data de execução
		Transcrição da assinatura
		Outras inscrições
5	Área de publicação/distribuição/impressão/fundição	Edição
		Impressão/fundição
		Número da edição/estado

6	Área de características físicas	Material/técnica
		Dimensões da obra/ formato/ dimensões da moldura, base, passe-partout/ dimensões da área impressa, suporte secundário.
7	Área de descrição	Descrição formal
		Descrição de conteúdo
		Temas
		Estilo/movimento
8	Área de procedência	Número de processo
		Data de aquisição
		Forma de aquisição
		Nome do doador/ vendedor etc.
		Valor de compra
		Valor de seguro
9	Área de histórico	Ex-proprietários
		Exposições e prêmios
		Referências bibliográficas da obra
10	Área de notas	Observações
		Localização fixa
		Localização atual
		Fotografia
		Negativo

		Diapositivo
		Restauração
		Estado de conservação
		Data da última avaliação
		Texto para etiqueta

Fonte: Elementos textuais Ferrez e Peixoto (1995) - Quadro adaptado pela autora (2022).

Cada área de caracterização da ficha, bem como os metadados que os complementam, são compostos de uma gama de normativas referentes ao preenchimento dos mesmos. Nesse sentido, percebe-se que mais do que apresentar o conjunto de metadados para a descrição de acervos de arte, a publicação expõe de modo bastante pontual a necessidade do preenchimento correto das informações sobre os acervos. Em síntese, a publicação em questão apresenta-se como um manual minucioso sobre o preenchimento das informações acerca dos acervos de arte, a partir de textos instrutivos sobre cada um dos metadados descritivos.

Já em nível internacional, temos a publicação intitulada “Normas de Inventários - Artes Plásticas e Artes Decorativas”, elaborado pelas autoras Elsa Garrett Pinho e Inês da Cunha Freitas (2000), publicado pelo Instituto Português de Museus (IPM), a qual foi utilizada como parâmetro neste projeto de dissertação - assim como a publicação descrita anteriormente - para elucidar o que compreende uma ferramenta que trata sobre metadados utilizados para a descrição de acervos de arte. O objetivo da publicação em si foi servir de instrumento para auxiliar os museus tutelados pelo IPM.

Com isso, por meio desse instrumento, os museus do IPM, tiveram a possibilidade de inventariar seus acervos mediante a disposição de um padrão de metadados, os quais possibilitaram que a padronização da documentação museológica respectiva ao registro dos acervos desses museus, pudessem se comunicar entre si, promovendo a interoperabilidade dos sistemas de documentação museológica. Como o idioma da publicação é o português, outros países que possuem como língua oficial o português, podem se apropriar desse material para beneficiar seus museus, como é o caso do Brasil.

Mesmo tendo sido produzida há vinte e dois anos, e para um recorte de museus específicos, a publicação “Normas de Inventários - Artes Plásticas e Artes Decorativas” (2000)

apresenta um conjunto de metadados para a descrição de acervos de artes; assim, entende-se que os metadados abordados na publicação não sofreram grandes modificações até então, tendo em vista de que os acervos abordados permanecem os mesmos nas instituições museológicas que salvaguardam essa tipologia de acervo, e conseqüentemente as descrições sobre esses se mantêm de certa forma.

Na publicação em questão, as autoras apresentam 12 categorias descritivas para inventariar coleções artísticas e cada uma dessas categorias apresenta metadados específicos sobre essas, a fim de desmembrar e apresentar de maneira minuciosa uma informação sobre o acervo inventariado. Além de expor a composição dos metadados, também é feita uma breve descrição deles a fim de guiar o leitor ao entendimento do campo.

O quadro abaixo compreende as categorias descritivas presentes na publicação, bem como os metadados expostos, para efeitos de apresentar a composição informacional de uma ferramenta própria para a descrição de acervos de arte e discutir os termos apresentados.

Quadro 5 - Relação de metadados para a descrição de acervos artísticos segundo a publicação Normas de Inventários - Artes Plásticas e Artes Decorativas

N	CATEGORIA	METADADOS DAS CATEGORIAS
1	Classificação	Categoria
		Subcategoria
2	Identificação	Denominação
		Título
		Outras denominações
		Número de inventário
		Atribuição de números de inventário
		Elemento(s) de conjunto(s)
		Marcação de peças
		Descrição

3	Representação	Iconografia
		Heráldica
		Inscrição
		Subscrição
4	Produção	Autoria
		Justificações e atribuições
		Oficina/fabricante
		Centro de Fabricação
		Local de execução
		Entidade emissora
		Marcas
		Escola/estilo/movimento
5	Datação	Época/ período cronológico
		Séculos/anos
		Justificação da data
		Outras datações
6	Informação técnica	Matéria
		Técnica
7	Dimensões	Unidade de medida
		Medições de peças

		Outras dimensões
8	Origem	Historial
		Evolução da peça
		Objeto relacionado
9	Incorporação	Modos de incorporação
		Data da incorporação
10	Imagem	Tipos de imagem
		Digitalização de imagem
		Direitos de autor
11	Bibliografia	Documentação associada
12	Abatimentos de peça ao cadastro	Procedimentos

Fonte: Elementos textuais Pinho e Freitas (2000) - Quadro adaptado pela autora (2022).

Os metadados descritos são divididos a partir de 12 grupos de metadados categorizados, dos quais permitem que o acervo catalogado seja detalhado em sua forma física e contextual, ou seja, intrínseca e extrínseca. Os termos utilizados para tanto utilizam como referência o português de Portugal, em vista disso algumas nomenclaturas podem ser interpretadas de maneiras distintas, levando em consideração a diferença de linguagem, mas ainda assim, a maioria se mantém para o entendimento do português BR.

É notório também compreender que a partir da leitura dos metadados exibidos, percebamos que estes buscam descrever uma tipologia particular de acervo, nesse caso, os acervos de arte, das quais se inclui - artes plásticas e decorativas, ou seja, tais metadados estão adaptados para a descrição de pinturas, esculturas, desenhos, bem como outros objetos de decoração em geral, como mobiliário, aparelhos de jantar, painel de azulejos, dentre outros. Ainda é importante ressaltar a necessidade da utilização de Tesouros para auxiliar no preenchimento de informações de um objeto museológico, utilizando como exemplo a própria publicação sobre normas de inventários, a qual utiliza determinados termos para se referir a um

objeto, a partir do vocabulário empregado em Portugal, e esse mesmo objeto pode ser entendido a partir de nomenclaturas distintas dependendo do país a no qual o objeto está inserido.

Por meio da leitura e interpretação dos metadados que compõe as publicações aqui descritas, foi possível perceber que alguns deles se igualam ou se relacionam em seu sentido, outros são exclusivos de cada ficha, entretanto a composição de ambas as fichas objetiva igualmente a descrição de acervos de arte. Sendo assim, a utilização de ambos os materiais será significativa para o entendimento dos campos informacionais necessários para a catalogação dessa tipologia de acervo, bem como para o entendimento desses para viabilizar a interoperabilidade de fichas de catalogação de museus de arte.

A primeira etapa para a atuação da interoperabilidade semântica é a organização das informações que compõem a ficha de catalogação. Nesse quesito entra a padronização dos metadados, portanto, esses documentos específicos para normatização de metadados para a descrição de acervos de arte, podem auxiliar na elaboração de modelos de fichas de catalogação, os quais podem ser utilizados por diferentes museus que comportam acervos de arte. Tendo os metadados padronizados muitas das atividades que envolvem a documentação museológica da instituição poderá ser beneficiada, facilitando também o acesso e comunicação entre outras instituições de acervos similares.

Sequencialmente, a padronização desses metadados permite que a interoperabilidade aconteça por intermédio de fichas de catalogação informatizadas no espaço da web, onde a disposição de um padrão de metadados para a descrição de uma tipologia de acervo específica, auxilia não só na recuperação da informação dos acervos, mas propicia que diferentes sistemas de catalogação se conectem com outros por meio de direcionamento de links diretos dispostos na própria ficha de catalogação. Entretanto, a fase que antecede a disposição e padronização informacional deve ser respeitada, pois somente mediante a ela, os museus poderão inserir seus acervos em base de dados que permite essa comunicação direta no meio virtual. Sem a normalização desse processo é improvável essa comunicabilidade dos sistemas de catalogação.

Atualmente já existem sistemas de catalogação em que os museus podem inserir seus acervos para torná-los mais acessíveis a seus públicos, porém, há de se considerar a padronização dessas informações, a fim de evitar problemas futuros frente à recuperação das informações dos acervos.

É no ambiente Web que está sendo disponibilizada, de forma digital, uma exponencial quantidade de recursos informacionais, nos mais variados tipos de fontes. No entanto, essas informações estão sendo disponibilizadas de forma não estruturada, dificultando

a troca de dados e a comunicação entre sistemas e plataformas. (LIMA et al. 2016, p. 52)

Neste seguimento, a fase que compete à padronização dos metadados que compõem as fichas de catalogação dos museus é praticamente o pré-requisito para que esses tornem seus acervos acessíveis no meio virtual e que suas informações sejam de fácil acesso e entendimento diante de seus públicos. É sabido que muitos museus já tenham parte de seus acervos disponibilizados de modo online sem tanta sistematização informacional, e é claro que isso já é de grande proveito para a instituição a qual permite a aproximação entre museu e público; entretanto, é mais adequado que seja feita, inicialmente, a realização de uma pesquisa mais detalhada quanto à utilização dos metadados apropriados para a descrição de seus acervos, para posteriormente disponibilizar os mesmos com informações mais precisas e padronizadas. Essas informações poderão facilitar uma maior interação entre outros sistemas de catalogação de acervos de arte, além de possibilitar facilidades no desenvolvimento de pesquisas por parte do público pesquisador, como também evitar retrabalhos que objetivam a atualização frequente de novos metadados. Portanto, pontua-se a importância da padronização dos metadados para a descrição de acervos em conformidade com sua tipologia, que tem por objetivo tornar a prática da documentação museológica mais compreensível e de melhor manipulação por parte dos profissionais de museu, prática a qual irá propiciar avanço nas demais esferas museológicas.

3. ASPECTOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção descreve-se os aspectos e os procedimentos metodológicos utilizados para atender os objetivos da presente pesquisa. Inicialmente, discorre-se sobre a caracterização da pesquisa, identificando a classificação bem como os instrumentos a serem utilizados a partir dos objetivos pretendidos. Em seguida apresenta-se o *Corpus* e o contexto da pesquisa, identificando e justificando o escopo dos museus selecionados para a investigação, e por último, descreve-se as etapas da pesquisa a serem utilizadas para atingir os objetivos aqui propostos.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

No que se refere aos procedimentos metodológicos aplicados nesta pesquisa, podemos classificá-la como pesquisa de natureza aplicada, pois por meio dela pretende-se “produzir conhecimentos para aplicação prática dirigido à solução de problemas específicos” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 126). Quanto ao seu objetivo, é identificada como pesquisa descritiva, pois objetiva-se observar, registrar, analisar e ordenar os dados levantados na pesquisa (PRODANOV; FREITAS, 2013). E, no que diz respeito aos procedimentos técnicos a serem adotados, foi classificada como pesquisa bibliográfica e pesquisa documental: inicialmente, será realizado o levantamento bibliográfico a respeito da temática da pesquisa e, em sequência, será feita a análise dos documentos, neste caso as fichas de catalogação.

3.2 *CORPUS* E CONTEXTO

O objetivo da presente pesquisa foi realizar um estudo das fichas de catalogação dos Museus de Arte Moderna brasileiros, porém, como tem-se conhecimento de diversos museus dessa tipologia do país, foram pensados em alguns critérios para refinar, bem como delimitar o escopo da pesquisa. Sendo assim, foram considerados os seguintes critérios:

1. Museus que salvaguardam acervos de arte moderna;
2. Museus localizados na região sul e sudeste do país, considerando tais regiões de fácil locomoção da pesquisadora, caso fosse necessário o deslocamento para acesso de documentos;

3. Museus que foram criados na década de 40, considerando, desta forma, a primeira década de criação dos museus modernistas brasileiros;
4. Museus que foram criados no contexto do modernismo.

Para realizar o levantamento desses museus, utilizou-se a relação dos museus brasileiros disponibilizados na plataforma governamental Museusbr, a qual se refere aos museus inseridos no Cadastro Nacional de Museus. No campo de busca foi inserido o termo “museu de arte”, levando em consideração que nem todos os museus que salvaguardam tipologia de arte moderna se denominam especificamente como Museu de Arte Moderna; no campo “Estados”, foram inseridos os estados respectivos às regiões sul e sudeste; no campo “Tipo de museu” foi selecionado o tipo de museu Tradicional/clássico; por fim, selecionada a temática de museu para “artes, arquitetura e linguística”. (Quadro 9). Com a aplicação desses filtros foram recuperados o total de 66 museus. (APÊNDICE A).

Quadro 6 - Relação dos museus recuperados na plataforma Museusbr

Total de museus levantados				
Termo de busca	Estados	Tipo de museu	Temática de museu	Total
Museu de arte	São Paulo Minas Gerais Rio de Janeiro Espírito Santo Santa Catarina Paraná	Tradicional/Clássico	Artes, arquitetura e linguística.	66 museus

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Com o intuito de restringir o escopo dos museus levantados, foram utilizados os critérios 3 e 4, reduzindo assim para o total de 4 museus dentro dos objetivos da temática da pesquisa, conforme consta no quadro 07 abaixo:

Quadro 7 -Relação dos museus selecionados na pesquisa

Nome do museu	Localização	Ano de criação
Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand - MASP	São Paulo/SP	1947

Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro - MAM	Rio de Janeiro/RJ	1948
Museu de Arte Moderna de São Paulo - MAM	São Paulo/SC	1948
Museu de Arte de Santa Catarina - MASC	Florianópolis/SC	1949

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Para melhor compreensão do universo ao qual esses museus pertencem, como também, para entendimento dos estudos que se seguem, realizou-se um breve levantamento sobre a organização institucional de cada um, objetivando compreender de maneira prioritária a dimensão do setor que contempla a documentação museológica dessas instituições.

Em sua definição abrangente, os museus são instituições abertas ao público e a serviço da sociedade, sua administração pode se configurar entre privada ou pública, esse último aspecto podendo se ramificar entre federal, estadual e municipal. Essas configurações de certa forma revelam um pouco sobre a organização institucional dos museus, pois por meio dela é realizada a sistematização de todos seus setores, que vão desde a destinação de recursos humanos até o fornecimento de verbas para cada departamento do museu.

Tendo isso em vista, para compreendermos o desempenho de determinada área de atuação de um museu é necessário, inicialmente, direcionarmos o olhar para sua organização institucional, a fim de perceber como se desenvolve a gestão de seus setores, bem como a quantidade de recursos humanos direcionados para atuação de cada um deles. Neste sentido, a fim de interpretar como se desenvolve o setor de documentação museológica nos museus de arte moderna brasileiros, buscamos analisar a organização institucional dos quatro museus da presente pesquisa: MAM-SP, MAM-RJ, MASC e MASP.

As informações sobre a organização, no que se refere aos recursos humanos dos museus, foram retiradas dos *sites* oficiais de cada um deles, na parte onde se detalha a estruturação da equipe. Com o intuito de discorrer sobre a composição da equipe dos quatro museus foi descrito de forma breve os setores que os compõem, e em seguida, por meio de quadros informativos, foram destacados apenas os setores destinados ao desempenho ativo ou passivo¹⁵ da documentação museológica dessas instituições.

¹⁵ Entende-se aqui por desempenho ativo e passivo aqueles setores que podem agir de maneira direta ou indiretamente no escopo da documentação museológica.

O MASP é um museu privado que não possui fins lucrativos, logo, sua natureza se resume ao gerenciamento por parte da sociedade privada. A composição de sua equipe¹⁶ se dá por meio da divisão de quatro grandes setores, sendo estes: Diretoria executiva; Diretoria artística; Diretoria financeira e de operações e Diretoria de relações institucionais. (APÊNDICE B)

Quadro 8 - Setores de atuação direta ou indireta na documentação museológica do

EQUIPE MASP				
Setor	Subsetores	Pessoas responsáveis	Estagiários	Recursos Humanos totais
Diretoria artística	Acervo e conservação	9	1	18
	Centro de pesquisa	5	3	
Diretoria financeira e de operações	Financeiro	17	-	17
Total				35

Fonte: Equipe MASP. Disponível em: <https://masp.org.br/sobre/equipe>. Acesso em: 18 Jul. 2022

O quadro acima refere-se somente aos setores que foram considerados parte atuante, direta ou indiretamente, no setor de documentação museológica da instituição. Nesse caso, destacam-se os setores de Diretoria artística, o qual compreende, o que chamamos de subsetores, de acervo e conservação e centro de pesquisa; esses os quais foram interpretados como subsetores que agem de forma indireta na documentação museológica. O setor de Diretoria financeira e de operações, este que abrange a atuação do subsetor do financeiro, que destina verbas aos setores, nesse caso, inclui-se os que operam também no âmbito da documentação museológica. Em destaque, os três subsetores, totalizam a atuação de 35 pessoas no que se refere aos recursos humanos destinados ao desempenho da documentação museológica do MASP.

¹⁶ MASP equipe. Disponível em: <https://masp.org.br/sobre/equipe>. Acesso em: 18 Jul. 2022

O MAM-SP é uma instituição privada, sem fins lucrativos, também administrada pela sociedade privada, composto por uma equipe¹⁷ a qual é dividida por meio de 13 setores, sendo estes: Direção; Administrativo; Biblioteca; Comunicação; Educativo; Jurídico; Negócios; Parcerias e projetos; Patrimônio; Presidência; Produção de exposições; Recursos humanos e Tecnologia da informação. (APÊNDICE C).

Quadro 9 - Setores de atuação direta ou indireta na documentação museológica do MAM-SP

EQUIPE MAM-SP				
Setor	Subsetores	Pessoas responsáveis	Estagiários	Recursos Humanos totais
Direção	Acervo	4	-	4
Administração	Financeiro	3	-	3
Total				7

Fonte: MAM SP Equipe. Disponível em: <https://mam.org.br/institucional/>. Acesso em 18 Jul. 2022.

O quadro apresenta os subsetores que destacamos frente ao desempenho direto ou indireto da documentação museológica da instituição, sendo esses os subsetores de acervo composto por 4 pessoas e o subsetor financeiro, compostos por 3 pessoas, contabilizando o total de 7 pessoas para o desempenho das atividades que possam contribuir com a ação da documentação museológica do MAM-SP.

O MAM-RJ, assim como os museus citados, também é um museu administrado por iniciativa privada. A equipe¹⁸ que compõem sua organização está dividida entre 10 grandes setores, sendo: Direção; Curadoria; Museologia; Cinemateca; Educação e participação; Pesquisa e documentação; Produção; Relações institucionais; Administração e finanças e Operações e TI. Desses setores destacamos. (APÊNDICE D)

Quadro 10 - Setores de atuação direta ou indireta na documentação museológica do MAM-RJ

EQUIPE MAM-RJ

¹⁷ MAM SP Equipe. Disponível em: <https://mam.org.br/institucional/>. Acesso em 18 Jul. 2022.

¹⁸ MAM Rio Equipe. Disponível em: <https://mam.rio/sobre-o-mam/equipe/>. Acesso em: 18 Jul. 2022.

Setor	Pessoas responsáveis		Estagiários	Recursos Humanos totais
Pesquisa e documentação	Pesquisadoras	2	-	7
	Arquivista	1	-	
	Museólogo	1	-	
	Bibliotecário	1	-	
	Auxiliar de biblioteca	1	-	
	Jovem aprendiz	1	-	
Administração e finanças	Superintendência financeira	1	-	3
	Coordenador administrativo e financeiro	1	-	
	Analista administrativos financeiro	1	-	
Total				10

Fonte: MAM Rio Equipe. Disponível em: <https://mam.rio/sobre-o-mam/equipe/>. Acesso em: 18 Jul. 2022.

Conforme apontado no quadro, os setores dos quais podemos identificar relação com a execução das atividades que permeiam a documentação museológica deste museu, são os setores de Pesquisa e documentação e Administração e Finanças. Sendo assim, o primeiro é um setor dedicado quase exclusivamente às práticas da documentação, e o segundo age de maneira indireta com a destinação de verba para os demais setores da instituição. Dessa maneira os recursos humanos totais destinados a este campo são de 10 pessoas.

O MASC, diferente dos demais museus aqui citados, é o único museu público, do qual sua administração é vinculada ao Estado, sendo gerido pela Fundação Catarinense de Cultura (FCC). Sua equipe é composta por 8 setores, sendo: Coordenação; Conservação e acervo; Ação

educativa; Pesquisa e documentação; Montagem e iluminação; Apoio administrativo; Identidade visual e Revisão de textos. (APÊNDICE E)

Quadro 11 - Setores de atuação direta ou indireta na documentação museológica do MASC

EQUIPE MASC			
Setor	Pessoas responsáveis	Estagiários	Recursos Humanos totais
Conservação e Acervo	1	1	2
Pesquisa e documentação	1	-	1
Total			3

Fonte: (MASC, 2022).

Conforme apresenta-se no quadro acima, os setores os quais puderam ser associados, de forma direta ou indireta, à atuação museológica da instituição, foram os setores de Conservação e acervo e Pesquisa e documentação. Nesse sentido, os recursos humanos totais para o dinamismo dessa frente, se estabelecem em 3, sendo 2 na atuação do Núcleo de Conservação e Acervo, e 1 para o desempenho do Núcleo de Pesquisa e Documentação.

A partir desse breve levantamento já é possível dimensionar os recursos humanos direcionados para a execução de ações sobre a documentação museológica, perceber o nível de maturidade deste setor em cada instituição, como também observar em qual dos quatro museus o setor de documentação museológica parece melhor desenvolvido, utilizando como base a dimensão de alcance dos setores que visam o exercício da área da documentação.

Segundo publicação do IBRAM *“Acervos digitais em museus: manual para a realização de projetos”*

[...] quanto mais funcionários o museu tem, maior será sua capacidade de realizar ações. Entendemos que nem sempre a quantidade representa uma melhoria da qualidade das ações desenvolvidas. Entretanto, dada a crônica carência de equipes nos museus brasileiros, quantidade, em conjunto com as demais variáveis mais qualitativas, foi, também, considerado um fator importante para o desenvolvimento das ações. (IBRAM, 2020, p. 45).

O trecho em questão refere-se a diretrizes que os museus podem aplicar em seus espaços para avaliar o grau de maturidade tecnológica do museu em relação à utilização de meios digitais para difusão de seus acervos no espaço virtualizado. Uma dessas orientações é olhar para o interior da instituição e perceber o número total de funcionários presentes em cada setor. Sendo assim, podemos constatar que instituições com melhores estruturas, no que se refere ao direcionamento de recursos humanos necessários para cada setor que o compõem, tendem a serem mais desenvolvidas, pois estas consideram que quantos mais profissionais capacitados para atuarem em suas respectivas áreas, maior será o desempenho geral da instituição.

A importância de avaliarmos a equipe que compõe uma organização se justifica - principalmente nessa pesquisa - pelo fato de adquirir, a partir dessa avaliação, diferentes percepções sobre diferentes instituições museológicas. Sabendo que o intuito do presente estudo é de certo modo avaliar a interoperabilidade semântica das fichas de catalogação desses quatro museus, é necessário que seja, inicialmente, direcionado o olhar para dentro da organização da instituição, para assim compreendermos os possíveis motivos de alguns museus serem mais desenvolvidos do que outros.

Museus particulares e de grande notabilidade são mais propensos a possuir grandes investimentos em seus variados setores. Nós, profissionais de museus, sabemos que esta não é uma realidade de museus públicos nacionais, que carecem de direcionamento de verbas para manutenção do edifício, para realização de atividades culturais e educativas, bem como para contratação de profissionais para auxiliarem no progresso de seus variados setores. Portanto, se faz necessária essa pré-análise a qual servirá como base para a compreensão da pesquisa ao longo deste estudo.

3.3 ETAPAS DA PESQUISA

A fim de cumprir o objetivo da referida pesquisa que é investigar a interoperabilidade semântica nos sistemas de catalogação dos acervos de arte moderna brasileiros, foi realizado, inicialmente, o levantamento bibliográfico que dispõem sobre terminologias para descrição de acervos de arte, em seguida identificada a composição dos metadados das fichas de catalogação dos museus de arte pesquisados e, por fim, discorrido, bem como refletido sobre o padrão mínimo para descrição de acervos de arte. Os quadros abaixo representam as metodologias que foram adotadas para os cumprimentos de todos os objetivos específicos propostos nesta dissertação.

Quadro 12 - Primeiro objetivo específico

a) Levantar na literatura os aspectos de arte moderna para a interoperabilidade semântica entre os sistemas de catalogação de museus.	
Método/técnica de coleta de dados	Pesquisa bibliográfica
Lista de dados: quais dados?	Artigos Recuperados em base de dados sobre catalogação em museus
Fonte de dados: de onde, quem?	Recuperação de artigos nas bases de dados: BRAPCI, SCIELO, EBSCO e WEB OF SCIENCE; anais de eventos e livros das áreas da Ciência da Informação e Museologia.
Amostra: quem, o quê, quantos?	Quais os metadados necessários para compor uma ficha de catalogação museológica de museus de arte.
Método/Técnica de tratamento de dados	Análise dos artigos recuperados em cada uma das bases de dados.
Resultados: o que gerará?	Descrição sobre metodologias de catalogação em museus de arte.

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Quadro 13 - Segundo objetivo específico

b) Identificar os metadados e a padronização que compõe as fichas de catalogação dos museus de arte moderna brasileiro	
Método/técnica de coleta de dados	Pesquisa documental
Lista de dados: quais dados?	Ficha de catalogação
Fonte de dados: de onde, quem?	Ficha de catalogação dos museus: Museu de Arte de São Paulo; Museu de Arte Moderna de São Paulo; Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro; Museu de Arte de Santa Catarina.
Amostra: quem, o quê, quantos?	Análise dos metadados que compõem as fichas de catalogação dos quatro museus. A coleta foi realizada por meio da análise das fichas de catalogação em formato digital, fornecidas pelos e-mails dos quatro museus.

Método/Técnica de tratamento de dados	Coleta na íntegra dos metadados das fichas de catalogação.
Resultados: o que gerará?	Lista abrangente dos metadados recuperados nas fichas de catalogação dos quatro museus.

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Quadro 14 - Terceiro objetivo específico

c) Refletir sobre o padrão mínimo de metadados para descrição de acervos museológicos de arte moderna proporcionando a interoperabilidade semântica.	
Método/técnica de coleta de dados	Pesquisa bibliográfica e Análise documental.
Lista de dados: quais dados?	Artigos recuperados e Fichas de catalogação.
Fonte de dados: de onde, quem?	Lista abrangente dos metadados recuperados nas fichas de catalogação dos quatro museus e fundamentação teórica desenvolvida.
Amostra: quem, o quê, quantos?	Metadados das fichas de catalogação e os metadados dos manuais de catalogação de acervos de arte levantados na fundamentação teórica.
Método/Técnica de tratamento de dados	Comparação entre as terminologias utilizadas para a descrição de acervos de arte, e comparação das fichas entre os museus pesquisados.
Resultados: o que gerará?	Criação de um modelo de ficha de catalogação contendo os metadados para a descrição de acervos de arte.

Fonte: Elaborada pela autora (2021)

O cumprimento do primeiro objetivo específico (quadro 12) foi o que proporcionou embasamento para o desempenho das etapas sequenciais desta pesquisa, portanto, com o conhecimento prévio proveniente da literatura foram desenvolvidos dois modelos de quadros de análise que auxiliarão no entendimento dos metadados para a descrição dos acervos de arte, como também na compreensão da possibilidade da interoperabilidade semântica entre as fichas de catalogação dos museus de arte.

O primeiro quadro de análise (quadro 15) refere-se ao agrupamento dos metadados apresentados nas publicações Manual de catalogação de pinturas, esculturas, desenhos e gravuras (1995) e Normas de Inventários - Artes Plásticas e Artes Decorativas (2000). Este quadro terá dois objetivos primordiais, que são: indicar a presença dos metadados presentes nas fichas de catalogação dos museus, conforme constam os termos e temáticas citadas nos dois materiais, como também perceber as semelhanças e diferenças na composição dos metadados de cada uma das publicações.

As informações que compõem o quadro foram desdobradas e ordenadas a partir da divisão de 12 categorias de assunto, que foi identificada neste como categorização de metadados, essas foram pensadas para auxiliar no entendimento do agrupamento de categoria de metadados que compõem ambas as publicações.





Para identificar os graus de exclusividade, (termo exclusivo de uma ficha de catalogação), equivalência (termo proporcional ao outro termo) e similaridade (termo semelhante ao outro termo) dos metadados expostos, foram utilizadas três cores distintas, sendo verde “equivalente”, amarelo “similar” e vermelho “exclusivo”, a cor cinza apenas indica a ausência do termo nas publicações analisadas.

Quadro 15 - Comparativo dos metadados presentes nas publicações de embasamento teórico.

Categorização de metadados	Manual de catalogação de pinturas, esculturas, desenhos e gravuras. (1995)	Norma de Inventários: Artes Plásticas e Artes Decorativas. (2000)	MASP	MAM-RJ	MAM-SP	MASC
Numeração	Número de registro/tombo	Número de inventário				
	Outros números					
	Numeração dentro da série					
		Atribuição de números de inventário				
		Elemento(s) de conjunto(s)				

		Marcação de peças				
Identificação por descrição	Título da obra	Título				
	Autoria/função	Autoria				
		Justificações e atribuições				
		Descrição				
		Denominação				
		Outras denominações				
		Título da série				
		Título para etiqueta				
			Iconografia			
Categorização		Categoria				
		Subcategoria				
	Escola/ grupo cultural	Escola/estilo/ movimento				
	Coleção					
Dimensões		Medições de peças				
		Unidade de medida				
		Outras dimensões				
Produção da obra		Matéria				
		Técnica				
		Local de				

		execução				
		Oficina/ Fabricante				
		Centro de Fabricação				
Aquisição	Ordem de entrada de pessoas físicas	Data da incorporação				
	Forma de entrada de nomes de pessoas físicas	Modos de incorporação				
	Forma e ordem de entrada de pessoas jurídicas					
Datação		Época/ período cronológico				
		Séculos/anos				
		Justificação da data				
		Outras datações				
Conservação		Marcas				
		Procedimentos				
		Inscrição				
Assinaturas	Assinatura/ Onde	Subscrição				
Reprodução	Cópias					
		Direitos de autor				
Informações		Documentação				

complementares		associada				
		Objeto relacionado				
		Historial				
		Evolução da peça				
		Tipos de imagem				
		Digitalização de imagem				
		Heráldica				
Legendas:  Não identificado  Equivalente  Exclusivo  Similar						

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

O segundo modelo de quadro avaliativo (quadro 16) tem como objetivo reunir os metadados sugeridos pela normativa nº 14 de 2022 do IBRAM, que visam a descrição de acervos museológicos, e junto disso sinalizar quais desses metadados são encontrados nas fichas de catalogação dos museus trabalhados. A finalidade desta parte da análise é realizar um comparativo entre os metadados presentes nas fichas de catalogação dos museus analisados, e os metadados recomendados pela Resolução Normativa. Importante salientar que estes metadados tem como intuito servir de modelo para elaboração de inventários, e não especificamente para fichas de catalogação, no entanto, a fim de se apoiar em um documento oficial, que apresentasse metadados para descrição de bens museológicos, optou-se por utilizar esta Resolução Normativa para dar maior embasamento e sustentação para a análise, considerando que este é o documento mais atual que dispõem sobre o padrão mínimo para descrição de acervos, em relação ao período desta pesquisa.

Quadro 16 - Modelo metadados do IBRAM

Resolução Normativa IBRAM N° 14, 2022.

Metadados	MASP	MAM - SP	MAM - RJ	MASC
Item				
Número de registro				
Denominação				
Título				
Autor				
Classificação				
Dimensões				
Material/técnica				
Estado de conservação				
Local de produção				
Data de produção				
Resumo descritivo				

Fonte: IBRAM (2022), adaptado pela autora (2022).

Ambos os modelos de quadros avaliativos foram preenchidos no momento da análise das fichas de catalogação dos museus, e apresentam-se na próxima seção, que abrange os resultados e discussões obtidos na pesquisa.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A presente seção foi dividida em três subseções, sendo: (4.1) Composição informacional das fichas de catalogação dos museus de arte moderna, (4.2) Análise das fichas de catalogação dos museus de arte segundo os manuais de catalogação de acervos de arte e (4.3) Análise da interoperabilidade semântica das fichas de catalogação dos museus de arte modernistas brasileiros. Na primeira subseção é discutido sobre as terminologias utilizadas nas fichas de catalogação de cada um dos museus, utilizando como comparativo os metadados sugeridos pela normativa do IBRAM. Posteriormente, na segunda subseção é utilizado o quadro 15, descrito na seção (3.3), para analisar os termos e temáticas que compõem as fichas de catalogação dos quatro museus de arte. Por fim, a última subseção discute sobre a possibilidade da atuação da interoperabilidade semântica das fichas de catalogação desses museus por meio de um comparativo de metadados que compreende suas fichas.

4.1 COMPOSIÇÃO INFORMACIONAL DAS FICHAS DE CATALOGAÇÃO DOS MUSEUS DE ARTE MODERNA

Para dar início à análise foi realizado inicialmente o levantamento dos metadados que compõem as fichas de catalogação desses museus¹⁹, a fim de observar quais termos ou temáticas tais museus adotaram para descrever seus acervos, nessa ocasião a composição informacional das fichas foram extraídas das mesmas e inseridas em quadros, além disso foram adicionadas notas explicativas sobre os campos descritivos a fim de proporcionar maior compreensão por parte do leitor.

Utilizando como respaldo a Resolução Normativa Nº 14 de 2022, realizou-se também o levantamento dos metadados principais para a descrição de acervos museológicos, recomendados pelo IBRAM. Importante ressaltar que esta Resolução Normativa tem como objetivo

viabilizar a realização, com segurança jurídica, de ações oficiais dos órgãos públicos competentes voltadas ao apoio aos museus públicos e privados e aos proprietários ou responsáveis legais de bens culturais musealizados ou passíveis de musealização, considerados individualmente ou em conjunto, visando a preservação e a difusão do patrimônio cultural de destacada importância para o país. (IBRAM, 2022).

¹⁹ Todas as fichas apresentadas em sequência são fichas digitais, e foram disponibilizadas através de envio de e-mail pelos próprios museus.

Em um de seus anexos são apresentados os metadados utilizados para a identificação de bens musealizados e/ou passíveis de musealização, os quais foram selecionados para compor a presente pesquisa. É também salientado na referida Resolução Normativa que tais metadados devem ser preenchidos conforme a Resolução Normativa nº 02, de 29 de agosto de 2014, a qual “Estabelece os elementos de descrição das informações sobre o acervo museológico, bibliográfico e arquivístico” (BRASIL, 2014).

A análise foi realizada em duas etapas, primeiramente são apresentados quadros individuais que contém os metadados das fichas de catalogação de cada museu, em seguida esses metadados foram divididos entre “informações intrínsecas” e “informações extrínsecas”, e estas por sua vez foram identificadas pela própria autora, que optou por separar a composição informacional das fichas para facilitar o entendimento dos metadados presentes nelas.

Ao final da apresentação de cada quadro foi realizado um breve resumo sobre a composição de cada ficha, destacando suas características, além de distinguir os metadados que foram identificados como basilares para a descrição de acervos de arte utilizando como embasamento as publicações já trabalhadas: *Manual de catalogação de pinturas, esculturas, desenhos e gravuras. (1995)* e *Norma de Inventários: Artes Plásticas e Artes Decorativas. (2000)*. Nessa etapa da análise, buscou-se inserir os metadados das fichas de catalogação que mais se aproximavam dos metadados disponíveis em ambos os manuais, esses estão destacados em todos os quadros.

Após a apresentação de todos os quadros, é realizada uma análise geral de cada ficha de catalogação, evidenciando as particularidades de cada uma. Em seguida, para complementar a análise, é utilizado o quadro 16, anteriormente descrito na seção (3.3), para identificar quais metadados ou temáticas das fichas de catalogação desses museus são abrangidos pela Resolução Normativa. A ordem de apresentação dos quadros que compreendem os metadados das fichas de catalogação dos museus decorre na mesma ordem que estão sendo citados os museus ao longo do estudo, respeitando sua ordem de criação, sendo: MASP, MAM-SP, MAM-RJ e MASC.

Quadro 17 - Metadados MASP

Metadados - Ficha de catalogação Museu de arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP)

Informações intrínsecas		Notas explicativas	Informações extrínsecas		Notas explicativas
01	Nº Tombo	Número de tomo do acervo	39	Procedência	Nome da pessoa física ou jurídica que possuía a guarda do objeto anteriormente.
02	Designação	Nome próprio do objeto	40	Responsável	Responsável pela aquisição
03	Título	Título atribuído ao objeto pelo artista	41	Moeda	Tipo de moeda. Ex: Real; Dólar.
04	Notas	Notas referente a designação do objeto	42	Tipo de valor	Ex: Seguro.
05	Tipo de aquisição	Modo de aquisição	43	Valor	Valor do objeto.
06	Data de aquisição	Data a qual o objeto foi adquirido	44	Data do valor	Data em que o objeto foi avaliado.
07	Data textual	Ano da aquisição	45	Avaliador	Nome do avaliador da obra
08	Autor	Autor da obra	46	Créditos	Créditos referente a aquisição da obra
09	Classificação	Classe a qual se enquadra o objeto	47	Era início	Identificação de Era início. Ex: a.C/ d.C
10	Tipos de coleções	Categoria da coleção	48	Era fim	Identificação de Era fim. Ex: a.C/ d.C
11	Componentes	Lista dos objetos que o compõem			
12	Nº de itens	Quantidade de objetos que o compõem			

13	Cronologia: Data inicial	Datação do objeto - Data inicial			
14	Cronologia: Data final	Datação do objeto - Data final			
15	Tipo de medida	Identificação da medida (altura, largura, profundidade).			
16	Valor de medida	Quantidade da medida			
17	Unidade de medida	Identificação da unidade de medida (milímetro, centímetro, metro)			
18	Dimensões – Resumo	Resumo da medida completa.			
19	Data da entrada	Dia, mês e ano da entrada.			
20	Tipo de entrada	Modo de aquisição (compra, legado, permuta...)			
21	Tipo de inscrição	Tipo de inscrição presente no objeto. Ex: Assinatura			
22	Autor	Autor da inscrição			
23	Texto	Texto da inscrição			

24	Técnica	Técnica da inscrição			
25	Tipo de material	Composição do material da inscrição			
26	Posição	Posicionamento da inscrição no objeto			
27	Localização: Tipo de localização	Local a qual o objeto está salvaguardado.			
28	Local habitual	Identificação de localização habitual ou não			
29	Data da localização	Data em que o objeto foi localizado no espaço do museu			
30	Tipo de material	Descrição da composição de material do objeto			
31	Número	Numeração que o objeto possui			
32	Tipo de numeração	Identificação da tipologia de numeração. Ex: N° provisório; N° Temporário.			
33	Tipo de procedência	Tipo da procedência que se refere a aquisição. Ex: Venda.			

34	Entidade	Nome de pessoa física ou jurídica respectiva a entidade da procedência.			
35	Local administrativo	Local administrativo referente a procedência de aquisição do objeto.			
36	Justificativa	Justificativa do modo de aquisição. Explicação da procedência.			
37	Data textual	Até qual data o objeto se manteve salvaguardado ao que se refere sua antiga procedência.			
38	Técnica	Técnica do objeto. Ex: Pintura.			

Fonte: Adaptado de MASP (2022).

A partir da análise da ficha de catalogação do MASP (ANEXO A), pode-se observar a presença de 48 metadados, sendo 38 para descrição de informações intrínsecas e 10 para a descrição de informações extrínsecas. A composição dos metadados presentes na ficha de catalogação em questão, abrange o detalhamento de diferentes informações sobre o acervo, como a descrição das características físicas do objeto, informações sobre sua procedência e informações sobre a historicidade do objeto pela identificação da data de criação ou Era do objeto. Dos 48 metadados presentes na ficha, observou-se que 11 deles podem ser identificados de modo mais preciso, como metadados para a descrição de acervos de arte, conforme os metadados sugeridos pelas publicações anteriormente mencionadas, sendo: *nº tomo*, *título*,

autor, classificação, tipos de coleção, dimensões - resumo, unidade de medida, tipo de material, técnica, data da entrada e tipo de entrada.

Quadro 18 - Metadados MAM-SP²⁰

Metadados - Ficha de catalogação Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP)					
Informações intrínsecas		Notas explicativas	Informações extrínsecas		Notas explicativas
01	Tombo	Número de tombo do acervo	30	Observações (localização)	Observações referente a localização. Detalhe sobre os componentes do objeto.
02	Artista	Nome do artista	31	Observações título	Informações adicionais referente ao título da obra.
03	Título	Título da obra	32	Conjunto	Identificação se o objeto pertence a uma série ou se é único.
04	Localização	Localização do objeto na instituição	33	Seguro (USD)	Valor do seguro da obra em Dólar.
05	Data atual (localização)	Data atual da localização da obra na instituição	34	Exposição	Identificar se a obra já foi exposta alguma vez
06	Categoria	Categoria a qual o objeto se enquadra	35	Direito autoral	Identificação de direitos autorais da obra.

²⁰ As notas explicativas sobre os metadados desta ficha de catalogação foram construídas junto da documentalista do acervo do MAM-SP, Camila Gordillo de Souza, por meio de conversa online realizada pela plataforma Google Meet.

07	Ano entrada	Ano de entrada do objeto na instituição.	36	Observação	Observações que não coube em nenhum outro metadado. Informações adicionais.
08	Partes	Partes que compõem o objeto, se for o caso.	37	Imagem	Identificação de quantidades de fotografias do objeto na instituição.
09	Procedência	Identificação da forma de aquisição do objeto, bem como o nome do doador.	38	Data primeira expo	Data da primeira exposição do objeto
10	Procedência multimídia	Identificação de forma de aquisição resumida.	39	Fotógrafo	Nome dos fotógrafos da obra.
11	Código procedência	Modalidade de aquisição. Ex: Compra, doação.	40	Restauração e/ou intervenções na obra	Identificação de intervenções ou restauro da obra
12	Título original	Título original da obra.	41	Tipo tratamento	Identificação do tratamento utilizado para a realização da intervenção ou restauro da obra
13	Título do conjunto	Título da série a qual o objeto pertence, se for o caso.	42	Data restauro	Data do restauro
14	Data observação	Detalhamento da data das obras.	43	Restaurador	Nome do restaurador (a)

15	Data obra	Data de criação da obra.	44	Laudo	Identificar se possui ou não o laudo.
16	Técnica completa	Descrição completa da técnica empregada na obra			
17	Técnica multimídia	Detalhamento da técnica.			
18	Assinatura	Identificar se a obra possui ou não assinatura, em caso positivo identificar o local da assinatura na obra.			
19	Local provisório	Local provisório do objeto. Ex: Reserve técnica; Em exposição.			
20	Data entrada	Data de entrada da obra. Dia, mês e ano.			
21	Termo doação	Identificar se possui termo de doação ou não.			
22	Dimensões: PINTURA	Identificação do acervo que será dimensionado			
23	Altura Suporte	Dimensão da altura do suporte da obra			
24	Largura Suporte	Dimensão da largura do suporte da obra			

25	Profundidade Suporte	Dimensão da profundidade do suporte da obra			
26	Altura Moldura	Dimensão da altura da moldura da obra			
27	Largura Moldura	Dimensão da largura da moldura da obra			
28	Profundidade Moldura	Dimensão da profundidade da moldura da obra			
29	Peso	Peso da obra/pintura			

Fonte: Adaptado de MAM-SP (2022).

A ficha de catalogação do MAM SP (ANEXO B) apresenta em sua totalidade 159 metadados para a descrição de seus acervos, dentre estes contém a divisão que representa informações das dimensões das obras, as quais são separadas por categoria, por isso justifica-se a proporção dos metadados. Portanto, para fins de análise foi realizado o recorte de apenas uma categoria de acervo, a qual é apresentada no quadro acima, nesse sentido, a ficha se estabelece com o total de 44 metadados, incluindo apenas da categoria de acervo “pintura”, que será apresentada por meio dos metadados de dimensão específica a essa classe de acervo. Dentre os 44 metadados, 29 são para a descrição de informações intrínsecas e 15 são para a descrição de informações extrínsecas.

Observa-se nesta ficha que os metadados que compreendem a mesma visam descrever o objeto por meio de informações sobre características físicas, identificação de autoria, estado de conservação e possíveis danos na peça, informações sobre a procedência bem como sobre o acondicionamento do acervo. Dos 44 metadados respectivos ao recorte da ficha, identificou-se 10 deles como metadados mais direcionados para a descrição de acervos de arte, segundo os manuais analisados, sendo estes: *tombo, artista, título, conjunto, categoria, dimensões, técnica completa, data entrada, assinatura e direito autoral*.

Quadro 19 - Metadados MAM-RJ

Metadados - Ficha de catalogação Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM-RJ)					
Informações intrínsecas		Notas explicativas	Informações extrínsecas		Notas explicativas
01	Autoria	Autoria da obra.	43	Doador ou colecionador	Nome do doador da obra
02	Id da Obra	Número id da obra	44	Curinga para etiqueta	Título para etiqueta
03	Nº de registro	Nº de registro da obra no museu	45	Procedência da imagem	Procedência da imagem da obra.
04	Data de Entrada	Data em que a obra entrou na instituição.	46	Fotografias digitais?	Identificar se a obra possui ou não fotografias digitais.
05	Coleção.	Coleção a qual pertence.	47	Complemento	Complemento sobre informações das imagens da obra.
06	Gênero da obra	Classificação da obra	48	Obs. s/ o título	Observações sobre o título da obra
07	Imagem de referência	Imagem de identificação da obra.	49	Múltiplo	Identificar se possui cópias do objeto
08	Ano de entrada	Ano de entrada da obra.	50	Justificativa de tiragem/ edição	Justificativa da edição
09	Descrição	Descrição da obra.	51	Observações sobre a data	Observações sobre a data da obra
10	Tradução do curinga	Tradução do curinga para etiqueta	52	Ano p/ pesquisa	Ano para pesquisa da obra.

11	Título original	Título original da obra	53	Observações sobre as dimensões/ peso	Observações sobre dimensões da obra
12	Título em português	Título em português	54	Instruções de montagem	Instruções de montagem da obra
13	Título em inglês	Título em inglês	55	Especificações para embalagem	Informações referente a embalagem do acervo
14	Série/ álbum original	Nome da série ou álbum original da obra	56	Observações de montagem	Observações referente a montagem do acervo
15	Série/ álbum em português	Nome da série ou álbum da obra em português	57	Anexos	Anexos referente a montagem da obra
16	Série/ álbum em inglês	Nome da série ou álbum da obra em inglês	58	Histórico de aquisição	Histórico de aquisição da obra
17	Data da obra	Data de produção da obra	59	Complemento	Complemento referente a informações sobre a localização da obra.
18	Técnica/ material no original	Técnica/ material da obra - termo original	60	Verbete	Apontamento/ nota sobre a obra
19	Técnica/ material no português	Técnica/ material da obra em português	61	Responsável	Responsável pelo verbete
20	Técnica/ material no inglês	Técnica/ material da obra em inglês	62	Movimentos/ expressões artísticas	Movimentos/ expressões artísticas a qual pertence a obra.

21	Sonoro?	Identificar se a obra é ou não sonora	63	Data	Data do verbete
22	Formato	Formato da obra	64	Observações sobre a obra	Observações sobre a obra: informações complementares
23	Altura	Altura da obra	65	Catálogo: Data	Data da catalogação
24	Largura	Largura da obra	66	Responsável	Responsável pela catalogação
25	Profundidade	Profundidade da obra			
26	Duração	Duração de vídeo (acervo multimídia)			
27	Peso	Peso do objeto			
28	Altura do suporte	Altura do suporte da obra			
29	Largura do suporte	Largura do suporte da obra			
30	Profundidade do suporte	Profundidade do suporte da obra			
31	Altura da moldura/ base	Altura da moldura/ base da obra			
32	Largura da moldura/ base	Largura da moldura/ base da obra			
33	Profundidade da moldura/ base	Profundidade da moldura/ base da obra			
34	Inscrições	Inscrições presentes na obra			

35	Inscrições do estado de conservação	Identificação do estado de conservação da obra			
36	Inscrições/ marcas/ etiquetas: Localização	Identificação de inscrições/ marcas/ etiqueta e sua localização na obra			
37	Modo de aquisição	Forma de aquisição da obra			
38	Procedência	Origem da obra			
39	Data comissão de acervo	Data da reunião de comissão de acervo em que o objeto foi selecionado para compor a coleção do museu			
40	Documento de aquisição	Anexo do documento de aquisição do objeto			
41	Localização	Localização da obra na instituição			
42	Localização temporária	Localização temporária da obra.			

Fonte: Informações retiradas da ficha de catalogação do MAM RJ, com adaptação informacional da autora (2022).

A ficha de catalogação do MAM RJ (ANEXO C) é composta por 66 metadados, sendo 42 identificados como intrínsecos e 24 como extrínsecos. As informações que contemplam a referida ficha possibilitam descrever o objeto por meio de informações referentes a titulação, aquisição, dimensão, técnica da obra, como também informações sobre embalagem e montagem em momentos de circulação do acervo. Apresenta também informações referentes à pessoa que preencheu o documento de catalogação da obra, bem como a data da ação. Respectivo aos metadados próprios para a identificação de acervos de arte, de acordo com os manuais

analisados, foram identificados 13, sendo estes: *nº de registro, autoria, título original, descrição, série/álbum original/, curinga para etiqueta, gênero da obra, movimentos/ expressões artísticas, data entrada, técnica/ material no original, modo de aquisição, inscrições/ marcas/ etiquetas: localização e inscrições.*

Quadro 20 - Metadados MASC

Metadados - Ficha de catalogação Museu de Arte de Santa Catarina (MASC)					
Informações intrínsecas		Notas explicativas	Informações extrínsecas		Notas explicativas
01	Registro	Nº de registro do acervo.	11	Naturalidade	Naturalidade do artista
02	Título	Título da obra.			
03	Artista	Artista da obra.			
04	Data	Data da confecção da obra.			
05	Técnica	Técnica da obra			
06	Suporte/Materiais	Suportes e/ou materiais presentes na obra.			
07	Dimensões	Identificação da dimensão da obra: Altura; Largura e Profundidade.			
08	Local	Local em que a obra se encontra na instituição			
09	Descrição	Descrição da obra de forma			

		resumida			
10	Coleções	Coleção a qual a obra pertence.			

Fonte: Adaptado de MASC (2022).

A ficha de catalogação do MASC (ANEXO D) é composta pelo total de 11 metadados, sendo 10 metadados respectivos às informações intrínsecas do acervo e 1 para identificação de informações extrínsecas. As informações contidas nesta ficha resumem-se a informações que objetivam descrever de forma básica o acervo, informando a identificação do acervo, por meio da identificação do artista e título da obra, bem como os materiais empregados para sua composição. De acordo com os metadados sugeridos pelos manuais analisados, dos 11 metadados presentes na ficha, identificou-se 8 deles como metadados mais particulares à descrição de acervos de arte, sendo: *registro, título, artista, técnica, suporte/materiais/dimensões, descrição e coleções*.

Com esta breve análise da composição das fichas de catalogação dos quatro museus, apresentadas acima, foi possível perceber semelhanças e diferenças quanto ao emprego dos termos ou temáticas adotadas para a descrição de seus acervos. Todas essas, de maneira abrangente, adotaram metadados para uma descrição basilar referente à descrição física do acervo, tendo em comum informações referentes a titulação, autoria, data de criação e dimensões das obras. Percebe-se também que a maioria dos metadados das fichas analisadas são respectivos às informações que visam descrever intrinsecamente o objeto, ou seja, levantar informações de caracterização deles. Mas isso é algo justificável, segundo Padilha (2014, p. 51).

Na maioria das vezes, encontra-se maior facilidade na recuperação de informações intrínsecas ao objeto, uma vez que se trata da descrição física, do que das informações extrínsecas, tendo em vista que é necessário recuperá-las por meio de outras fontes e que nem sempre são encontradas e, por isso, acabam não sendo registradas.

O levantamento de informações intrínsecas requer um dinamismo ativo na pesquisa de acervos museológicos. Para se ter uma série de informações relativas ao contexto do objeto é necessário que seja realizada uma busca mais aprofundada sobre seu histórico, o qual irá resultar na aplicabilidade de diferentes termos descritivos na ficha de catalogação, viabilizando o desempenho de uma ferramenta melhor estruturada e com maiores informações que possa garantir tanto a autenticidade do objeto, quanto a salvaguarda do mesmo.

De modo geral, a ficha de catalogação do MAM RJ é a que apresenta mais metadados em relação às outras. No que diz respeito a suas particularidades, pode-se notar que é a única que apresenta informações referentes à montagem e embalagem do acervo, como também é a única que contempla informações sobre a catalogação da ficha e a data da sua execução. Destaca-se também a utilização de dois idiomas para descrever título, série e técnica da obra, além do idioma original da obra.

A ficha de catalogação do MAM SP apresenta também um grande número de metadados para a descrição de seus acervos. Foi possível observar que nesta ficha são apresentados de maneira mais minuciosa metadados que compreende as dimensões de seus acervos, respeitando a classificação de cada um deles, além disso, são apresentadas também informações que dizem respeito a possíveis intervenções nas obras, as quais foram identificadas somente nesta ficha.

Os metadados que compõem a ficha de catalogação do MASP são bastante precisos no que se refere a inserções de informações pontuais, não abrindo margem para incorporação de informações genéricas nos campos descritivos, e ao que se refere à composição de sua singularidade, podemos destacar os metadados que buscam identificar de maneira cuidadosa informações relativas à procedência do objeto.

Dentre as fichas aqui apresentadas, a do MASC é a que apresenta menos metadados, contando com o total de 11 metadados básicos informacionais. Assim, não apresentou informações singulares quanto a sua composição em relação às outras fichas, pois os metadados presentes nesta são contemplados também pelas outras fichas de catalogação descritas anteriormente.

Para completar esta primeira análise das fichas de catalogação, foram reunidos em um só quadro os metadados basilares indicados pela Normativa do IBRAM, nº 14 de 2022, para a descrição de acervos museológicos, os quais foram utilizados como parâmetro comparativo em relação aos metadados presentes nas fichas dos museus analisados. Nesse sentido, propõem-se averiguar se as fichas de catalogação desses museus possuem os metadados sugeridos pelo IBRAM, podendo ter estes a mesma nomenclatura que consta na Resolução Normativa, ou a ideia a qual esta representa.

Quadro 21 - Metadados normativa IBRAM

Resolução Normativa IBRAM Nº 14, 2022.				
Metadados	MASP	MAM - SP	MAM - RJ	MASC

Item				
Número de registro	x	x	x	x
Denominação	x			
Título	x	x	x	x
Autor	x	x	x	x
Classificação	x	x	x	
Dimensões	x	x	x	x
Material/técnica	x	x	x	x
Estado de conservação			x	
Local de produção				
Data de produção	x	x	x	x
Resumo descritivo			x	x

Fonte: Dados da pesquisa, baseado na Resolução Normativa IBRAM Nº 14, 2022.

A normativa sugere a inserção de 12 metadados principais para a descrição de acervos museológicos. Como já abordado anteriormente, os museus possuem suas particularidades de acervos e por esse motivo podem possuir outros metadados para melhor descrição de seus acervos, contudo, esses apontados pela normativa dizem respeito a campos descritivos para o levantamento de informações essenciais sobre os objetos museológicos, em vista disso justifica-se também a escolha dessa diretriz como parâmetro comparativo as fichas de catalogação dos museus investigados.

Do total de 12 metadados indicados pela resolução normativa, 8 constam presentes na ficha de catalogação do MASP, 7 na do MAM-SP, 9 constam na do MAM-RJ e 7 na do MASC. Como destacado anteriormente, para realização desta parte da análise, os metadados presentes nas fichas de catalogação dos quatro museus podem ser exatamente como consta a nomenclatura dos metadados da Resolução Normativa, ou apenas abarcar a ideia representada por eles. Sendo assim, apresenta-se em sequência os metadados que foram identificados como equivalentes ou similares aos metadados sugeridos pela Resolução Normativa do IBRAM:

- MASP: *Nº tobo, designação, título, autor, classificação, dimensões, técnica e cronologia.*
- MAM-SP: *Tombo, título, artista, categoria, dimensões, técnica e data obra.*
- MAM-RJ: *Nº de registro, título, autoria, gênero da obra, dimensões: (altura, largura, profundidade), técnica/material, inscrições do estado de conservação, data da obra e descrição.*
- MASC: *Registro, título, artista, dimensões, técnica, data e descrição.*

Dos metadados analisados, 2 deles não foram identificados em nenhuma das fichas de catalogação, sendo: *local de produção* e *item*. Por essa perspectiva, em termos de porcentagem, no MAM SP compõem 58,33%, o MASP 66,66%, o MAM RJ 75% e o MASC 58,33% dos metadados sugeridos, conforme expõe o quadro avaliativo.

Por último, no que diz respeito ao emprego da interoperabilidade semântica, no tocante da referida análise, listou-se abaixo os termos que compõem as fichas de catalogação dos quatro museus que são semanticamente equivalentes aos sugeridos pela normativa, ou seja, que possuem exatamente a mesma terminologia. Sendo assim, conferiu os seguintes dados: MASP 3 termos, MAM-SP 1 termo, MAM-RJ 1 termo e MASC 2 termos, sendo:

MASP: *título, autor e classificação*

MAM-SP: *título.*

MAM-RJ: *nº de registro.*

MASC: *título e dimensões.*

4.2 ANÁLISE DAS FICHAS DE CATALOGAÇÃO DOS MUSEUS DE ARTE SEGUNDO OS MANUAIS DE CATALOGAÇÃO DE ACERVOS DE ARTE

A segunda parte da análise proposta nesta pesquisa, foi investigar os metadados das fichas de catalogação dos museus de arte pela ótica das diretrizes apontadas por publicações que dispõem sobre manuais ou normas para catalogação de acervos de arte, com a intenção de realizar um comparativo frente às terminologias utilizadas nas fichas. Para tanto, utilizou-se como embasamento as publicações já apresentadas: *Manual de catalogação de pinturas, esculturas, desenhos e gravuras* (1995) e *Norma de Inventários - Artes Plásticas e Artes Decorativas* (2000), ambas apresentam metadados para descrição de bens culturais

museológicos, de maneira específica os acervos de arte. Sendo assim, conforme explicado anteriormente (ver seção 3.3), utilizou-se o quadro 15, o qual é composto pelos metadados de ambas as publicações, para averiguar a presença desses metadados ou temáticas presentes nas fichas de catalogação dos quatro museus estudados.

A composição do quadro abaixo se dá pela disposição de 14 metadados identificados na publicação “*Manual de catalogação de pinturas, esculturas, desenhos e gravuras*” (1995) e 40 metadados respectivos à publicação “*Norma de Inventários: Artes Plásticas e Artes Decorativas*” (2000), para a descrição de acervos de arte. Inicialmente, para analisar a composição informacional de ambas as publicações foram observados alguns itens, sendo:

- I. Quantidade de metadados;
- II. Composição das terminologias dos metadados - levando em consideração o vocabulário para a descrição de acervos de arte;
- III. Comparação de similaridade e distinções entre os metadados.

Após a apresentação do quadro 22, serão exibidos os resultados obtidos a partir da análise dos três itens preliminares indicados acima, que diz respeito ao conteúdo dos metadados de ambas as publicações. E em seguida será apresentada a análise da composição informacional das fichas de catalogação dos quatro museus, considerando os termos sugeridos pelas publicações.





Metadados das fichas de catalogação dos museus modernistas brasileiros.

Quadro 22 - Comparativo dos metadados presentes nas publicações de embasamento teórico - preenchido

Categorização de metadados	Manual de catalogação de pinturas, esculturas, desenhos e gravuras. (1995)	Norma de Inventários: Artes Plásticas e Artes Decorativas. (2000)	MASP	MAM - SP	MAM - RJ	MASC
Numeração	Número de registro/tombo	Número de inventário	X	X	X	X

	Outros números		x			
	Numeração dentro da série		x			
		Atribuição de números de inventário				
		Elemento(s) de conjunto(s)	x	x		
		Marcação de peças				
Identificação por descrição	Título da obra	Título	x	x	x	x
	Autoria/função	Autoria	x	x	x	x
		Justificações e atribuições				
		Descrição			x	x
		Denominação	x			
		Outras denominações				
		Título da série		x	x	x
		Título para etiqueta				x
			Iconografia			
Categorização		Categoria	x	x	x	
		Subcategoria				
	Escola/grupo cultural	Escola/estilo/movimento			x	

	Coleção		x		x	x
Dimensões		Medições de peças	x	x	x	x
		Unidade de medida	x			
		Outras dimensões				
Produção da obra		Matéria	x		x	x
		Técnica	x	x	x	x
		Local de execução				
		Oficina/fabricante				
		Centro de Fabricação				
Aquisição	Ordem de entrada de pessoas físicas	Data da incorporação	x	x	x	
	Forma de entrada de nomes de pessoas físicas	Modos de incorporação	x	x	x	
	Forma e ordem de entrada de pessoas jurídicas					
Datação		Época/período cronológico	x	x		x
		Séculos/anos			x	
		Justificação da data				

		Outras datações				
Conservação		Marcas			x	
		Procedimentos				
		Inscrição	x		x	
Assinaturas	Assinatura/ onde	Subscrição		x		
Reprodução	Cópias					
		Direitos de autor		x		
Informações complementares		Documentação associada				
		Objeto relacionado				
		Historial				
		Evolução da peça				
		Tipos de imagem				
		Digitalização de imagem				
		Heráldica				
Legendas:  Não identificado  Equivalente  Exclusivo  Similar						

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

I - Quantidade de metadados

Como se pode observar, a primeira publicação citada apresenta um maior número de metadados para a descrição dessa tipologia de acervo, somando o total de 26 metadados a mais

do que a segunda. Nesse caso podemos considerar que uma maior disposição de metadados específicos para a descrição de acervos de arte pode suscitar em um melhor detalhamento do objeto que se objetiva descrever, tendo em mente que um detalhamento que abrange termos especializados possivelmente contribuirá para o melhor entendimento do objeto.

II - Composição das terminologias dos metadados

Em ambas as publicações pode-se constatar que o conjunto de metadados corresponde às terminologias de descrição de objetos artísticos, no entanto, alguns termos ali dispostos também são utilizados para a descrição de outras tipologias de acervos. Destacamos aqui três metadados presentes em ambas as publicações e que são essenciais para descrever acervos artísticos, os quais são: *título da obra*, *autoria/autor* e *escola/estilo/grupo cultural/movimento*. Ressaltamos também que todos os termos sugeridos pelas publicações são fundamentais para o detalhamento desses acervos, mas, para fins de análise sugerida nesta seção, destacamos apenas os metadados inerentes para a descrição de acervos de arte.

III - Comparação de similaridades e distinções entre os metadados.

Conforme anteriormente descrito, para a compreensão da composição informacional dos termos que compreende ambas as publicações, utilizou-se cores para indicar o grau de similaridade e distinções entre os mesmos. Dessa maneira o entendimento que se obteve foi de que: do total de metadados presentes em ambas as publicações, 4 deles foram identificados como equivalentes, sendo: *Título da obra* e *título*; *Autoria/função* e *autoria*, 10 deles constatou-se como similares, sendo: *Número de registro/tombo* e *número de inventário*; *Escola/grupo cultural* e *escola/estilo/movimento*; *Ordem de entrada de pessoas físicas* e *data da incorporação*; *Forma de entrada de nomes de pessoas físicas* e *modelos de incorporação*; *Assinatura/onde* e *Subscrição*. Ao que se refere ao grau de exclusividade presentes nos termos expostos, pode-se constatar que a publicação “Manual de catalogação de pinturas, esculturas, desenhos e gravuras” possui 7 metadados identificados como exclusivos, e que a publicação “Norma de Inventários: Artes Plásticas e Artes Decorativas.” apresenta 33 metadados exclusivos.

A segunda parte da pesquisa proveniente deste quadro, refere-se à análise da

composição informacional dos metadados que compõem as fichas de catalogação pertencentes aos quatro museus da pesquisa. Analisando os termos e temáticas abordados pelos metadados sugeridos pelas publicações em questão, podemos concluir que a ficha de catalogação do MASP contempla 18 dos metadados e/ou temáticas abordadas, a ficha do MAM-RJ 17, a do MAM-SP 14, e a ficha do MASC 9 dos metadados ou temáticas ali apresentados.

Sendo assim, os metadados utilizados para a descrição dessa tipologia de acervo, que foram sugeridos por ambas as publicações do quadro acima, e que foram contempladas pelas fichas de catalogação dos museus analisados, conforme apresenta o quadro 22, foram os seguintes:

- *Número de registro/ tomo e/ou número de inventário; outros números; numeração dentro da série; elemento(s) de conjunto(s); título da obra e/ou título; autoria/função e/ou autoria; descrição; denominação; título da série; título para etiqueta; categoria; escola/ grupo cultural e/ou escola/estilo/movimento; coleção; medições de peças; unidade de medida; matéria; técnica; ordem de entrada de pessoas físicas e/ou data da incorporação; formas de entrada de pessoas físicas e/ou modos de incorporação; época/ período cronológico; séculos/ anos; marcas; inscrição; assinatura/onde e/ou subscrição e direitos de autor.*

Portanto, 32 dos metadados apresentados por ambas as publicações, foram contempladas pelas fichas de catalogação analisadas. Importante reforçar que a análise realizada, levou em consideração tanto os termos sugeridos pelas publicações, quanto a ideia a qual o termo representava.

4.3 ANÁLISE DA INTEROPERABILIDADE SEMÂNTICA DAS FICHAS DE CATALOGAÇÃO DOS MUSEUS DE ARTE MODERNISTAS

A última parte da seção prevista na presente dissertação, identificada como parte central dos resultados, busca analisar as fichas de catalogação dos museus modernistas pesquisados com o intuito de verificar a possibilidade da atuação da interoperabilidade semântica entre essas. Para tanto, elaborou-se um novo quadro, contendo agora os termos presentes nas fichas de catalogação dos quatro museus analisados. Mediante o entendimento da composição informacional das fichas de catalogação analisadas, foi pensado em 15 grupos de categorização de metadados, sendo estes: **numeração, autoria, titulação e série, informações sobre**

aquisição, categoria e componentes, datação, dimensões, inscrições, localização, técnica, intervenções e conservação da obra, montagem e embalagem, catalogação e informações complementares.

Novamente foi feito o uso de cores para identificar o grau de similaridade e distinções entre os termos apresentados, sendo: verde, para termos equivalentes; vermelho, para termos exclusivos; e amarelo, para termos similares. A cor cinza indica a ausência dos termos nas fichas de catalogação, assim como consta na legenda do quadro abaixo.

Quadro 23 - Conjunto de metadados dos museus modernistas brasileiros: MASP, MAM SP, MAM RJ e MASC.

Categorização de metadados	Metadados MASP	Metadados MAM SP	Metadados MAM RJ	Metadados MASC
Numeração	Nº Tombo	Tombo		
			Nº de registro	Registro
	Número			
	Tipo de numeração			
			Id da obra	
Autoria	Autor	Artista	Autoria	Artista
				Naturalidade
Titulação e série	Designação			
	Título	Título	Título em português	Título
		Título original	Título original	
			Título em inglês	
		Título do conjunto		
		Observações título	Observações sobre o título	

			Série/ álbum original	
			Série/ álbum em português	
			Série/ álbum em inglês	
Informações sobre aquisição	Tipo de aquisição	Código procedência	Modo de aquisição	
	Procedência	Procedência	Procedência	
	Responsável			
			Ano de entrada	
			Data comissão de acervo	
	Data de aquisição			
	Data textual			
	Créditos			
		Termo doação		
		Procedência multimídia		
	Tipo de entrada			
	Tipo de procedência			
	Entidade			
	Local administrativo			
	Justificativa			
			Documento de aquisição	





			Histórico de aquisição	
			Doador ou colecionador	
Categoria e componentes			Gênero da obra	
			Movimentos/ expressões artísticas	
	Classificação	Categoria		
	Tipos de coleções		Coleção	Coleções
	Componentes	Conjunto		
	Nº de itens	Partes		
			Múltiplo	
			Justificativa tiragem	
Datação	Cronologia: Data inicial			
	Cronologia: Data final			
	Era início			
	Era fim			
	Data textual	Ano entrada	Ano de entrada	
		Data primeira expo		
		Data obra	Data da obra	Data

		Data observação	Observações sobre a data	
	Data da entrada	Data entrada	Data de entrada	
			Ano p/ pesquisa	
Dimensões	Dimensões: Resumo	Dimensões		Dimensões
			Altura	
			Largura	
			Profundidade	
			Duração	
		Altura suporte	Altura do suporte	
		Largura suporte	Largura do suporte	
		Profundidade suporte	Profundidade do suporte	
		Altura moldura	Altura da moldura/ base	
		Largura moldura	Largura da moldura/ base	
		Profundidade moldura	Profundidade moldura/ base	
		Peso	Peso	
		Tipo de medida		
		Valor de medida		
		Unidade de medida		

			Observações sobre dimensões/ peso	
Inscrições	Tipo de inscrição	Assinatura	Inscrições	
			Inscrições/ marcas/ etiquetas: Localização	
	Autor			
	Texto			
	Técnica			
	Tipo de material			
	Posição			
Localização	Localização: Tipo de localização	Localização	Localização	Local
		Observações localização		
	Local habitual			
	Data da localização	Data atual (localização)		
		Local provisório	Localização temporária	
			Complemento	
Técnica	Tipo de material			
	Técnica	Técnica completa	Técnica/ material em português	Técnica

			Técnica/ material original	
			Técnica/ material em inglês	
				Suporte/ materiais
		Técnica multimídia		
			Descrição	Descrição
			Sonoro	
			Formato	
Intervenções e conservação da obra		Restauração e/ou intervenções na obra		
		Tipo tratamento		
		Data restauração		
		Restaurador		
		Laudo		
			Descrição do estado de conservação	
Seguro de obra	Moeda			
	Tipo de valor			
	Valor			
	Data do valor			
	Avaliador			

		Seguro (USD)		
Montagem e embalagem			Instruções de montagem	
			Especificações e observações para embalagem	
			Observações de montagem	
Catalogação			Data	
			Responsável	
Informações complementares	Notas	Observação		
			Verbete	
			Verbete: Responsável	
			Verbete: data	
		Exposição		
		Direito autoral		
			Curinga para etiqueta	
			Tradução do curinga	
		Imagem	Imagem de referência	
			Procedência da imagem	
			Fotografias digitais	
			Complemento	
			Fotógrafo	

			Observações sobre a obra	
Legenda:  Não identificado  Equivalente  Exclusivo  Similar				

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Para a realização desta segunda parte de avaliação da composição informacional das fichas de catalogação em questão, serão observados, de maneira individual, dois aspectos relevantes, sendo estes:



- a) Quantidade de metadados por categoria de assunto:** avaliação da quantidade de metadados que compreende cada grupo de metadados utilizados para a descrição de uma temática que contempla a ficha de catalogação. Utilizou-se como base as temáticas abordadas na divisão de “categorização de metadados” presente no quadro acima (quadro 22).
- b) Interoperabilidade semântica:** avaliação das terminologias utilizadas para a descrição dos metadados que compreendem as fichas de catalogação dos quatro museus, sob o viés da observação de similaridades e distinções entre os termos abordados. Os termos analisados são os mesmos que constam no quadro 22, o qual apresenta a relação de metadados de cada ficha de catalogação.

Composição informacional da ficha de catalogação do MASP

- a)** O quadro abaixo aponta para o total de metadados identificados em cada “categoria de metadados” presentes na ficha de catalogação do MASP.

Quadro 24 - Grupo de categoria de metadados - MASP

Categoria de metadados – MASP	Total de metadados
Numeração	3
Autoria	1

Titulação	2
Informações sobre aquisições	11
Categoria e componentes	4
Datação	6
Dimensões	4
Inscrições	6
Localização	3
Técnica	2
Intervenções	0
Seguro de obra	5
Montagem e embalagem	0
Catálogo	0
Informações complementares	1
<p>Legenda:</p> <p> Maior presença de metadados</p> <p> Menor presença de metadados</p>	

Fonte: Informações retiradas da ficha de catalogação do MASP, com adaptação informacional da autora. (2022).

Conforme apontado no quadro acima, a ficha de catalogação do MASP apresenta um maior número de termos na categoria “**informações sobre aquisição**”, que abrange metadados que dizem respeito à descrição do objeto por meio de informações relativas à aquisição, identificando o total de 11 metadados nesta categoria. Já nas categorias “**Intervenções e conservação da obra**”, “**montagem e embalagem**” e “**catálogo**” não foi identificado nenhum metadado, estabelecendo 0 o número de termos, que versem sobre esses assuntos.

b) Ao que se refere a análise da interoperabilidade semântica da ficha de catalogação do MASP, obteve à seguinte conclusão:

- **Metadados exclusivos:** A presente ficha possui o total de 31 metadados exclusivos.

- **Metadados equivalentes:** A presente ficha possui o total de 6 metadados equivalentes com as demais fichas analisadas. Sendo estes: *nº tobo, título, procedência, data da entrada, data da localização e técnica*. Desse modo, os referidos termos possuem equivalência aos seguintes metadados:
 - Nº tobo \cong ²¹ Tombo [MAM-SP]
 - Título \equiv Título [MAM-SP] \equiv Título [MASC]
 - Procedência \equiv Procedência [MAM-SP] \equiv Procedência [MAM-RJ]
 - Data da entrada \equiv Data entrada [MAM-SP] \equiv Data de entrada [MAM-RJ]
 - Data da localização \equiv Data atual (Localização) [MAM-SP]
 - Técnica \equiv Técnica completa [MAM-SP] \equiv Técnica [MASC]

- **Metadados similares:** A ficha possui o total de 11 metadados similares em relação às fichas analisadas. Sendo estes: *Autor, tipo de aquisição, classificação, tipos de coleções, componentes, nº de itens, data textual, dimensões: resumo, tipo de inscrição, localização: tipo de localização e notas*. Desse modo, os referidos termos possuem similaridades aos seguintes metadados:
 - Autor \cong ²² Artista [MAM-SP] \equiv Autoria [MAM-RJ] \equiv Artista [MASC]
 - Tipo de aquisição \equiv Código procedência [MAM-SP] \equiv Modo de aquisição [MAM-RJ]
 - Classificação \equiv Categoria [MAM-SP]
 - Tipos de coleções \equiv Coleção [MAM-RJ] \equiv Coleções [MASC]
 - Componentes \equiv Conjunto [MAM-SP]
 - Nº de itens \equiv Partes [MAM-SP]
 - Data textual \equiv Ano entrada [MAM-SP] \equiv Ano de entrada [MAM-RJ]
 - Dimensões: Resumo \equiv Dimensões [MAM-SP] \equiv Dimensões [MASC]
 - Tipo de inscrição \equiv Assinatura [MAM-SP] \equiv Inscrições [MAM-RJ]
 - Localização: Tipo de localização \equiv Localização [MAM-SP] \equiv Localização [MAM-RJ] \equiv Local [MASC]
 - Notas \equiv Observação [MAM-SP]



Composição informacional da ficha de catalogação do MAM SP.

²¹ Símbolo matemático que significa equivalência. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-ingles/simbolos-matematicos/>. Acesso em 09 Nov. 2022.

²² Símbolo matemático que significa aproximadamente igual. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-ingles/simbolos-matematicos/>. Acesso em 09 Nov. 2022.

- a) O quadro abaixo aponta para o total de metadados identificados em cada categoria de conteúdo presentes na ficha de catalogação do MAM-SP.

Quadro 25 - Grupo de categoria de metadados - MAM-SP

Categoria de metadados - MAM SP	Total de metadados
Numeração	1
Autoria	1
Titulação	4
Informações sobre aquisições	4
Categoria e componentes	3
Datação	5
Dimensões	8
Inscrições	1
Localização	4
Técnica	2
Intervenções e conservação da obra	5
Seguro da obra	1
Montagem e embalagem	0
Catálogo	0
Informações complementares	5
Legenda:  Maior presença de metadados  Menor presença de metadados	

Fonte: Informações retiradas da ficha de catalogação do MAM SP, com adaptação informacional da autora. (2022).

Segundo informações levantadas e apresentadas no quadro acima, a ficha de catalogação do MAM-SP, computa o total de 8 metadados na categoria “**dimensões**”, sendo a categoria que apresenta o maior número de metadados presentes na ficha. As categorias de metadados

“montagem e embalagem” e “catalogação” são as que não possuem metadados para a descrição dessas temáticas de assunto dos objetos, todas igualando-se a 0.

b) Respectiva a composição informacional no que concerne a interoperabilidade semântica da ficha de catalogação do MAM-SP, apurou os seguintes dados:

- **Metadados exclusivos:** A presente ficha possui o total de 15 metadados exclusivos.

- **Metadados equivalentes:** A presente ficha possui o total de 21 metadados equivalentes com as demais fichas analisadas. Sendo estes: *Tombo, artista, título, título original, observações título, procedência, ano entrada, data obra, data observação, data entrada, dimensões, altura suporte, largura suporte, profundidade suporte, altura moldura, largura moldura, profundidade moldura, peso, localização, data atual (localização) e técnica completa*. Desse modo, os referidos termos possuem equivalência aos seguintes metadados:
 - Tombo ≡ N° Tombo [MASP]
 - Artista ≡ Artista [MASC]
 - Título ≡ Título [MASP] ≡ Título [MASC]
 - Título original ≡ Título original [MAM-RJ]
 - Observações título ≡ Observações sobre o Título [MAM-RJ]
 - Procedência ≡ Procedência [MASP] ≡ Procedência [MAM-RJ]
 - Ano entrada ≡ Ano de entrada [MAM-RJ]
 - Data obra ≡ Data da obra [MAM-RJ] ≡ Data [MASC]
 - Data observação ≡ Observações sobre a data [MAM-RJ]
 - Data entrada ≡ Data da entrada [MASP] ≡ Data de entrada [MAM-RJ]
 - Dimensões ≡ Dimensões [MASC]
 - Altura suporte ≡ Altura do suporte [MAM-RJ]
 - Largura suporte ≡ Largura do suporte [MAM-RJ]
 - Profundidade suporte ≡ Profundidade do suporte [MAM-RJ]
 - Altura moldura ≡ Altura da moldura/base [MAM-RJ]
 - Largura moldura ≡ Largura da moldura/ base [MAM-RJ]
 - Profundidade moldura ≡ Profundidade da moldura/ base [MAM-RJ]
 - Peso ≡ Peso [MAM-RJ]
 - Localização ≡ Localização [MAM-RJ]
 - Data atual (localização) ≡ Data da localização [MASP]
 - Técnica completa ≡ Técnica [MASP] ≡ Técnica [MASC]



- **Metadados similares:** A ficha possui o total de 8 metadados similares em relação às fichas analisadas. Sendo estes: *Código procedência, categoria, conjunto, partes, assinatura, local provisório, observação e imagem*. Desse modo, os referidos termos possuem similaridades aos seguintes metadados:
 - Código procedência ≅ Tipo de aquisição [MASP] ≅ Modo de aquisição [MAM-RJ]
 - Categoria ≅ Classificação [MASP]
 - Conjunto ≅ Componentes [MASP]
 - Partes ≅ N° de itens [MASP]
 - Assinatura ≅ Tipo de inscrição [MASP] ≅ Inscrições [MAM-RJ]
 - Local provisório ≅ Localização temporária [MAM-RJ]
 - Observação ≅ Notas [MASP]
 - Imagem ≅ Imagem de referência [MAM-RJ]

Composição informacional da ficha de catalogação do MAM RJ.

- a) O quadro abaixo aponta para o total de metadados identificados em cada categoria de metadados presentes na ficha de catalogação do MAM-RJ.

Quadro 26 - Grupo de categoria de metadados - MAM RJ.

Categoria de metadados - MAM RJ	Total de metadados
Numeração	2
Autoria	1
Titulação e série	7
Informações sobre aquisições	7
Categoria e componentes	5
Datação	5
Dimensões	12
Inscrições	2
Localização	3
Técnica	6
Intervenções e conservação da obra	1

Seguro da obra	0
Montagem e embalagem	3
Catálogo	2
Informações complementares	10
<p>Legenda:</p> <p> Maior presença de metadados</p> <p> Menor presença de metadados</p>	

Fonte: Informações retiradas da ficha de catalogação do MAM RJ, com adaptação informacional da autora. (2022).

Segundo a disposição informacional do quadro acima, a ficha de catalogação do MAM-RJ apresenta maior número de metadados na categoria “**dimensões**”, estabelecendo o total de 12 metadados referente a informações relativas às dimensões dos acervos. A categoria “**seguro de obra**” foi a única a não computar nenhum metadado.

b) Referente à composição informacional no que concerne a interoperabilidade semântica da ficha de catalogação do MAM-RJ, contabilizou os seguintes dados:

- **Metadados exclusivos:** A presente ficha possui o total de 41 metadados exclusivos.
- **Metadados equivalentes:** A presente ficha possui o total de 18 metadados equivalentes com as demais fichas analisadas. Sendo estes: *nº de registro, título original, observações sobre o título, procedência, coleção, ano entrada, data da obra, observações sobre a data, data de entrada, dimensões, altura do suporte, largura dos suportes, profundidade do suporte, altura moldura/base, largura moldura/base, profundidade moldura/base, peso, localização e descrição*. Desse modo, os referidos termos possuem equivalência aos seguintes metadados:
 - N° de registro ≡ Registro [MASC]
 - Título original ≡ Título original [MAM-SP]
 - Observações sobre o título ≡ Observações Título [MAM-SP]
 - Procedência ≡ Procedência [MASP] ≡ Procedência [MAM-SP]
 - Coleção ≡ Coleções [MASC]

- Ano entrada ≡ Ano de entrada [MAM-SP]
 - Data da obra ≡ Data obra [MAM-SP] ≡ Data [MASC]
 - Observações sobre a data ≡ Data observação [MAM-SP]
 - Data de entrada ≡ Data da entrada [MASP] ≡ Data entrada [MAM-SP]
 - Dimensões ≡ Dimensões [MASC]
 - Altura do suporte ≡ Altura suporte [MAM-SP]
 - Largura do suporte ≡ Largura suporte [MAM-SP]
 - Profundidade do suporte ≡ Profundidade suporte [MAM-SP]
 - Altura moldura/base ≡ Altura da moldura [MAM-SP]
 - Largura moldura/base ≡ Largura da moldura [MAM-SP]
 - Profundidade moldura/base ≡ Profundidade da moldura [MAM-SP]
 - Peso ≡ Peso [MAM-SP]
 - Localização ≡ Localização [MAM-SP]
 - Descrição ≡ Descrição [MASC]
- **Metadados similares:** A ficha possui o total de 7 metadados similares em relação às fichas analisadas. Sendo estes: *Autoria, título em português, modo de aquisição, inscrições, localização temporária, técnica/ material em português e imagem de referência*. Desse modo, os referidos termos possuem similaridades aos seguintes metadados:
- Autoria ≡ Autor [MASP] ≡ Artista [MAM-SP] ≡ Artista [MASC]
 - Título em português ≡ Título [MASP] ≡ Título [MAM-SP] ≡ Título [MASC]
 - Modo de aquisição ≡ Tipo de aquisição [MASP] ≡ Código procedência [MAM-SP]
 - Inscrições ≡ Tipo de inscrição [MASP] ≡ Assinatura [MAM-SP]
 - Localização temporária ≡ Local provisório [MAM-SP]
 - Técnica/ material em português ≡ Técnica [MAP] ≡ Técnica completa [MAM-SP] ≡ Técnica [MASC]
 - Imagem de referência ≡ Imagem [MAM-SP]

Composição informacional da ficha de catalogação do MASC.

- a) O quadro abaixo aponta para o total de metadados identificados em cada categoria de metadados presentes na ficha de catalogação do MASC.

Quadro 27 - Grupo de categoria de metadados - MASC

Categoria de metadados – MASC	Total de metadados
-------------------------------	--------------------

Numeração	1
Autoria	2
Titulação	1
Informações sobre aquisições	0
Categoria e componentes	1
Datação	1
Dimensões	1
Inscrições	0
Localização	1
Técnica	3
Intervenções	0
Seguro da obra	0
Montagem e embalagem	0
Catálogo	0
Informações complementares	0
<p>Legenda:</p> <p> Maior presença de metadados</p> <p> Menor presença de metadados</p>	

Fonte: Informações retiradas da ficha de catalogação do MASC, com adaptação informacional da autora. (2022).

Observando o quadro acima, é possível notar que a composição da ficha de catalogação do MASC apresenta um maior número de metadados, na categoria "**técnica**", apresentando 3 metadados para tanto. Já nas categorias: "**Informações sobre aquisição**", "**Inscrições**", "**intervenções e conservação da obra**", "**seguro da obra**", "**montagem e embalagem**", "**catálogo**" e "**informações complementares**" não foram identificados nenhum metadado descritivo, igualando-se todas essas em 0 o número de metadados.

b) Respectivo à composição informacional ao que diz respeito a interoperabilidade semântica da ficha de catalogação do MASC, foram aferidos os seguintes dados:

- **Metadados exclusivos:** A presente ficha possui o total de metadados exclusivos.
- **Metadados equivalentes:** A presente ficha possui o total de 8 metadados equivalentes com as demais fichas analisadas. Sendo estes: *Registro, artista, título, coleção, data, dimensões, técnica e descrição*. Desse modo, os referidos termos possuem equivalência aos seguintes metadados:
 - Registro ≡ N° de registro [MAM-RJ]
 - Artista ≡ Artista [MAM-SP]
 - Título ≡ Título [MAM-SP] ≡ Título [MASP]
 - Coleções ≡ Coleção [MAM-RJ]
 - Data ≡ Data obra [MAM-SP] ≡ Data da obra [MAM-RJ]
 - Dimensões ≡ Dimensões [MASP]
 - Técnica ≡ Técnica [MASP] ≡ Técnica completa [MAM-SP].
 - Descrição ≡ Descrição [MAM-RJ].
- **Metadados similares:** A ficha possui apenas 1 metadado similar em relação às fichas de catalogação analisadas, a saber: *Local*. Sendo assim, o referido termo possui similaridade aos seguintes metadados:
 - Local ≡ Localização: tipo de localização [MASP] ≡ Localização [MAM-SP] ≡ Localização [MAM-RJ].

Em vista do que foi exposto, a partir da análise obtida mediante investigação da composição informacional das fichas de catalogação dos museus modernistas, de modo enfático a disposição dos termos, dos quais se analisou a possibilidade da atuação da interoperabilidade semântica, pode-se constatar que as fichas de catalogação que fazem uso de uma maior quantidade de metadados, possuem maior probabilidade de possibilitar a comunicação com outras fichas de catalogação que abordem a mesma temática. Tendo uma maior gama de metadados específicos para a descrição de uma tipologia de acervo, melhor será a descrição do objeto e mais viável será a utilização de um termo que pode ser comum em outras fichas, viabilizando desta forma a conectividade entre os metadados.

A ficha de catalogação do MAM-SP, possui um considerável número de metadados descritivos, 21 deles foram identificados como termos equivalentes aos presentes nas demais fichas, destacando-se como a ficha de catalogação que possui maior conectividade com as demais. Nessa sequência, a ficha de catalogação do MAM-RJ, que possui o maior número de metadados descritos, também apresentou um grande número de termos equivalentes, computando o total de 18 metadados, favorecendo a viabilidade da comunicação entres as fichas de catalogação.

Em contrapartida, a ficha do MASP, que detêm de um grande número de metadados, apresentou apenas 6 metadados de equivalência às demais fichas analisadas, sendo esta a que possui menor conectividade com as demais, porém a que mais possui metadados exclusivos. Já a ficha do MASC, que possui o menor número de metadados em relação às outras, computou o total de 8 metadados equivalentes em relação às outras analisadas.

Contudo, como apontados em quadros avaliativos anteriores, a ficha de catalogação do MAM-SP - que possui maior número de metadados equivalentes - não é a que possui mais metadados dentre as apresentadas, mas um número considerável desses, o que pôde-se constatar foi que esta ficha foi a que possui um maior número de metadados direcionados para acervos de arte, contabilizando o total de 21, conforme apontado na primeira seção de análise desta pesquisa. Portanto, pode-se concluir que não importa somente a quantidade de metadados utilizados para descrever os acervos, mas também o direcionamento que é dado para os mesmos, pensando sempre na tipologia de acervo a ser descrita.

Nesse sentido, há de se considerar fortemente a padronização no emprego das fichas de catalogação, atentando para o uso do vocabulário controlado, pois quando não existe esse controle ao que se refere às terminologias, bem como o vocabulário empregado nos metadados, certamente prejudicará o alcance da interoperabilidade semântica entres os sistemas de informação. (ANDRADE; CERVANTES, 2012).

Resumindo, uma ficha de catalogação bem estruturada, que atenda às necessidades da tipologia de acervo a ser descrita, deve conter metadados consideráveis para uma descrição minuciosa, como estes também devem estar adaptados à “linguagem” daquela tipologia de acervo, além de estarem semanticamente associados, levando em consideração que a utilização de diversas terminologias para descrever um único objeto, pode comprometer a interoperabilidade semântica entre os diferentes sistemas (ANDRADE, 2012).

Por meio desta análise, foi possível considerar que as fichas de catalogação que possuem melhores estruturas, no que diz respeito à disposição de um agrupamento considerável de

metadados descritivos, bem como sua adaptação a terminologias para a descrição de uma tipologia específica de acervos, pode viabilizar em uma ferramenta que possibilite a comunicabilidade entre outras fichas de catalogação da mesma esfera, promovendo a atuação da interoperabilidade semântica.

Com o propósito de refletir sobre o padrão mínimo de descrição dos acervos de arte brasileiros, levando em consideração os metadados presentes nas fichas de catalogação dos quatro museus analisados, foi concebido um modelo de ficha de catalogação para a descrição dessa tipologia de acervo (apresentado no quadro 28), tendo em vista os metadados que podem ser interoperáveis entre as referidas fichas. O modelo de ficha contempla um total de 21 metadados básicos descritivos para acervos de arte, os quais são explicitados abaixo.

Quadro 28 - Metadados para descrição de acervos de arte

MODELO DE FICHA DE CATALOGAÇÃO PARA DESCRIÇÃO DE ACERVO ARTÍSTICO	
Metadados	Descrição
Nº tombo	Nº de tombo da obra
Nº de registro	Nº de registro da obra
Artista	Nome do artista da obra
Título	Título da obra
Título original	Título da obra em idioma oficial
Observações título	Observações sobre o título da obra
Procedência	Procedência
Coleção	Coleção a qual pertence a obra
Data de entrada	Data de entrada da obra na instituição
Data da obra	Data em que a obra foi produzida
Resumo: Dimensões	Dimensões do acervo de forma resumida
Altura do suporte	Altura do suporte do acervo
Largura do suporte	Largura do suporte do acervo
Profundidade do suporte	Profundidade do suporte do acervo
Altura da moldura/ base	Altura da moldura/ base do acervo

Largura da moldura/ base	Largura da moldura/ base do acervo
Profundidade moldura/ base	Profundidade moldura/ base do acervo
Peso	Peso da obra
Localização	Localização da obra na instituição
Técnica completa	Descrição completa da técnica da obra
Descrição	Descrição resumida da obra

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

De acordo com o quadro acima, conforme já mencionado, os metadados presentes neste modelo de ficha de catalogação são considerados apenas como básicos e são passíveis de promover a interoperabilidade semântica das fichas de catalogação dos museus analisados. Esses metadados foram identificados em pelo menos duas das fichas de catalogação, o que os torna potencialmente interoperáveis. Entretanto, é importante ressaltar que esta ficha de catalogação pode ser enriquecida com a adição de outros metadados para ampliar sua abrangência e possibilitar uma descrição mais abrangente e detalhada dos acervos que compõem essa tipologia.

Por fim, é crucial ressaltar que a inclusão de uma quantidade adequada de metadados, juntamente com a utilização da terminologia correta, pode favorecer a implementação da interoperabilidade semântica entre as fichas de catalogação dos museus de arte brasileiros. Essa é uma medida fundamental para aprimorar a descrição dos acervos desses museus, contribuindo assim para o diálogo dessas instituições bem como a disseminação das informações que compreende seus acervos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da dissertação discutiu-se a importância da ficha de catalogação nas instituições museológicas e a necessidade do trato da padronização nesta ferramenta para o desempenho da interoperabilidade, e buscou-se realizar um estudo com o intuito de observar a disposição informacional de diferentes fichas de catalogação de museus de arte moderna, a fim de verificar a possibilidade da atuação da interoperabilidade entre suas fichas de catalogação de acervos. Identificada como objetivo geral da pesquisa.

A primeira seção da dissertação, cuja divisão se deu por meio de três subseções, foi dedicada ao embasamento teórico. Inicialmente utilizou-se de teóricos das áreas da Ciência da Informação, bem como da Museologia, para apresentar o surgimento de ambas as disciplinas, as quais cruzam seus caminhos ao referir-se à documentação, disciplina trabalhada em ambos os campos do conhecimento. Ainda nesta primeira parte é abordado, de modo mais enfatizado, a Documentação Museológica e as ferramentas que a constituem.

Posteriormente, aborda-se a catalogação em museus, fazendo compreender a aplicabilidade da ferramenta que constitui a ficha de catalogação por meio da apresentação da composição informacional minuciosa dela, junto disso é discorrido sobre as facilidades que se tem ao fazer uso das TICs para automatizar essa ferramenta e viabilizar a atuação da interoperabilidade semântica entre as fichas de catalogação. A última parte da Fundamentação teórica se resume em uma breve contextualização da caracterização dos museus de arte, tema necessário para utilizar de suporte para tratar sobre os museus de arte e a documentação dessa tipologia de acervo, nesse caso fez-se o uso de dois manuais que dispõem sobre metodologias para catalogação de acervos artísticos, finalizando então a seção de fundamentação teórica.

Os assuntos tratados no escopo desta seção foram elementares para as discussões e análises que se desenvolveram posteriormente. Nesse caso, temos o primeiro objetivo alcançado, o qual buscou-se no levantamento bibliográfico sobre os aspectos que envolvem arte moderna para a interoperabilidade semântica entre os metadados das fichas de catalogação de museus.

A segunda seção desta dissertação foi reservada para a realização da análise da pesquisa. Também dividida em três subseções, foi responsável pelo cumprimento do segundo objetivo específico, o qual propunha-se identificar nas fichas de catalogação dos museus selecionados os metadados, bem como a padronização que os compõem. Nas duas primeiras partes da

referida seção, foi realizada a análise das fichas de catalogação em relação ao que é apontado na literatura, a fim de perceber se os metadados presentes nessas fichas dialogam com o que é apresentado na literatura especializada. Por meio disso, notou-se que algumas fichas de catalogação, normalmente as que detêm mais metadados, possuem maiores conexões com o que é exposto nas publicações que dispõem sobre catalogação de acervos.

A última parte desta seção teve como intuito o cumprimento do terceiro objetivo específico, propondo-se a refletir sobre o padrão mínimo de metadados para a descrição de acervos museológicos de arte moderna proporcionando a interoperabilidade semântica. Esse objetivo foi respondido ao longo da escrita da dissertação, onde se apresentou, de maneira detalhada, tanto os metadados basilares sugeridos pela Normativa do IBRAM, quanto os metadados específicos apresentados por meio dos manuais de catalogação de acervos de arte. Complementando o que é demandado neste objetivo específico, realizou-se uma análise onde levantou-se novamente os metadados que compõem as fichas de catalogação dos museus, objetivando analisar a compatibilidade de suas terminologias, a qual poderia viabilizar a atuação da interoperabilidade semântica entre as mesmas. A partir disso, apontamos que a ficha com maior compatibilidade entre as apresentadas, é a que possui número suficiente de metadados descritivos, como também a adaptabilidade dos termos para a descrição de tipologia específica de arte, o que aumenta também a sua probabilidade de se conectar com outras fichas de catalogação.

Um fato a ser evidenciado relaciona-se à falta de material que trate sobre catalogação de acervos de arte. Utilizamos apenas dois materiais que dispõem sobre metadados para descrição de acervos de arte, ambos com mais de 20 anos de criação, isso significa que pouco se tem discutido sobre a descrição dessa tipologia de acervo. Na Era em que estamos vivendo, onde migra-se quase tudo para o meio digital, é imprescindível a adequação da ficha de catalogação não só para permitir a conectividade com outros sistemas de catalogação a qual discutimos aqui, mas para permitir maior acesso aos acervos, aproximar o museu dos públicos, como também facilitar a recuperação informacional desta ferramenta, que armazena todas as informações de um objeto museológico.

Salientamos, portanto, a necessidade dos museus direcionarem atenção a essa importante ferramenta que abrange a documentação museológica, tendo em vista que a ficha de catalogação museológica, se apropriadamente trabalhada, poderia repercutir em diversos campos de atuação do museu, como: proporcionar aos profissionais que lidam com a documentação institucional um melhor manuseio no trato das informações que compõem tais

documentos, possibilitar o intercâmbio informacional entre as instituições pesquisadas, promover facilidades e melhorias no atendimento de pesquisadores especializados e demais públicos que possuem interesses no acesso das informações do acervo das respectivas instituições (tendo em vista que, quando bem estruturada a representação descritiva em fichas de catalogação, torna-se mais fácil e precisa a recuperação das informações, e quando disponibilizadas no meio virtual, torna-se mais acessível para o público), viabilidade em promover pesquisas relacionadas ao acervo institucional - possibilitando a disseminação informacional dos acervos da instituição pelo meio de uso das tecnologias digitais -, entre outros.

Além dos elementos destacados acima, espera-se que a presente pesquisa possa trazer contribuições para o tratamento informacional de acervos de arte, levando em consideração a representação descritiva que compõem as fichas de catalogação dessa tipologia de acervo. Assim como contribuir para o campo do conhecimento tanto da Museologia, buscando cooperar em pesquisas relacionadas à documentação em museus de arte, quanto para a Ciência da Informação, possibilitando ampliar o escopo do conhecimento da área, colaborando com pesquisas de áreas externas.

Por fim, recomendamos a continuidade das pesquisas voltadas à interoperabilidade semântica para essa tipologia de acervo, tendo em vista a escassez de estudos sobre o assunto. É importante enfatizar a relevância de explorar outras ferramentas que possam promover a interoperabilidade semântica, bem como a metodologia adequada para preencher a ficha de catalogação e sua eficácia na padronização das informações dos acervos de arte. Isso pode contribuir significativamente para o avanço das pesquisas nessa área e, conseqüentemente, para a preservação e divulgação do patrimônio cultural.

REFERÊNCIAS

- AGANETTE, Elisângela Cristina; TEIXEIRA, Livia Marangon Duffles; AGANETTE, Karina de Jesus Pinto. A representação descritiva nas perspectivas do século XXI: um estudo evolutivo dos modelos conceituais. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, v. 22, n. 50. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/32678>. Acesso em: 30. Jan. 2023.
- AFFONSO Eduardo Reidy. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira**. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa248693/affonso-eduardo-reidy>. Acesso em 10 Mai 2022.
- ANDRADE, M. C.; CERVANTES, B. M. N. A contribuição da organização do conhecimento para a interoperabilidade: alternativas para repositórios institucionais. **Informação @ Profissões, Londrina**, v. 1, n. 1/2, p. 152-170, jun./dez. 2012. Disponível em <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/infoprof/article/view/14593/12261>>. Acesso em: 20 mar. 2020.
- ANDRADE, Morgana Carneiro de. **A interoperabilidade semântica na perspectiva da organização do conhecimento: uma proposta para o repositório institucional da Universidade Federal do Espírito Santo**. 2012. Disponível em: <http://repositorio.ufes.br/handle/10/2021>. Acesso em 30. Jan. 2023.
- ARAUJO, Vera Maria Araujo Pigozzi. **Sistemas de recuperação da informação: uma discussão a partir de parâmetros enunciativos**. TransInformação, Campinas, 24(2):137-143, maio/ago., 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tinf/a/ynNdYr6m6fnK3n6xR5vKbDk/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 30. Jan. 2023.
- ASHMOLEAN Museum. **Ashmolean Museum of Art and Archaeology**, University of Oxford. Information. Disponível em: https://www.codart.nl/guide/museums/ashmolean-museum/?gclid=Cj0KCCQiAr5iQBhCsARIsAPcwROOHarJGoup-iHGVCdXhW-IcoFRtpXNtWGZV1LZhtwVEtIEYscTqCcaAjTuEALw_wcB. Acesso em 23. Fev. 2022
- ASSIS Chateaubriand. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira**. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa378473/assis-chateaubriand>. Acesso em: 28
- BAPTISTA, D. M. O impacto dos metadados na representação descritiva metadata impact on the descriptive representation p. 177-190. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v. 12, n. 2, p. 177-190, 2007. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/70406>. Acesso em: 12 maio 2022.
- BARITÉ, Mario, Diccionario de Organización del Conocimiento : **Clasificación, Indización, Terminología** / Mario Barité et al. 6.a ed. corregida y aumentada. Montevideo: csic, 2015. Disponível em: <https://www.colibri.udelar.edu.uy/jspui/handle/20.500.12008/9028>. Acesso em: 01 nov. 2022.

BOTTALLO, Marilúcia. Diretrizes em documentação museológica. In: _ MACHADO, C.; RAMOS, CM; [et. al] DOCUMENTAÇÃO E CONSERVAÇÃO DE ACERVOS MUSEOLÓGICOS–DIRETRIZES. **Governo do Estado de São Paulo. ACAM Portinari. São Paulo**, 2010. Disponível em: https://www.sisemsp.org.br/wp-content/uploads/2013/12/Documentacao_Conservacao_Acervos_Museologicos.pdf. Acesso em: 30. Jan. 2023.

BORKO, H. Information Science: What is it? **American Documentation**, v.19, n.1, p.3-5, Jan. 1968. (Tradução Livre). Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1992827/mod_resource/content/1/Borko.pdf. Acesso em: 30. Jan. 2023.

BRASIL. **Lei Nº 11.904, DE 14 de janeiro de 2009**: Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. Disponível em < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/11904.htm < Acesso em 23 out. de 2020.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Museus. **Resolução Normativa n.º 14**, de 11 de março de 2022. DOU, Poder Executivo, Brasília, DF, 16 mar. 2022. Disponível em: <https://www.in.gov.br/web/dou/-/resolucao-normativa-ibram-n-14-de-11-de-marco-de-2022-386464320>. Acesso em: 09 out. 2022.

BRAHM, José Paulo Siefert; TAVARES, Davi Kiermes; RIBEIRO, Diego Lemos. Comunicação em museus: avaliação de público no entorno do Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter, Pelotas/RS. **Seminário de História da Arte-UFPEL**, n. 6, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Arte/article/view/11541>. Acesso em 05 Ago. 2022.

BRIET, Suzanne. **O que é documentação?** Tradução: Maria de Nazareth Rocha Furtado. Brasília, DF: Briquet de Lemos / Livros, 2016. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5389052/mod_resource/content/1/O_que_%C3%A9_a_documenta%C3%A7%C3%A3o_Parapublicar.pdf. Acesso em: 30. Jan. 2023.

BUCKLAND. Michael K. **What Is a “Document”?** JOURNAL OF THE AMERICAN SOCIETY FOR INFORMATION SCIENCE—September 1997. Disponível em: <https://people.ischool.berkeley.edu/~buckland/whatdoc.html>. Acesso em: 30. Jan. 2023.

BUCKLAND. Michael. **Information as a thing**. Journal of the American Society for Information Science, v. 42, n 5, p. 351-360, 1991. Disponível em: <https://ppggoc.eci.ufmg.br/downloads/bibliografia/Buckland1991.pdf>. Acesso em: 30. Jan. 2023.

CÂNDIDO, Maria Inez. **Documentação museológica**. Caderno de Diretrizes Museológicas. Brasília/MINC/IPHAN/Departamento de Museus e Centros Culturais. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/Superintendência de Museus, 2006. Disponível em: https://www.sisemsp.org.br/blog/wp-content/uploads/2015/04/Caderno_Diretrizes_I-Completo-1.pdf. Acesso em: 30. Jan. 2023.

CHAGAS, Mário De Souza. **Em busca do documento perdido: a problemática da construção teórica na área da documentação**. Cadernos de Sociomuseologia, v. 2, n. 2, 1994. Disponível em:

<https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/534>. Acesso em: 30. Jan. 2023.

Código de Ética para Museus do ICOM. Conselho Internacional de Museus. Disponível em: https://www.icom.org.br/?page_id=30. Acesso em 27 de out. 2020

CONSELHO Internacional de Museus. Icom aprova nova definição de museu. Disponível em: <https://www.icom.org.br/?p=2756>. Acesso em 11 out. 2022.

CORÁ, Janaína; BATTESTIN, Cláudia. **Gabinete de curiosidades: um lugar de maravilhamento diante do mundo.** Disponível em <https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/sensorium/article/view/3806>. Acesso em 11 fev. 2022.

DALCOLMO, Jessica. **Museus de Arte na metade do século XX: uma utopia modernista.** Disponível em <https://econtents.bc.unicamp.br/eventos/index.php/eha/article/view/3480>. Acesso em 23. Fev. 2022.

FERREZ, Helena D. **Documentação museológica: teoria para uma boa prática.** In: IPHAN. Estudos Museológicos. Rio de Janeiro, 1994. (Cadernos de Ensaios 2).

FERREZ, Helena Dodd; PEIXOTO, Maria Elizabete Santos. **Manual De Catalogação: Pintura, Escultura, Desenho, Gravura. Museu Nacional de Belas Artes.** 1995.

Fundação Catarinense de Cultura. Espaços. MASC. **O Museu**, 2018. Disponível em > <https://www.cultura.sc.gov.br/espacos/masc/o-museu> < . Acesso em: 23 de out. 2020.

GARRETT PINHO, Elsa. **Normas Gerais de Inventário-Artes Plásticas e Artes Decorativas.** Instituto Português de Museus, 2000.

GÓMEZ DUEÑAS, L. F. Modelos de interoperabilidad en bibliotecas digitales y repositorios documentales: caso Biblioteca Digital Colombiana BDCOL. Disponível em: http://eprints.rclis.org/14878/1/MODELOS_DE_interoperabilidad_BDCOL.pdf . Acesso em: 29. Jan. 2023.

GUGLIOTTA, Alexandre, Carlos. **Pensando e Repensando o documento.** Revista Ibero-americana de Ciência da Informação. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/89458>. Acesso em: 20 jun. 2021.

GUGLIOTTA Alexandre, Carlos. **Uma bibliotecária a serviço da documentação.** Biblos: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, v. 31, n. 2, p. 14-30, jun./dez. 2017. Disponível em; <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/56894>. Acesso em: 20 jun. 2021.

GRÁCIO, José Carlos Abbud. **Metadados para a descrição de recursos da Internet: o padrão Dublin Core, aplicações e a questão da interoperabilidade.** 2002. 127 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, 2002. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/93722>. Acesso em: 14. Nov. 2022.

HARPRING, Patricia. Introdução aos Vocabulários Controlados: Terminologia para arte, arquitetura e outras obras culturais. **Coleção Gestão e Documentação de Acervos: Textos e**

Referência. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo ACAM portinari. Disponível em: <https://www.sisemsp.org.br/wp-content/uploads/2013/12/Vocabularios%20Controlados%20-%20Digital.pdf>. Acesso em: 30. Jan. 2023.

INSTITUTO Bardi. Disponível em: <http://institutobardi.com.br/>: Acesso em 27 de out. 2020.

IBRAM. **Acervos digitais nos museus: manual para realização de projetos.** Instituto Brasileiro de Museus; Universidade Federal de Goiás Brasília, DF: Ibram, 2020. 140. Disponível em: <https://antigo.museus.gov.br/acervos-digitais-nos-museus-manual-para-realizacao-de-projetos/>. Acesso em 19. Jan. 2023.

LE COADIC, Yves-François. **A ciência da Informação.** Tradução: Maria Yêda F.S de Figueiras Gomes. Brasília, DF: Briquet de Lemos/ Livros, 1996. Disponível em: <https://bibliotextos.files.wordpress.com/2012/07/a-cic3aancia-da-informac3a7c3a3o-le-coadic.pdf>. Acesso em 30. Jan. 2023.

LIMA, Fábio Rogério Batista; SANTOS, Plácida Leopoldina VAC; SANTARÉM SEGUNDO, José Eduardo. Padrão de metadados no domínio museológico. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 21, p. 50-69, 2016. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/173685>. Acesso em: 30. Jan. 2023.

LOUREIRO, José. Mauro. Matheus. **A Documentação e suas diversas abordagens: esboço acerca da unidade museológica.** Documentação em suas diversas abordagens. MAST Colloquia, V.10. Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: https://livroaberto.ibict.br/bitstream/1/933/1/mast_colloquia_10.pdf. Acesso em 30. Jan. 2023.

LOURENÇO, Maria Cecília França. **Museus acolhem moderno.** São Paulo: Edusp, 1999.

MARCONDES, C. H. **Metadados: descrição e recuperação de informações na Web.** Bibliotecas digitais: saberes e práticas. 2. ed. Salvador: EDUFBA; Brasília: IBICT, 2006.

MASP. **Sobre o MASP**, Disponível em: <https://masp.org.br/sobre>: Acesso em 23 out. 2020.

MEDEIROS, Marisa Bräscher Basilio; CAFÉ, Lígia Maria Arruda. Organização da informação ou organização do conhecimento? 2008. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/176535>. Acesso em: 01 nov. 2022.

MODERNISMO no Brasil. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo359/modernismo-no-brasil>. Acesso em: 23 de out. 2020. Verbete da Enciclopédia.

MORO, Fernanda. Camargo. **Museu: aquisição/ documentação. Tecnologias apropriadas para a preservação dos bens culturais.** Rio de Janeiro, 1986.

MUSEU de Arte Moderna de São Paulo (MAM/SP). In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/instituicao16564/museu-de-arte-moderna-de-sao-paulo-mam->

[sp?gclid=Cj0KCOiAjc2QBhDgARIsAMc3SqTSG7M1gxgmrtP5V6rrg4SECvwTT40VbKSKAky8R3-3xGzm1x4ZoMMaAqoMEALw_wcB](https://www.scielo.br/j/pci/a/nBnHLXhntbdShKvpM8tT3rB/?format=pdf&lang=pt). Acesso em: 23 Fev. 2022.

MUSEU de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://mam.rio/sobre-o-mam/historico/>. Acesso em 23. Fev. 2022.

MUSEU, Nacional de Belas Artes. Disponível em: <https://artsandculture.google.com/partner/museu-nacional-de-belas-artes>. Acesso em 23. Fev. 2022.

ORTEGA, Cristina Dotta. **Surgimento e consolidação da documentação: subsídios para a compreensão da história da Ciência da Informação no Brasil**. Perspectivas em Ciência da Informação, v. 14, número especial, p. 59-79, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/nBnHLXhntbdShKvpM8tT3rB/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 30. Jan. 2023.

PADILHA, Renata Cardozo; CAFÉ, Lígia. **A interoperabilidade semântica entre acervos de museus: discutindo o caso dos Museus da Imagem e do Som**. Em *Questão*, n. 1, v. 23, p. 113-128, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/64482/0>. Acesso em: 30. Jan. 2023.

PEREIRA, Verena Carla. A construção de um projeto para a arte no Brasil: a gênese da Fundação Bienal de São Paulo. *Revista-Valise*, v. 4, n. 8, p. 43-56, 2014. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/RevistaValise/article/view/45494>. Acesso em: 30. Jan. 2023.

PINHO, Isa Garrett. FREITAS, Inês da Cunha. Normas de Inventário–Artes Plásticas e Artes Decorativas, Escultura. **Instituto Português dos Museus**, 2000.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico: Métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2.ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SARACEVIC, Tefko. **Ciência da Informação: origem, evolução e relações**. Perspectivas em Ciência da Informação, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-62, jan/jun. 1996. Disponível em: https://www.brapci.inf.br/repositorio/2017/07/pdf_7810a51cca_0000015436.pdf. Acesso em 30. Jan. 2023

SILVA, Letícia Felix da. **Padronização da documentação museológica do MASC: Um estudo de caso dos termos de aquisição**. 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/202050/TCC%20formato%20A5%20final%20-%20TCC%20Let%3%adcia%20Felix.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 16. Fev. 2022.

SOTO, Moana. **Dos gabinetes de curiosidade aos museus comunitários: a construção de uma concepção museal à serviço da transformação social**. *Cadernos de Sociomuseologia*, v. 48, n. 4, 2014. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/4987>. Acesso em 11 Fev. 2022.

SÍMBOLOS matemáticos. Michaelis. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-ingles/simbolos-matematicos/>. Acesso em 09 Nov. 2022.

SOUZA, Renato Rocha. Sistemas de Recuperação de Informações e Mecanismos de Busca na web: panorama atual e tendências. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 11, n.2, p. 161-173, mai./ago. 2006. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/pci/a/7tt9ykG8xTGbWsyYnDhmghr/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 29. Jan. 2023.

SMIT, Joahanna, **Documentação em museus**. Documentação em suas diversas abordagens. MAST Colloquia, V.10. Rio de Janeiro, 2008

TARAPANOFF, Kira; JUNIOR, Rogério Henrique de Araújo; CORMIER, Patricia Marie Jeanne. **Sociedade da informação e inteligência em unidades de informação**. Ci. Inf., Brasília, v. 29, n. 3, p. 91-100, set./dez. 2000. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ci/a/gDKsspB85XygDsW7wwNDmJM/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 20 jun. de 2021.

YASSUDA, Sílvia Nathaly. **Documentação museológica: uma reflexão sobre o tratamento descritivo do objeto no Museu Paulista** / Sílvia Nathaly Yassuda. – Marília, 2009.

Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/93662?show=full>. Acesso em 30. Jan. 2023.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Quadro de relação dos museus analisados para compor a pesquisa

Nº	Nome do museu	Ano de criação	Selecionado
1	<u>MASP - Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand</u>	<u>1947</u>	<u>Sim</u>
2	<u>Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro - MAM</u>	<u>1948</u>	<u>Sim</u>
3	<u>Museu Nacional de Belas Artes</u>	<u>1937</u>	<u>Não</u>
4	<u>Museu de Arte da Pampulha</u>	<u>1957</u>	<u>Não</u>
5	<u>Museu de Arte Contemporânea do Paraná MAC-PR</u>	<u>1970</u>	<u>Não</u>
6	<u>Museu Municipal de Arte - MUMA - Portão Cultural</u>	<u>1988</u>	<u>Não</u>
7	<u>Museu de Arte Sacra da Arquidiocese de Curitiba – MASAC</u>	<u>1981</u>	<u>Não</u>
8	<u>Museu de Arte do Rio - MAR</u>	<u>2013</u>	<u>Não</u>
9	<u>Museu de História e Artes do Estado do Rio de Janeiro - Museu do Ingá</u>	<u>1977</u>	<u>Não</u>

10	<u>Museu de Arte Sacra de São Paulo - MAS</u>	<u>1970</u>	<u>Não</u>
11	<u>Museu de Artes Visuais Ruth Schneider</u>	<u>1996</u>	<u>Não</u>
12	<u>Museu Bispo do Rosário de Arte Contemporânea</u>		<u>Não</u>
13	<u>Museu de Arte Moderna de Resende</u>	<u>1950</u>	<u>Não</u>
14	<u>Museu de Arte de Londrina</u>	<u>1993</u>	<u>Não</u>
15	<u>Museu de Arte Religiosa e Tradicional de Cabo Frio</u>	<u>1982</u>	<u>Não</u>
16	<u>Museu Internacional de Arte Naïf do Brasil</u>	<u>1995</u>	<u>Não</u>
17	<u>Museu de Arte Sacra da Irmandade do Santíssimo Sacramento</u>	<u>1970</u>	<u>Não</u>
18	<u>Museu de Arte Sacra do Carmo/Paróquia do Pilar</u>	<u>1987</u>	<u>Não</u>
19	<u>Museu de Arte Sacra de Iguape</u>	<u>1979</u>	<u>Não</u>
20	<u>Museu de Arte do Espírito Santo Dionísio Del Santo</u>	<u>1998</u>	<u>Não</u>

21	<u>Museu de Arte Contemporânea - MAC Niterói</u>	<u>1996</u>	<u>Não</u>
22	<u>Museu de Arte Sacra da Diocese de São João da Boa Vista</u>	<u>1987</u>	<u>Não</u>
23	<u>Museu de Arte Sacra Iria Josepha da Silva</u>	<u>1986</u>	<u>Não</u>
24	<u>Museu de Arte Murilo Mendes - MAMM</u>	<u>2005</u>	<u>Não</u>
25	<u>Museu Arquidiocesano de Arte Sacra de Mariana</u>		<u>Não</u>
26	<u>Museu de Arte Sacra de Santos</u>	<u>1981</u>	<u>Não</u>
27	<u>Museu Diocesano de Arte Sacra Padre Antônio Nóbrega de São Francisco do Sul</u>	<u>2013</u>	<u>Não</u>
28	<u>Museu da Seresta - Solar de Cultura Arte Miúda</u>	<u>2002</u>	<u>Não</u>
29	<u>Museu de Arte Contemporânea de Americana</u>	<u>1978</u>	<u>Não</u>
30	<u>Museu de Arte da Universidade Federal do Paraná - MusA UFPR</u>	<u>2002</u>	<u>Não</u>
31	<u>Pinacoteca Municipal Miguel Dutra</u>	<u>1969</u>	<u>Não</u>

32	<u>Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli - MARGS</u>	<u>1954</u>	<u>Não</u>
33	<u>Museu Arquiocesano de Arte Sacra</u>	<u>2001</u>	<u>Não</u>
34	<u>Museu de Arte Sacra de São João del Rei</u>	<u>1984</u>	<u>Não</u>
35	<u>Museu de Arte Naïf</u>	<u>2007</u>	<u>Não</u>
36	<u>Museu de Arte Sacra (São Sebastião)</u>	<u>1981</u>	<u>Não</u>
37	<u>MAI - Museu de Arte Indígena - Instituto Julianna Rocha Podolan Martins</u>	<u>2009</u>	<u>Não</u>
38	<u>Museu de Mineralogia e Arte Sacra</u>	<u>1995</u>	<u>Não</u>
39	<u>Museu de Arte Sacra - Igreja de Nossa Senhora da Conceição</u>	<u>-</u>	<u>Não</u>
40	<u>Museu de Arte de Santa Catarina - MASC</u>	<u>1949</u>	<u>Sim</u>
41	<u>Museu de Arte de Santa Maria</u>	<u>1992</u>	<u>Não</u>
42	<u>Museu de Arte Contemporânea de Campinas José Pancetti - MACC</u>	<u>1976</u>	<u>Não</u>

43	<u>Museu de Arte de Ribeirão Preto Pedro Manuel Gismondi</u>	<u>1992</u>	<u>Não</u>
44	<u>Museu de Artes Visuais da Universidade de Campinas</u>	<u>2012</u>	<u>Não</u>
45	<u>Museu de Arte Primitiva de Assis - MAPA</u>	<u>1999</u>	<u>Não</u>
46	<u>Museu Arquidiocesano de Arte Sacra de Belo Horizonte</u>	<u>2009</u>	<u>Não</u>
47	<u>Museu de Arte José Pinto Bicca de Medeiros</u>	<u>1985</u>	<u>Não</u>
48	<u>Museu de Arte Contemporânea de Sorocaba - MACS</u>	<u>2010</u>	<u>Não</u>
49	<u>Museu de Arte e Cultura de Caraguatatuba</u>	<u>2002</u>	<u>Não</u>
50	<u>Museu Universitário de Arte - MUnA - Universidade Federal de Uberlândia</u>	<u>1995</u>	<u>Não</u>
51	<u>Museu de Arte Brasileira - Fundação Armando Álvares Penteado</u>	<u>1961</u>	<u>Não</u>
52	<u>Museu de Artes Doutor Carlos Nelz</u>	<u>1992</u>	<u>Não</u>

53	<u>Museu de Arte Moderna de São Paulo - MAM</u>	<u>1948</u>	<u>Sim</u>
54	<u>Museu de Arte Decorativa - MADA</u>	<u>2002</u>	<u>Não</u>
55	<u>Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo - MALG</u>	<u>1986</u>	<u>Não</u>
56	<u>Museu Arquidiocesano de Arte Sacra de Campinas - MAAS</u>	<u>1964</u>	<u>Não</u>
57	<u>Museu de Arte e Ofício de Itabirito</u>	<u>2008</u>	<u>Não</u>
58	<u>Museu de Arte Primitivista José Antônio da Silva</u>	<u>1980</u>	<u>Não</u>
59	<u>Museu de Arte de Blumenau - MAB</u>	<u>2004</u>	<u>Não</u>
60	<u>Museu de Arte de Joinville - MAJ</u>	<u>1976</u>	<u>Não</u>
61	<u>Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul - MACRS</u>	<u>1992</u>	<u>Não</u>
62	<u>Museu de Arte de Cascavel - MAC</u>	<u>1996</u>	<u>Não</u>
63	<u>Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo - MAC USP</u>	<u>1963</u>	<u>Não</u>

64	<u>Museu de Arte Sacra da Diocese de Uberlândia</u>	<u>2015</u>	<u>Não</u>
65	<u>Museu de Música Sacra e Arte Religiosa Padre Jesuíno do Monte Carmelo</u>	<u>2000</u>	<u>Não</u>
66	<u>Museu Araçatubense de Artes Plásticas</u>	<u>2000</u>	<u>Não</u>

APÊNDICE B - Equipe completa do MASP

EQUIPE MASP				
Setor	Subsetores	Pessoas responsáveis	Estagiários	Recursos Humanos totais
Diretoria executiva	Diretor artístico	1	-	3
	Diretora de relações institucionais	1	-	
	Diretor financeiro e de operações	1	-	
Diretoria artística	Acervo e conservação	9	1	64
	Centro de pesquisa	5	3	
	Comunicação e Marketing	6	2	
	Curadoria	10	-	
	Editorial e design	7	1	
	Expografia	2	-	

	Mediação e programas públicos	5	2	
	Produções de exposições e publicações	11	-	
Diretoria financeira e de operações	Financeiro	17	-	110
	Infraestrutura	16	1	
	Jurídico	1	1	
	Loja	9	-	
	Operações	49	4	
	Projetos e arquitetura	2	-	
	Planejamento estratégico	2	1	
	Recursos humanos	4	-	
	Secretaria	3	-	
Diretoria de relações institucionais	Patrocínios e projetos incentivados	3	1	10
	Projetos para pessoa física	3	-	
	Novos projetos	3	-	

APÊNDICE C - Equipe completa do MAM-SP

EQUIPE MAM-SP				
Setor	Subsetores	Pessoas responsáveis	Estagiários	Recursos Humanos totais

Direção	Diretor artístico	1	-	6
	Superintendente executivo	1	-	
	Acervo	4	-	
Administração	Coordenação	2	-	6
	Compras	1	-	
	Financeiro	3	-	
Biblioteca	Coordenação	2	-	2
Comunicação	Coordenação	3	-	8
	Designer	1	-	
	Produção e edição de vídeo	1	-	
	Fotografia	1 (empresa)	-	
	Curadoria	2	-	
Educativo	Coordenação	2	-	14
	Educativo	10	2	
Jurídico		1 (empresa)	1 (mesma empresa)	2
Negócios	Coordenação	1	1	8
	Clube de colecionadores	1	-	
	Eventos	1	-	
	Loja	1 + 1 (empresa)	-	
	Sócios	1	-	

	Cursos	1	-	
Patrimônio	Coordenador	1	-	5 pessoas + 2 empresas
	Assistentes	2	-	
	Manutenção predial	1 (empresa)	-	
	Bombeiro civil	1 (empresa)	-	
	Limpeza	1 (empresa)	-	
		1 (empresa)	-	
Presidência	Assistente de diretoria	2	-	2
Produção de exposições	Coordenação	1	-	4
	Produção	2	-	
	Assistente	1	-	
Recursos humanos	Coordenação	1	-	2
	Analista	1	-	
Tecnologia da informação	Coordenação	1	-	1 + 1 empresa
	Suporte técnico	2 (empresas)	-	
Total				

APÊNDICE D - Equipe completa do MAM-RJ

EQUIPE MAM-RJ				
Setor	Subsetores	Pessoas responsáveis	Estagiários	Recursos Humanos totais

Direção	Diretoria executiva	1	-	4
	Diretoria de planejamento, administração e financeira	1	-	
	Diretoria artística	2	-	
Curadoria	Curadoria adjunta	1	-	2
	Assistente de curadoria	1	-	
Museologia	Gerente	1	-	6
	Coordenadora de museologia	1	-	
	Coordenadora de conservação	1	-	
	Museóloga	1	-	
	Montadores	2	-	
Cinemateca	Gerente	1	-	8
	Coordenador de cinema	1	-	
	Coordenação de documentação e cinema	1	-	
	Pesquisador de cinema	1	-	
	Assessor audiovisual	1	-	
	Operadores cinematográficos	2	-	
	Recepção	1	-	
Educação e	Gerente	1	-	6

participação	Coordenadora de mediação	1	-	
	Educativo	3	-	
	Assistente administrativo	1	-	
Pesquisa e documentação	Pesquisadoras	2	-	7
	Arquivista	1	-	
	Museólogo	1	-	
	Bibliotecário	1	-	
	Auxiliar de biblioteca	1	-	
	Jovem aprendiz	1	-	
Produção	Gerente	1	-	10
	Coordenadora de designer	1	-	
	Designer	1	-	
	Coordenadora de mídias digitais	1	-	
	Editor de conteúdo digital	1	-	
	Audiovisual	1	-	
	Fotógrafo	1	-	
	Coordenadora de publicações	1	-	
	Assistente editorial	1	-	
	Assessoria de imprensa	1	-	

Relações institucionais	Coordenadora	1	-	4
	Analistas	2	-	
	Analistas de eventos	1	-	
Administração e finanças	Superintendência financeira	1	-	10
	Coordenador administrativo e financeiro	1	-	
	Analista de recursos humanos	1	-	
	Analista administrativos financeiro	1	-	
	Assistente de projetos	1	-	
	Auxiliar administrativo	1	-	
	Assistente de bilheteria	2	-	
	Assistente de loja	1	-	
	Recepcionista	1	-	
Operações e TI	Gerente	1	-	28
	Analista de operações e manutenção	1	-	
	Eletricista	2	-	
	Mecânico de refrigeração	2	-	
	Operador de ar-condicionado	1	-	

	Auxiliar de manutenção	3	-	
	Supervisora de salão de exposição	1	-	
	Auxiliar de salão de exposição	2	-	
	Orientador de público	15	-	

APÊNDICE E - Equipe completa do MASC

EQUIPE MASC			
Setor	Pessoas responsáveis	Estagiários	Recursos Humanos totais
Coordenação	1	-	1
Conservação e Acervo	1	1	2
Ação educativa	3	1	4
Pesquisa e documentação	1	-	1
Montagem e iluminação	1	-	1
Apoio administrativo	2	-	2
Identidade visual	1	-	1
Revisão de textos	1	-	1
Total			13

ANEXOS

ANEXO A - Ficha de catalogação do MASP

Nº Tombo
MASP.11129



DESIGNAÇÃO

Designação

Pintura

TÍTULOS

Tipo de título

Título

Título original

Mulher pensando

Título preferido

Mulher pensando

Notas: Como consta o título original

AQUISIÇÃO

Tipo de aquisição

Procedência

Data de aquisição

Data textual

Créditos

Doação Lais Helena Zogbi Porto | Telmo Giolito Porto

17/09/2020

2020

Doação Lais H. Zogbi Porto e Telmo G. Porto, 2020

Notas: Recomendada pelo Comitê Cultural na data 08/09/2020.

AUTORIA

Autor

Georgina de Albuquerque (Taubaté, Brasil, 1885 - Rio de Janeiro, Brasil, 1962)

CLASSIFICAÇÃO

Classificação

Objetos de comunicação\Arte

COLEÇÕES

Tipo de coleção

XXXXX

COMPONENTES

Componente

Nº de itens

Notas

XXXXX

XX

CRONOLOGIA

Data inicial

Era inicio

Data final

Era fim

Data textual

00/00/0000

d.C

00/00/0000

d.C

Sem data

DIMENSÕES

Tipo de medida

Valor

Unidade de medida

Altura

55,00

Centímetro

Largura

40,50

Centímetro

DIMENSÕES-RESUMO

Resumo

55 x 40,5 cm

ENTRADA

Data de entrada

Tipo de entrada

Procedência

Responsável

08/07/2020

Aquisição

Lais Helena Zogbi Porto; Telmo Giolito Porto

Erick Santos de Jesus

INSCRIÇÕES

Tipo de inscrição

Autor

Texto

Técnica

Tipo de Material

Posição

Assinatura

Georgina de Albuquerque
(Taubaté, Brasil, 1885 - Rio de
Janeiro, Brasil, 1962)

Georgina de Albuq

Pintura

Composto orgânico e inorgânico\Composto
orgânico e inorgânico natural\Tinta (origem
natural)\Tinta a óleo

Canto inferior direito

LOCALIZAÇÃO

Tipo de localização

Local habitual

Data da localização

XXXXX

Não

dd/mm/aaaa

MATERIAIS

Tipo de material

Orgânico\Orgânico de origem natural\Processado de origem natural\Tecido de origem vegetal\Tela (origem vegetal)

Composto orgânico e inorgânico\Composto orgânico e inorgânico natural\Tinta (origem natural)\Tinta a óleo

NUMERAÇÃO

Número

Tipo de numeração

R.02998

Número temporário de registro

PROCEDÊNCIA

Tipo de procedência

Entidade

Local administrativo

Justificativa

Data textual

Venda

Telmo Giolito Porto

América\Brasil\São Paulo

Era proprietário junto a Lais H. Zogbi
Porto, fizeram a doação em conjunto

Até 2020

Venda

Lais Helena Zogbi Porto

América\Brasil\São Paulo\São
PauloEra proprietária junto ao Telmo Porto,
fizeram a doação em conjunto

Até 2020

TÉCNICAS

Técnica

Pintura

VALORES

Avaliador

Moeda

Tipo de Valor

Valor

Data do valor

XXXXX

R\$

Seguro

X.XXX,XX

dd/mm/aaaa

ANEXO B - Metadados da ficha de catalogação do MAM-SP

METADADOS FICHA DE CATALOGAÇÃO - MAM-SP
Tombo
Artista
Título
Localização
Data atual (localização)
Observações (localização)
Categoria
Ano entrada
Partes
Procedência
Procedência multimídia
Código procedência
Título multimídia
Título original
Observações título
Conjunto
Tipo conjunto
Data observação
Seguro (USD)
Data obra
Exposição
Técnica completa
Técnica para legenda
Técnica multimídia

Assinatura
Reserva (Local. em)
Local provisório
Foto
Data entrada
Cromo
Negativo
Termo doação
Proposta doação
Agradecimento doação
Observação
Imagem
Direito autoral
Data primeira expo
CD número
Fotógrafo
Seguro (acervo)
Dimensões: ÁLBUM
Altura
Largura
Profundidade
Tiragem
Dimensões: AQUARELA
Altura suporte
Largura suporte
Altura Passepartout
Largura Passepartout

Altura moldura
Largura moldura
Profundidade moldura
Dimensões: COLAGEM
Altura Suporte
Largura Suporte
Altura Passepartout
Largura Passepartout
Altura Moldura
Largura moldura
Profundidade moldura
Dimensões: DESENHO
Altura Suporte
Largura Suporte
Altura Passepartout
Largura Passepartout
Altura Moldura
Largura Moldura
Profundidade Moldura
Dimensões: MÚLTIPLO
Altura
Largura
Profundidade
Tiragem
Dimensões: FOTO
Altura Suporte
Largura Suporte

Altura Imagem
Largura Imagem
Altura Passepartout
Largura Passepartout
Altura Moldura
Largura Moldura
Profundidade Moldura
Tiragem
Dimensões: PINTURA
Altura Suporte
Largura Suporte
Profundidade Suporte
Altura Moldura
Largura Moldura
Profundidade Moldura
Peso
Dimensões: IMPRESSÃO
Altura
Largura
Profundidade
Tiragem
Dimensões: VIDEO
Tempo
Observação
Dimensões: PERFORMANCE
Tempo
Observação

Dimensões: OBJETO
Altura
Largura
Profundidade
Base
Material Base
Altura Base
Largura Base
Profundidade Base
Peso
Dimensões: LIVRO
Altura
Largura
Profundidade
Tiragem
Dimensões: RELEVO
Altura
Largura
Profundidade
Peso
Dimensões: GRAVURA
Altura Suporte
Largura Suporte
Altura Imagem
Largura Imagem
Altura Passepartout
Largura Passepartout

Altura Moldura
Largura Moldura
Profundidade Moldura
Tiragem
Dimensões: Ilustração
Altura
Largura
Profundidade
Dimensões: TAPEÇARIA
Altura
Largura
Profundidade
Dimensões: ESCULTURA
Altura
Largura
Profundidade
Base
Material Base
Altura Base
Largura Base
Profundidade Base
Peso
Restauro e/ou intervenções na obra
Tipo tratamento
Data restauro
Restaurador


Laudo

ANEXO C - Ficha de catalogação do MAM RJ

[← anterior](#)
[próximo →](#)
[imprimir laudo](#)
[gravar](#)
[fechar](#)

Acervo - [inclusao]

Identificação

Autoria	<input type="text"/>	Imagem de referência	
Título da obra	<input type="text"/>	Procedência da imagem	<input type="text"/>
Nº de Registro	<input type="text"/>	Ano de entrada	<input type="text"/>
Data de entrada	<input type="text"/>	Fotografias digitais?	<input type="text"/>
Coleção	<input type="text"/>	Complemento	<input type="text"/>
Doação ou colecionador	<input type="text"/>	Descrição	<input type="text"/>
Gênero da obra	<input type="text"/>	Tradução do curinga	<input type="text"/>
Curinga para etiqueta	<input type="text"/>		

Título, Série e Tiragem

Título original	<input type="text"/>	Obs. s/ o título	<input type="text"/>
Título em português	<input type="text"/>		
Título em Inglês	<input type="text"/>		
Série/Álbum original	<input type="text"/>	Múltiplo	<input type="text"/>
Série/Álbum em português	<input type="text"/>	Justificativa de tiragem/edição	<input type="text"/>
Série/Álbum em inglês	<input type="text"/>		

Data

Data da obra	<input type="text"/>	Observação sobre a data	<input type="text"/>
Ano p/ pesquisa	<input type="text"/>		

Técnica

Técnica/Material no original	<input type="text"/>		
Técnica/Material em português	<input type="text"/>		
Técnica/Material em inglês	<input type="text"/>		
Sonoro?	<input type="text"/>	Formato	<input type="text"/>

Dimensões, Duração e Peso			
Altura	<input type="text"/>	Altura da moldura/base	<input type="text"/>
Largura	<input type="text"/>	Largura da moldura/base	<input type="text"/>
Profundidade	<input type="text"/>	Profundidade da moldura/base	<input type="text"/>
Duração	<input type="text"/>		
Peso	<input type="text"/>	Observação sobre as dimensões/peso	<input type="text"/>
Altura do suporte	<input type="text"/>	Largura do suporte	<input type="text"/>
Profundidade do suporte	<input type="text"/>		

Inscrições e Descrições			
Inscrições	<input type="text"/>	Inscrições/Marcas/Etiquetas: Localização	<input type="text"/>
Descrição do estado de conservação	<input type="text"/>		

Montagem e Embalagem			
Instruções de montagem	<input type="text"/>	Observações de montagem	<input type="text"/>
Especificações e observações para embalagem	<input type="text"/>		
Anexos	<input type="text" value="vazio"/> <input type="button" value="vazio"/> <input type="button" value="vazio"/> <input type="text" value="vazio"/> <input type="button" value="vazio"/> <input type="button" value="vazio"/> <input type="text" value="vazio"/> <input type="button" value="vazio"/> <input type="button" value="vazio"/> <input type="text" value="vazio"/> <input type="button" value="vazio"/> <input type="button" value="vazio"/>		




Modo de aquisição			
Modo de aquisição	<input type="text"/>	Documento de aquisição	<input type="text" value="vazio"/> <input type="button" value="vazio"/> <input type="button" value="vazio"/>
Procedência	<input type="text"/>		
Data comissão de acervo	<input type="text"/> <input type="button" value="vazio"/>	Histórico da aquisição	<input type="text"/>

Localização			
Localização	<input type="text"/>	Complemento	<input type="text"/>
Localização temporária	<input type="text"/>		

Informações complementares			
Verbetes	<input type="text"/>		
Responsável	<input type="text"/>	Data	<input type="text"/> <input type="button" value="vazio"/>
Movimentos / Expressões artísticas	<input type="text"/>		
		Observação sobre a obra	<input type="text"/>

Catalogação			
Data	<input type="text"/> <input type="button" value="vazio"/>	Responsável	<input type="text"/>

ANEXO D - Ficha de catalogação do MASC

 Metadados	 Anexos (0)	 Atividades
<hr/>		
Registro		
MASC1882		
<hr/>		
Título		
"9514"		
<hr/>		
Artista		
Fayga Ostrower		
<hr/>		
Data		
1995		
<hr/>		
Técnica		
gravura > metal > água forte relevo		
<hr/>		
Suporte/ Materiais		
papel		
<hr/>		
Dimensões		
39,5 x 59,5 cm/52 x 71,6		
<hr/>		
Local		
Nenhum valor informado.		
<hr/>		
Naturalidade		
Lodz, Polônia, 1920 - Rio de Janeiro, RJ, 2001		
<hr/>		
descrição		
Fayga Ostrower (Lodz, Polônia, 1920 - Rio de Janeiro, RJ, 2001), "9514", água-forte, água-tinta e relevo sobre papel, 1995, 39,5 x 59,5 cm/52 x 71,6 cm		
<hr/>		
Coleções		
Fayga Ostrower		
<hr/>		

Documento



Miniatura



Texto alternativo da miniatura 